

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JULIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA

RAFAEL BELLAN RODRIGUES DE SOUZA

MÍDIA E CENÁRIOS POLÍTICOS E CULTURAIS NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

BAURU /SP
2006

Número de Chamada
Clas. T / UNESP
PHA S 718m
Tombo nº 1791

RAFAEL BELLAN RODRIGUES DE SOUZA

MÍDIA E CENÁRIOS POLÍTICOS E CULTURAIS NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

BIBLIOTECA UNESP CAMPUS BAURU

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Dr. Luciano Guimarães

BAURU /SP
2006

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

DIVISÃO TÉCNICA DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP – BAURU

Souza, Rafael Bellan Rodrigues de.
Mídia e cenários políticos e culturais no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) / Rafael Bellan Rodrigues de Souza, 2006.
110 f.

Orientador : Luciano Guimarães.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2006.

1. Comunicação. 2. Contra-hegemonia. 3. Produção de sentido. 4. MST. I – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II - Título.

Ficha catalográfica elaborada por Maristela Brichi Cintra – CRB 5046

FOLHA DE APROVAÇÃO

RAFAEL BELLAN RODRIGUES DE SOUZA

MÍDIA E CENÁRIOS POLÍTICOS E CULTURAIS NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Bauru, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Cicilia Maria Krohling Peruzzo – PPG Comunicação - Umesp

---

Dr. Luciano Guimarães – FAAC - Unesp

Dr. Murilo César Soares – FAAC - Unesp

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ATA DA DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE RAFAEL BELLAN RODRIGUES DE SOUZA, ALUNO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO, UNESP, CAMPUS DE BAURU.

Ao primeiro dia do mês de setembro de dois mil e seis, às quatorze horas, na Sala dos Órgãos Colegiados da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, instalou-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado composta pelos seguintes Membros: Prof. Dr. Luciano Guimarães, Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP - *campus* de Bauru, Presidente, Prof. Dr. Murilo Cesar Soares, Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP - *campus* de Bauru, Profª. Drª. Cicilia Maria Krohling Peruzzo, Professora do Programa de Pòs-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP - São Bernardo do Campo, a fim de proceder a argüição pública da Dissertação de Mestrado de **RAFAEL BELLAN RODRIGUES DE SOUZA**, do Programa de Pós-Graduação "Comunicação", desta Faculdade, intitulada: **"MÍDIA E CENÁRIOS POLÍTICOS E CULTURAIS NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)"**. Abertos os trabalhos, foi dada a palavra a Profª. Drª. Cicilia Maria Krohling Peruzzo, que argüiu o candidato por quarenta minutos, tendo este respondido em vinte minutos. Em seguida, o Prof. Dr. Murilo Cesar Soares argüiu o candidato por quarenta minutos, tendo este respondido em vinte minutos. Finalmente o Prof. Dr. Luciano Guimarães discorreu sobre o trabalho por vinte minutos. Logo após, reuniu-se a Comissão Examinadora, tendo chegado ao seguinte julgamento, que de público foi anunciado: Profª. Drª. Cicilia Maria Krohling Peruzzo – conceito: "APROVADO"; Prof. Dr. Murilo Cesar Soares – conceito: "APROVADO"; Prof. Dr. Luciano

Guimarães – conceito: "APROVADO". A Comissão Examinadora apresentou o conceito final: **"APROVADO"**. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai por mim assinada, Silvio Carlos Decimone e pela Comissão Examinadora. Bauru, 1º de setembro de 2006.

Prof. Dr. Luciano Guimarães
(Presidente)

Prof. Dr. Murilo Cesar Soares

Profª. Drª. Cicilia Maria Krohling Peruzzo

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa não teria sido possível sem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP. Agradeço pelo auxílio recebido, que me permitiu a dedicação necessária a este estudo.

Aos militantes do MST, pela atenção concedida e pela paixão revolucionária contagiante, meus agradecimentos.

Quando estava impossibilitado de me locomover, Claudia Carnevskis foi minhas pernas, meus braços e minhas mãos, mesmo em condições climáticas nada agradáveis. Devo-lhe grande parte de minhas reflexões, graças a sua atenta interlocução e carinhosa companhia.

O professor Luciano Guimarães foi o grande responsável por aguçar meu interesse no campo da comunicação, a ele agradeço.

Aos familiares e amigos que acompanharam meus passos e apoiaram minhas decisões, meus sinceros agradecimentos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

RESUMO

Este trabalho investiga a produção de sentido das mídias radicais alternativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) procurando identificar os recursos utilizados na criação de valores e princípios, ou seja, na composição das representações sociais e culturais do movimento. Essa comunicação simbólica, que atua de forma direta na constituição do imaginário político e na formação da identidade do trabalhador rural que ingressa no movimento, é construída por meio de estratégias coordenadas pelo setor de comunicação. Nosso intuito é comparar o conjunto de significados presentes nas mídias do MST ao contexto social em que essa comunicação se efetiva, considerando os fatores relacionados a essa produção. Os elementos constitutivos do cenário de representação político alternativo (CR-P), expresso nos três tipos de mídias do movimento (primária, secundária e terciária), segundo a classificação do teórico da mídia e jornalista alemão Harry Pross, apontam para uma nova visão social. A identificação dessas representações, que passam a constituir a realidade e motivar os militantes, permite um levantamento do ideário político e das estratégias contra-hegemônicas do MST.

Palavras-chave

Comunicação. Mídias. Contra-hegemonia. Produção de sentido. MST.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

ABSTRACT

This work investigates the sense production of alternative radical medias of the Landless Workers Movement (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST), willing to identify the resources used in the creation of values and principles, that is, in the mixture of social and cultural representations of the movement. This symbolic communication, which acts directly in the constitution of the imaginary politics and in the formation of the rural worker's identity that enters the movement, is built through strategies managed by the communication sector. Our goal is to compare the group of meanings present in MST medias with the social context which this communication executes in, considering the factors related to this production. The elements of the scenery of alternative political representation (CR-P), expressed in the three types of medias of the movement (primary, secondary and tertiary), according to the classification of media theoretician and journalist Harry Pross, point to a new social view. The identification of these representations, which start to constitute the reality and motivate the militants, allows a survey of the political ideal and counter-hegemony strategies of MST.

Keywords

Communication. Medias. Counter-hegemony. Sense production. MST

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cenário simbólico....65
Figura 2 – Bonecos....66
Figura 3 – Boneco (gênero)....66
Figura 4 - Mística....67
Figura 5 – Festa na plenária....67
Figura 6 – Figurino....68
Figura 7 – Cartilha 1....81
Figura 8 – Cartilha 2....82
Frigura 9 – Cartaz "O legado de Che Guevara"....85
Figura 10 – Cartaz do Congresso do MST....86
Figura 11 – Cartaz "Nossos compromissos com a terra e com a vida"....87
Figura 12 – Destaque da ilustração....88
Figura 13 – Rádio Camponesa FM....100
Figura 14 – Slogan da emissora....100
Figura 15 – Exercício na Oficina de Rádio....101
Figura 16 – Exercício na Oficina de Rádio II....101

SUMÁRIO

Introdução..... 8
Capítulo 1 – Cultura e comunicação radical alternativa nos movimentos sociais.....10
1.1 Comunicação e cultura: pressupostos fundamentais.....10
1.2 A comunicação nos movimentos populares.....13
Capítulo 2 – O MST no contexto do globalismo.....20
2.1 Globalização e neoliberalismo.....20
2.2 MST: origens, princípios e organização interna.....25
Capítulo 3 - Contribuições para um estudo da produção de sentido na esfera política e cultural.....30
3.1 Signos e comunicação.....30
3.2 A linguagem como força material..... 32
3.3 Ideologia..... 34
3.4 Cenário de Representação da Política Alternativo.....40
3.4.1 Hegemonia e contra-hegemonia.....40
3.4.2 O CR-P.....44
3.4.3 Elementos constitutivos.....46
Capítulo 4 - As Mídias do MST: análise dos elementos constitutivos da representação política e cultural.....47
4.1 Categorizando a Mídia.....49
4.2 O setor de comunicação do MST.....52
4.3 Análise dos elementos constitutivos dos cenários de representação.....53
4.3.1 Mídia primária.....54
4.3.2 Mídia secundária.....62
4.3.3 Mídia terciária.....88
4.4 O CR-P alternativo no MST.....94
Considerações Finais.....102
Referências Bibliográficas.....105



INTRODUÇÃO

A preocupação que norteia este trabalho centra-se na questão da práxis comunicativa dos movimentos populares, em especial o MST. Esse movimento, que se destaca nesse início de século pela sua capacidade de mobilização política e protagonismo popular, vem dedicando uma atenção especial à comunicação. Assim, o MST busca desenvolver seus meios internos de comunicação, ao mesmo tempo em que tenta divulgar suas informações nas mídias convencionais, visando à conscientização da opinião pública sobre a necessidade da reforma agrária.

O movimento, principalmente nos últimos anos, com o destaque dado pelos meios de comunicação, tornou-se assunto nacional. Muitos estudos acadêmicos demonstram o quanto as abordagens da mídia convencional desmoralizam e criminalizam o MST. As representações expressas em alguns produtos massivos, embora não ditem as opiniões dos receptores, acabam por irrigar seu imaginário. Esses meios de comunicação muitas vezes são os únicos canais disponíveis aos cidadãos para obterem as informações sobre a luta pela terra. O movimento, assim, partiu para a contra-ofensiva, utilizando diversas ferramentas para divulgar seu pensamento, tanto para seus militantes, quanto para os que simpatizam com sua causa.

Motivado pela compreensão das potencialidades dos meios de comunicação alternativos, este trabalho procura esclarecer os meandros ligados à produção de sentido no MST. Para isso, buscamos um referencial teórico crítico, que valoriza o protagonismo social desses sujeitos políticos e não incentiva a resignação perante a necessidade da transformação social. Longe de uma perspectiva trágica, enxergamos as armadilhas do atual processo globalista excludente, que a nosso ver corrói a civilização, como uma pista evidente da incapacidade do capitalismo em responder às mais vitais necessidades humanas. Partindo desse pressuposto, ou seja, da evidência de uma crise estrutural do sistema sociometabólico de reprodução do capital (MÉSZÁROS, 2004), a compreensão da comunicação como um elemento que pode favorecer a emancipação ganha destaque. Essas mídias alternativas despontam como formas criativas e exemplares de gestão da informação, além de serem um espaço onde práticas políticas alternativas são incentivadas.

Assim, temos como objetivo deste estudo investigar como as representações políticas do MST manifestam-se em suas mídias. Para esse intento, buscamos um referencial teórico que



aproxima uma base formada pela ala politizada dos Estudos Culturais, somada à discussão sobre a comunicação popular e a definição de mídia radical alternativa. Como estas metodologias nos exigem uma discussão de cunho socioeconômico, realizamos um breve panorama sobre os temas globalização e neoliberalismo, refletindo sobre o papel da comunicação nesse cenário e tendo como apoio estudos que se opõem a esse processo. Visto que o trabalho abarca o MST, no segundo capítulo contextualizamos sua gênese e tecemos algumas considerações sobre sua organização interna.

Na parte destinada à reflexão sobre a produção de sentido, partimos de um conceito de signo compatível com nossa filiação teórica e exploramos os meandros que envolvem a questão da ideologia. O Cenário de Representação Política de Venício A. de Lima (2004), embora explore situações eleitorais em suas formulações iniciais, ganha nova aplicação neste trabalho e fornece subsídios para a compreensão do cenário contra-hegemônico construído pelas mídias do MST. A cultura e a política, dessa forma, aproximam-se na formulação gramsciana de hegemonia, talvez nosso principal entroncamento conceitual.

No capítulo destinado às análises das mídias, exploramos a categorização de mídia primária, secundária e terciária, fornecida por Pross (1987), e sua compatibilidade teórica com a mídia radical alternativa. Os dados obtidos com a pesquisa de campo aparecem para auxiliar as análises dos cenários de representação.

Inspirados em um modelo de estudo que abarca as diversas facetas da comunicação, procuramos neste trabalho enxergar a complexidade que envolve a produção simbólica no MST, realizando uma leitura que privilegia os enlaces entre produção, mensagem e recepção. O texto, o contexto e os sujeitos articulam-se, evidenciando suas conexões no mapeamento que buscamos realizar. O foco de nosso olhar concentra-se nos valores e princípios presentes nas mídias, mas que possibilitam enxergar pistas da relação entre esses textos e a prática política dos militantes. Assumindo os riscos de tal empreitada, esperamos contribuir para o rico e necessário debate sobre o fenômeno da comunicação nos movimentos populares.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

CAPÍTULO 1

Cultura e comunicação radical alternativa nos movimentos sociais

"A barricada fecha a rua, mas abre o caminho".
Censier

Uma das principais matrizes teóricas desta pesquisa aproxima-se dos Estudos Culturais. Explorar as representações das mídias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) requer o desenvolvimento de uma teoria que dê conta de explicar as nuances envolvidas nessa produção simbólica. Dessa forma, buscando na base das teorias culturais os fundamentos de uma compreensão da comunicação, libertaremos as potencialidades transformadoras das mídias contra-hegemônicas do movimento. As definições iniciais dessa frente de estudos apresentam um materialismo cultural em que um projeto político transformador mostrava sua força, ou seja, apostava na revisão do marxismo, mas sem abandonar as bases constitutivas do projeto libertador inserido no materialismo histórico.

Fugindo de expressões teóricas pós-modernistas, que fornecem um pessimismo político profundo e buscam eliminar o papel emancipador das minorias agrupando-as em suas singularidades, nosso estudo aproxima a questão cultural e política, buscando tecer um quadro do papel das representações na batalha pela direção moral e intelectual da sociedade, conforme elucidado pelas ricas análises de Gramsci.

1.1 A comunicação como cultura: pressupostos fundamentais

Antes de nos adentrarmos no histórico e nas peculiaridades que definem o MST, precisamos primeiramente compreender como se caracteriza a comunicação nos movimentos sociais. Há uma tradição nos estudos latino-americanos que abarca a questão da gestão da comunicação pelas classes populares. Nessa linha de estudo, herdeira dos chamados Estudos Culturais, procura-se enxergar os processos de comunicação dentro de uma perspectiva cultural. Acreditamos que essa perspectiva cultural defendida pelos estudos latino-americanos deve ser incorporada pelas variáveis políticas e pela questão do poder econômico e das conseqüentes desigualdades sociais geradas pelo modo de produção capitalista, ou seja, propomos um retorno às bases sistemáticas dos estudos culturais ingleses. Nesse sentido, buscamos enxergar a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

comunicação e a cultura popular como "recortes para refletir sobre a esfera cultural como um campo de relações estruturadas pelo poder e por diferenças sociais (...)" (ESCOSTEGUY, 2001, p. 151).

Martin-Barbero (2003), ao relatar os passos de sua principal obra, referência dos estudos latino-americanos, alerta-nos sobre o risco de um possível desfavorecimento da criticidade na compreensão de seu trabalho, ou seja, "a enganosa impressão de que, ao investigar as formas de presença do povo na massa, estivéssemos abandonando a crítica àquilo que no massivo é mascaramento e desativação da desigualdade social e portanto dispositivo de integração ideológica" (p. 30). Ao situar seu estudo nas chamadas mediações e buscar o rastro do oprimido no processo de massificação da comunicação, Martin-Barbero busca evidenciar o tecido social que existe entre a chamada cultura popular e a indústria cultural. Ao evidenciar os reducionismos das propostas tecnologicistas, semiológicas e ideologicistas (althusserianas), Martin-Barbero demonstra que

> nem toda assimilação do hegemônico pelo subalterno é signo de submissão, assim como a mera recusa não é de resistência, e que nem tudo que vem 'de cima' são valores da classe dominante, pois há coisas que vindo de lá respondem a outras lógicas que não são as da dominação (2001, p.119).

Quebrando a binariedade cômoda de estudos impermeáveis, Martin-Barbero vai nos alertar do risco de cimentar a cultura num modelo pré-estabelecido, quando na verdade, ela é um processo vívido, de confrontos e oposições, pressões e limitações, enfim, hegemonia[1] em que a batalha cultural politiza-se, buscando, na dimensão do sentido, representar aspirações dos grupos sociais. O autor recebe uma clara influência do marxista ocidental Antonio Gramsci e da leitura que Raymond Williams faz dos processos culturais. Williams, um dos principais expoentes do Center for Contemporary Cultural Studies da Birmingham University, tem uma visão particular de cultura. Ele afirma que é impossível desvincular a cultura da vida social material e critica os estudos (de cunho idealista) que as separam.

[1] Martin-Barbero considera, inspirado em Willliams (1979), que o conceito de hegemonia desfuncionalizaria a ideologia. Contudo, vemos que Antonio Gramsci não abandona a discussão da ideologia. O filósofo do cárcere considera a ideologia uma visão de mundo munida de sua ética correspondente. Leandro Konder ao analisar a questão da ideologia afirma que ela se limita à esfera da consciência, mas que não deixa de "incidir sobre as mudanças sociais, práticas, dificultando-as, desvirtuando-as, impedindo-as, ou mesmo incitando a realização delas" (p. 146, 2002).

unesp

> Assim, as possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria "modos de vida" específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social material, foram por longo tempo irrealizadas, e com freqüência substituídas na prática por um universalismo abstrato unilinear (p.25, 1979).

A cultura como uma força material criadora, não deve ser desvinculada dos outros processos sociais. Em nosso trabalho entenderemos a comunicação alternativa como uma construção cultural que não se desvincula dos fatores políticos relacionados ao poder econômico que definem os movimentos sociais, em especial o próprio MST. A comunicação nos movimentos populares é permeada por inúmeras mediações: que vão do trabalho, passando pela produção e assimilação cultural, pelo poder econômico e a estratégia de luta contra-hegemônica. Assim, estudar a comunicação no seio dos movimentos populares obriga-nos a mapear a conjuntura social, política e econômica em que esses movimentos se situam. Pretendemos nos afastar de uma visão bipolar que tende a demonizar os meios massivos enquanto engrandece os chamados meios alternativos. A cultura popular e a cultura de massa fazem parte do mesmo tecido social e se interrelacionam. Afinal, a cultura está relacionada com a experiência e segundo Thompson (apud PERUZZO, 1998, p. 138)

> As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (...) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura como normas, obrigações familiares e de parentesco e reciprocidades, como valores ou (...) na arte ou nas convicções religiosas.

A tentativa de discutir questões políticas pelos Estudos Culturais não é nova, na verdade, o debate político e econômico está na base das articulações iniciais desses estudos. Douglas Kellner (2001) vislumbra as pesquisas culturais ligadas a um projeto político que, para ele, estaria interessado nas principais questões da sociedade. A motivação de Kellner parece-nos de extrema valia: "Um estudo cultural politicamente ativo deve intervir nos debates sociais e políticos de sua época e tentar elucidar os principais eventos e crises políticas, bem como os textos populares da cultura da mídia, sua recepção por parte do público e as práticas deste" (KELLNER, 2001, p. 254). Os Estudos Culturais, para Kellner, desenham a forma como os produtos culturais, vistos aqui como manifestações de comunicação, promovem ideologias, valores e representações de classe, etnia, raça e gênero na sociedade, demonstrando como se articulam esses fenômenos. O

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

autor defende ainda que "situar os textos culturais em seu contexto social implica traçar as articulações pelas quais as sociedades produzem cultura e o modo como a cultura, por sua vez, conforma a sociedade por meio de sua influência sobre indivíduos e grupos" (KELLNER, 2001, p. 39).

A cultura popular é uma espécie de alicerce em que se ergue a comunicação alternativa. Dessa forma, ao estudarmos as representações da mídia dos movimentos sociais estaremos desvendando os processos culturais que envolvem a identidade e as motivações políticas do grupo investigado. Downing (2002, p.36) ressalta que "assim como a cultura popular e a cultura de massa se interpenetram e impregnam uma à outra, assim também a cultura de oposição recorre e contribui para a cultura popular e a cultura de massa".

Embora essa ligação seja evidente, vemos que do ponto de vista da produção do sentido e da formação das visões políticas da sociedade incentivada por essas mídias, há uma clara oposição de interesses na construção do imaginário político. A luta pela direção das idéias na sociedade é alimentada pelas forças políticas que ora confrontam, ora realimentam as representações da política numa dada conjuntura. Como veremos no próximo capítulo há um embate de forças opostas lutando pelo domínio intelectual e moral da sociedade. Visões de mundo opostas entram em embate, disputando o sentido e promovendo ações práticas, tanto conservadoras, quanto progressivas. Kellner (2001) afirma que os produtos culturais midiáticos transcodificam as posições de luta sociais, incentivando o consentimento ou o questionamento a determinados posicionamentos políticos-ideológicos. A resposta para essas questões, que envolvem a produção da comunicação nos setores subalternos, só podem ser encontradas ao mergulharmos na rede que envolve a totalidade dos processos sociais.

1.2 A comunicação nos movimentos populares

Festa (1986) ao discutir a comunicação popular e alternativa no Brasil afirma que tal fenômeno relaciona-se à capacidade dos movimentos sociais de inserirem seus projetos políticos de sociedade, sofrendo, portanto, os progressos e os retrocessos causados por essa dinâmica. Para a autora, devemos nos atentar a alguns fatores específicos que se relacionam diretamente à comunicação nos movimentos sociais, ou seja: essa comunicação é viabilizada pelos espaços políticos e democráticos e pelas alianças estabelecidas por esses movimentos; eles aparecem na

unesp

medida em que surgem as condições para a articulação do discurso social e político; a comunicação nesses setores não se reduz a técnicas, mas abrange a amplitude das manifestações humanas em seus estágios de inserção social e; esses meios conectam-se ao avanço das forças sociais, e na mesma medida deles. Para Festa (1986) todo esse processo supera os marcos da comunicação e situa-se no âmbito do projeto de transformação social, sendo um instrumento de expressão do desejo por uma nova ordem política.

A autora entende a comunicação nos movimentos sociais como sendo ligados à estratégia política dessas organizações. Assim, o papel educativo e formador desses meios torna-se uma força que, além de formar novas consciências, expressa a vontade popular desses grupos minoritários, dando voz aos seus desejos e angústias. Os meios de comunicação são vistos como imprescindíveis para a construção de uma nova realidade social.

Por muito tempo, as esquerdas relegaram às mídias um mero papel agitador. Contudo, na década de 1970, Hans Magnus Enzensberger publicou um curioso manifesto, "Elementos para uma teoria dos meios de comunicação", que tenta dissipar o conservadorismo escondido na aparência progressista das esquerdas. A tarefa do autor é incentivar o uso das mídias nos movimentos socialistas, buscando uma teoria marxista das mídias. A "indústria da consciência" deveria ser revolucionada, pois, para Enzensberger, somente a posse dos meios de comunicação pelos trabalhadores associados libertaria o potencial do uso emancipador dos meios. Enzensberger (2003) considera os aparelhos de comunicação em geral meios de produção. Dessa forma, uma vez de posse das massas, eles se tornariam meios de produção socializados. Para ele, as mídias possuem um profundo papel mobilizador:

> Quando digo *mobilizar*, quero dizer *mobilizar*. Num país que sentiu na própria pele as consequências do fascismo (e do stalinismo), talvez ainda seja necessário, ou novamente necessário, esclarecer o que significa isso, ou seja, tornar as pessoas mais móveis do que são. Soltos como dançarinos, presentes de espírito como jogadores de futebol, surpreendentes como guerrilheiros. Aquele que entender as massas unicamente como objeto da política não as pode mobilizar. Ele quer distribuí-las ao acaso. Um pacote não é móvel. É, portanto, apenas empurrado de um lado para outro. Marchas, colunas, desfiles imobilizam as pessoas. A propaganda que não libera a autonomia, mas a inibe, pertence ao mesmo esquema. Ela leva à despolitização (2003, p.16).

Enzensberger acredita que a estratégia socialista das mídias deve buscar o fim do isolamento dos indivíduos. Para ele, isso só é possível com a auto-organização dos trabalhadores

unesp

na gestão das mídias, tarefa que exige um alto grau de participação. Muitas vezes acusado de realizar uma visão conspiratória dos meios, engana-se quem acredita que Enzensberger traça um panorama "moralista" das mídias. Ele define em seu trabalho que a manipulação é apenas um dado e não o problema em si. A questão maior envolvendo as mídias é a de quem manipula o quê e em benefício de quem, uma discussão política que envolve a posse das mídias. O autor acredita, na verdade, que a tese da manipulação serve como uma venda nos olhos dos socialistas, afastando-os do potencial transformador dos meios. Longe de uma binariedade inconseqüente, Enzensberger afirma que, por exemplo, shows dos Rolling Stones têm maior capacidade mobilizatória do que algumas passeatas. Ao resumir a diferença entre o uso das mídias para repressão do uso para a emancipação, o autor toca fundo na discussão que envolve a participação na gestão da informação.

Para Enzensberger (2003, p.67) o uso das mídias para a repressão tem como características: "programa de controle centralizado; uma emissora, vários receptores; imobilização de indivíduos isolados; abdicação passiva do consumo; processo de despolitização; produção por agentes especializados; gerenciamento por proprietários ou burocratas". Enquanto isso, o uso das mídias para a emancipação tem como qualidades: "programas descentralizados; todo receptor: um emissor potencial; mobilização das massas; interação dos participantes, feedback; processo de aprendizagem política; produção coletiva e auto-organização".

O trabalho aparentemente otimista de Enzensberger não avalia, no entanto, o difícil processo de construção da participação popular na comunicação. Conforme afirma Peruzzo (1998), esse processo, além de demorado e contraditório, depende de inúmeras mediações, podendo estar entre elas: "o dirigismo autoritário de lideranças, instituições, interesses individuais e políticos, como também a apatia e o conformismo por parte de grandes contingentes populacionais" (p.146). Mario Kaplún, citado por Peruzzo (1998) conclui que a participação popular

> é um processo longo e lento, que não se dá de um dia para o outro nem ao longo de um ano de trabalho. Pode levar muito tempo até que um grupo chegue ao grau de maturidade e consciência crítica que lhe permita superar seus conhecimentos culturais e dialógicos, tornando possível uma efetiva participação autônoma na comunicação (p.147).



Peruzzo (1998) analisa diversas experiências de comunicação popular participativa, tecendo um panorama do funcionamento dessas mídias no contexto latino-americano. A autora aponta algumas características desse tipo de comunicação, que podem aparecer em conjunto ou isoladamente: ela é *expressão de um contexto de luta*, possui *conteúdo crítico-emancipador*, sendo um *espaço de expressão democrática* que tem o *povo como protagonista*, ou seja, é um *instrumento das classes subalternas*. Resumidamente podemos dizer que essa comunicação se constitui na esfera da sociedade civil e faz uma crítica à realidade, trazendo como alternativa a emancipação e a luta por uma sociedade mais justa. Para Peruzzo, a comunicação pode implementar processos de conscientização política e de luta pela cidadania:

> A participação popular pode facilitar o devir de uma nova práxis da comunicação. A participação e a comunicação representam uma necessidade no processo de constituição de uma cultura democrática, de ampliação dos direitos de cidadania e da conquista da hegemonia, na construção de uma sociedade que veja o ser humano como força motivadora, propulsora e receptora dos benefícios do desenvolvimento histórico (1998, p.296).

Ao discutir os significados do conceito de comunicação popular, Peruzzo (1998) aproxima-o dos movimentos sociais na terceira corrente que aborda, o popular-alternativo. Para a autora, a corrente divide-se em duas linhas de pensamento, não necessariamente excludentes, ou seja, que podem ser utilizadas mantendo suas especificidades:

> a) a primeira, surgida logo no início dos anos oitenta, concebe a comunicação popular como libertadora, revolucionária, portadora de conteúdos críticos e reivindicativos capazes de conduzir à transformação social; ela concretizar-se-ia pelos meios "alternativos", como contracomunicação da cultura subalterna, colocada em antagonismo com a comunicação de massa; é chamada de "populista esquerdizante" por Jorge González; b) a segunda, que aparece no início dos anos noventa, em função das reelaborações da sociedade civil, tem uma postura mais dialética e flexível; considera que a comunicação popular pode inferir modificações em nível de cultura e contribuir para a democratização dos meios comunicacionais e da sociedade, a cuja transformação imediata ela não consegue levar, por suas limitações e contradições e sua inserção numa grande diversidade cultural; e, por concretizar-se em espaço próprio, ela não se contrapõe à comunicação massiva. (p. 119)

Como a própria autora admite, na questão de certos conteúdos há sim uma oposição dos meios alternativos, contudo, na esfera da cultura e do contato com os cidadãos, a comunicação popular não substitui os meios massivos, visto que eles se situam em esferas diferentes. A democratização dos meios massivos, ao lado da criação de meios populares, tornam-se assim dois

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

eixos complementares de combate no projeto de transformação social. A questão da manipulação passa a ser revista quando consideramos o receptor um sujeito ativo, que apreende de forma própria as mensagens difundidas pela mídia.

John Downing (2002) caracteriza os usuários da mídia como co-arquitetos do processo de comunicação. Para ele, as chamadas audiências ativas ressignificam os sentidos expostos nos produtos midiáticos, muitas vezes modificando esses significados. O receptor, dessa forma, é visto como um sujeito ativo, que possui um grande potencial de tornar-se também produtor de significados, algo extremamente comum na comunicação que recebe a alcunha de popular. Contudo, dizermos que o receptor é atuante na recepção da informação não impede as estratégias da comunicação massiva em gerar apatia política e, muitas vezes, a própria desinformação. Para Lima (2004) audiência ativa não significa de forma alguma audiência crítica. Politicamente, como veremos no próximo capítulo, os sentidos hegemônicos tornam-se consenso ao cimentar as representações sociais de seus princípios políticos. A hipótese da audiência ativa proporciona um enfoque libertário que nos incentiva a democratizar cada dia mais a comunicação. Contudo, o poder econômico e político das classes dominantes não podem ser descartados desse enfoque, visto que o total abandono dessas categorias levaria nosso trabalho a uma compreensão equivocada que ofuscaria a questão da posse dos meios de produção e a luta entre as classes historicamente rivais.

> Embora seja plausível a consideração de que a audiência estabelece uma ativa negociação com os textos midiáticos e com as tecnologias no contexto da vida cotidiana, esse posicionamento pode tornar-se tão otimista que perde de vista a marginalidade do poder dos receptores diante dos meios. A euforia com a vitalidade da audiência e, por sua vez, com a cultura popular fez com que esta fosse entendida como um espaço autônomo e resistente ao campo hegemônico. (ESCOSTEGUY, 2001, p. 160)

Valorizar o indivíduo e seu potencial emancipatório definitivamente não é incompatível com a discussão política que envolve a construção da contra-hegemonia e o desafio de transformar a realidade de opressão. Os males do modo de produção capitalista são algo que as famílias sem-terra conhecem muito bem, já que são elas as reais vítimas da concentração fundiária e da aplicação indiscriminada de um modelo agrícola exportador.

No trabalho de Downing (2002) a comunicação alternativa recebe o nome de mídia radical. Para ele, os termos popular e alternativo pecam por não dar conta das variadas expressões

unesp

da mídia que se opõe ao *status quo*. Alternativo, para ele, pode ser qualquer conteúdo que se oponha a outro, não definindo de forma substancial as características da mídia transformadora. O termo popular pode significar tantas coisas que seu uso pode gerar confusão, é mais pontual no que exclui, ou seja, a mídia massiva. O autor esboça o conceito de mídia radical alternativa elucidando os seguintes aspectos:

1. ela pode representar forças progressistas e também negativas e mesmo assim ser mídia radical;
2. pode assumir diversos formatos e apresentar-se como mídia étnica e religiosa;
3. são o contexto e as conseqüências que dirão se uma mídia é radical alternativa ou não;
4. ela pode, às vezes, confundir-se com a sua profundidade e a qualidade de sua expressão, as vezes reforçando estereótipos negativos;
5. quando sofrem repressão, esses meios podem assumir uma postura binária, fornecendo conteúdos unilaterais;
6. tem uma tendência formativa a romper regras, embora não consiga quebrar a totalidade delas;
7. são meios que atingem, em sua maioria, pequenas escalas, dependendo de fundos escassos e possuindo um curto tempo de vida;
8. opõe-se a estrutura de poder e seu comportamento ao mesmo tempo em que promove horizontalmente apoio e solidariedade numa rede de oposição;
9. é portadora de uma forte tendência a ser mais democrática do que a mídia hegemônica.

Em suas linhas gerais, o autor entende mídia radical como "a mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas" (p.21). Dessas mídias, valem-se grupos de oposição que pretendem transformar a sociedade. O autor trabalha com o conceito de hegemonia de Gramsci, somado à discussão do anarquismo socialista sobre as reivindicações de gênero, raça e identidade. Paulo Freire e Bakhtin aparecem para resolver a questão da participação e do diálogo (tanto no sentido político freiriano, quanto no discursivo bakhtiniano) na mídia alternativa, fornecendo categorias pertinentes aos estudos da comunicação das classes subalternas. O intelectual orgânico de Gramsci, para Downing (2002), poderia ser interpretado como o comunicador/ativista que se integraria às classes subalternas para o fomento de uma nova visão de mundo, de uma nova cultura, que se oporia aos intelectuais organicamente ligados à classe dominante. O objetivo desse ativista seria o de criar formas participativas de gestão da

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

informação, processo educativo e de formação política que traria avanços visíveis nos movimentos sociais que atuam de forma midiática, ou seja, articulando estratégias de comunicação alternativa no seio das lutas sociais.

Uma longa citação é necessária para dimensionarmos o conceito de mídia radical, que acreditamos definir o fenômeno da comunicação no MST:

> Em primeiro lugar, a mídia radical alternativa expande o âmbito das informações, da reflexão e da troca a partir dos limites hegemônicos, geralmente estreitos, do discurso da mídia convencional. Isso se dá, em parte, pelo fato de ser bastante numerosa. Em segundo lugar, ela frequentemente tenta ser mais sensível do que a mídia convencional às vozes e aspirações dos excluídos. Muitas vezes, tem estreita relação com algum movimento social em andamento e, portanto, expressa com muita espontaneidade os pontos de vista e opiniões que não encontram espaço ou são ridicularizados na mídia oficial. Com muita freqüência também, é ela que toma a dianteira na discussão de questões que só mais tarde receberão atenção da mídia oficial. Em terceiro lugar, a mídia radical alternativa não precisa censurar-se para atender aos interesses dos mandachuvas da mídia, do entrincheirado poder estatal e das autoridades religiosas. Em quarto, sua própria organização interna é muitas vezes mais democrática que hierárquica (...) (DOWNING, 2002, p.81).

Com esse breve mapa das nuances que envolvem a comunicação nos movimentos populares, podemos avançar no entendimento dos cenários de representações culturais e políticas presentes nas mídias do MST. Contudo, é fundamental situarmos esse movimento no contexto político atual e entendermos as características que o definem, bem como sua história. Guardamos para o capítulo 3 a discussão que envolve a luta pela produção de sentido, panorama que fundamenta as análises do material midiático, presentes no capítulo quatro.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

CAPÍTULO 2

O MST no contexto do globalismo

Quando os dominadores falarem
Falarão também os dominados.
Quem se atreve a dizer: jamais?
De quem depende a continuação desse domínio?
De quem depende a sua destruição?
Igualmente de nós.
Os caídos que se levantem!
Os que estão perdidos que lutem!

Bertold Brecht

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) situa-se em clara oposição ao processo de globalização mercantil e a ideologia que o fundamenta, ou seja, o neoliberalismo. As ações do MST buscam pressionar o Estado para a realização da Reforma Agrária. Os assentamentos, constituídos por lotes de pequenas propriedades, entram em oposição ao latifundio e à agroindústria, forma de cultivo em que as grandes propriedades produzem bens de monocultura para a exportação, cumprindo os mandamentos da economia globalizada para o setor rural. Além disso, os objetivos do movimento entram em choque com a perspectiva de mercantilização de todos os aspectos da vida, bandeira dos arautos do neoliberalismo. Conforme veremos, as representações presentes nos produtos de comunicação do MST também aparecem como alternativas à hegemonia neoliberal. Neste capítulo, a conjuntura política atual e a história do MST serão exploradas em suas dimensões, tendo como mote englobar as mídias radicais do movimento dentro das circunstâncias materiais que a envolvem. Para uma melhor compreensão desses aspectos, mapearemos agora alguns conceitos que esclarecem essas questões.

2.1 Globalização e o neoliberalismo

Nas últimas décadas, consolida-se pouco a pouco o princípio da globalização neoliberal. Criada como uma ideologia contrária ao estado intervencionista de bem-estar social e promovida inicialmente pelos governos de Margareth Thatcher (Inglaterra) e Ronald Reagan (EUA), o neoliberalismo tem como seu texto de origem, e que fundamenta suas práticas, *O caminho da*

unesp

servidão, de Friedrich Hayek, escrito em 1944[2]. Entretanto, as idéias neoliberais começam a se manifestar na política com a crise do pós-guerra em 1973, cujos sintomas eram as baixas taxas de crescimento econômico somada às altas taxas de inflação. Nesse período, inicia-se um ciclo longo recessivo do capitalismo, que se mantém até hoje, em que esse sistema perde sua capacidade de crescimento. Emir Sader aponta algumas das causas dessa queda:

> As razões situam-se nas políticas prevalecentes no novo período, que se baseiam em distintas formas de desregulamentação econômica, alma da ideologia neoliberal. Esta faz do Estado e, com ele, da desregulamentação o réu do esgotamento do período de crescimento anterior. Seriam as travas impostas ao mercado as responsáveis, pregando então um retorno ao mercado como alocador de recursos na economia (1997, p. 38).

A atual fase do capitalismo parece ter chegado àquilo que István Mészáros chama de "crise estrutural do sistema capitalista como um todo", um período que não pode ser comparado às turbulências passadas. A capacidade de desenvolvimento do capitalismo beira seus limites estruturais. O sistema orgânico de reprodução sóciometabólica gera desemprego estrutural e desperta as mais potenciais capacidades destrutivas do capital.

> É extremamente irônico que o processo de "globalização", tão tendencionalmente propagandeado, tenha assumido em toda a parte a forma devastadora do desemprego crônico, mesmo no "Norte" mais desenvolvido e privilegiado. Mas esta é a última coisa que os advogados acríticos da globalização desejam colocar em relevo. O que torna essa questão particularmente grave é que o desemprego crônico representa um limite *absoluto* – no sentido de insuperável – do sistema do capital em si em todas as suas variedades possíveis (MÉSZÁROS, 2004, p.17).

Para Mészáros (2004), a crise estrutural manifesta-se em quatro temas principais. Primeiro, ela possui caráter universal, não se restringindo a uma esfera particular, como algum setor específico de trabalho, por exemplo. Em segundo lugar, o alcance da crise estrutural é global, não se limita a um número limitado de países. Terceiro, ela, mais do que cíclica, atinge uma escala temporal permanente, irrecuperável. Por último, em quarto lugar, a crise possui um desenvolvimento sub-reptício, ou seja, entra em contraste com as alterações do passado, embora reserve para o futuro grandes convulsões, visto a destruição dos aparatos de controle das contradições do capitalismo.

[2] Para mais detalhes, ver Anderson (1995).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Para uma melhor compreensão da análise realizada pelo marxista húngaro, precisamos ter em vista que ele entende o sistema do capital como

> (...) um sistema orgânico de reprodução sóciometabólica, dotado de lógica própria e de um conjunto objetivo de imperativos, que subordina a si – para o melhor e para o pior, conforme as alterações das circunstâncias históricas – todas as áreas da atividade humana, desde os processos econômicos mais básicos até os domínios intelectuais e culturais mais mediados e sofisticados (2004, p. 16).

O esgotamento da capacidade civilizatória do capital[3] encontra correspondência na decadência ideológica[4], com a divulgação do pensamento do "fim da história" e do "fim das ideologias". O discurso neoliberal, arauto da nova fase do capital, foi se consolidando de uma forma extremamente voraz e na América latina acaba por sufocar o debate político. Esse pensamento conquista o apoio do grande público das instituições públicas e privadas e a imprensa em geral e baseia-se na crença de que o sistema capitalista globalizado é capaz de proporcionar o desenvolvimento econômico e social. Segundo Sunkel (1999), podemos citar quatro características da situação atual: fraco desempenho de crescimento econômico; volatilidade financeira estrema; capacidade diminuta das instituições públicas internacionais; e deterioração da distribuição de renda no mundo.

As idéias difundidas dentro do receituário neoliberal aproximam globalização /neoliberalismo a progresso/desenvolvimento. Esse discurso, denominado *globalista* por Muniz Sodré, não passa de uma operação ideológica, que "trabalha discursivamente para diminuir o relativismo das significações a elas correspondentes e reforçar seu sentido universalista" (SODRÉ, 2003). O neoliberalismo seria, assim, a tentativa de consolidação do capital na atual fase de globalização.

Historicamente a nova ordem mundial se caracteriza pela desaparição do socialismo real, pela consolidação dos Estados Unidos como única superpotência mundial, pela derrota do

---

[3] Longe de uma visão economicista do processo civilizatório, baseamo-nos na definição realizada por Kosik (2002) a respeito da dialética materialista: "O marxismo não é um materialismo mecânico que pretenda reduzir a consciência social, a filosofia e a arte a 'condições econômicas' e cuja atividade analítica se fundamente por isso, no desmascaramento do núcleo terreno das formas espirituais. Ao contrário, a dialética materialista demonstra como o sujeito concretamente histórico cria, a partir do próprio fundamento materialmente econômico, idéias correspondentes e todo um conjunto de formas de consciência. Não reduz a consciência às condições dadas; concentra a atenção no processo ao longo do qual *o sujeito concreto produz e reproduz a realidade social; e ele próprio ao mesmo tempo, é nela produzido e reproduzido"* (KOSIK, 2002, pag 124).

[4] Para uma excelente discussão dessa temática, consultar Pinassi (2004).

unesp

terceiro mundo na relação com as potências capitalistas e pela afirmação do neoliberalismo como ideologia do sistema capitalista mundial (SADER, 1997). O neoliberalismo, dessa forma, aparece como uma cultura política que visa estimular a eficiência, a competitividade e o individualismo, valorizando o setor privado e diminuindo o setor público. Os resultados dessa política é a constatação de que

> o desmantelamento do aparelho de Estado, a privatização dos serviços públicos e o nível medíocre de crescimento da economia (menos da metade do que foi no período do pós-guerra) melhoraram as condições de vida de apenas um segmento muito pequeno da sociedade, e tem excluído um número cada vez maior de pessoas, com isso provocando uma "polarização" cada vez maior da sociedade (SUNKEL, 1999, p. 188).

No Brasil, as primeiras manifestações do neoliberalismo surgiram ainda no período de ditadura militar, com o início do processo de destruição estatal, e continuaram com o mandato de José Sarney. A ideologia neoliberal ganhou terreno com a diminuição das funções do Estado, fator que criou um terreno propício à eleição de Fernando Collor de Melo[5]. O jovem político, ligado á oligarquia alagoana, levantou para si a bandeira de caçador de marajás, culpando os serviços públicos pelas mazelas sociais do país. Com o impeachment de Collor e a incapacidade do governo Itamar Franco em solucionar as desigualdades sociais, foi eleito o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, responsável por direcionar ao mercado seus parcos esforços políticos sociais. Dessa forma, com a avalanche de privatizações, iniciou-se um período de esfacelamento do Estado e a aplicação cega de uma política econômica baseada na globalização dos mercados. O presidente Lula, eleito em 2002, operário formado na esquerda petista, administra de forma contraditória, seguindo a política econômica do governo anterior e buscando solucionar com políticas sociais assistencialistas as desigualdades geradas pelos equívocos de sua equipe econômica.

A globalização nos moldes atuais só foi possível graças ao desenvolvimento tecnológico das comunicações e da computação. As empresas transnacionais estão interconectadas em rede e as economias nacionais integradas sofrem a aceleração da expansão do capitalismo. O capital financeiro reina absoluto nessa nova ordem de mercados instáveis. Ocorre, na verdade, uma desterritorialização dos mercados nacionais em favor dos mercados mundiais que, vale lembrar, são controlados pelas multinacionais.

---

[5] Oliveira (1995).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> Desta maneira, de simples função da organização social, o sistema econômico, por intermédio do mercado, faz da sociedade humana o seu acessório. A lógica própria da civilização européia arrasta todos os povos do planeta no empuxo de um mesmo padrão abstrato de desenvolvimento, sob a regência de uma organização do valor que persegue a exploração racionalizada da natureza e do homem, aparentemente em benefício do "humano", mas de fato em benefício de um paradigma, o da economia de mercado (SODRÉ, 2003, p. 32).

Os meios de comunicação manifestam-se como grandes aliados das elites controladoras do capital internacional. A mídia predominantemente divulga valores como iniciativa individual, voluntariado apolítico, eficiência técnica e despreza as atividades coletivas de reivindicação política. Os meios de comunicação, segundo Sodré, "desempenham papéis estratégicos na naturalização ideológica da economia neoliberal de mercado" (p.35, 2003). A concentração da propriedade da mídia e a livre circulação de capitais no setor da cultura auxiliam a instauração do "pensamento único", do globalismo, ou melhor, do predomínio de uma visão de mundo que serve apenas para sustentar a hegemonia neoliberal.

Segundo McChesney (2003), a incessante busca de lucro torna-se a mola propulsora da produção, tanto cultural quanto industrial, e alimenta a busca pela desregulamentação neoliberal. No setor das comunicações, é graças à eliminação de barreiras comerciais e a concentração da propriedade que a mídia torna-se um alvo dos valores de mercado.

> O surgimento de um sistema de mídia tão altamente concentrado nas mãos de grandes interesses privados viola, de forma fundamental, qualquer noção de imprensa livre na teoria democrática. O problema de ter ricos proprietários privados dominando o jornalismo e os meios de comunicação de uma sociedade tem sido sempre bem entendido: o jornalismo, em particular, que é o oxigênio necessário para que a autogestão seja viável, será controlado por aqueles que se beneficiam da desigualdade existente e da preservação do *status quo* (MCCHESNEY, p. 232).

Ao aparecer como suporte hegemônico da globalização, os meios de comunicação de massa promovem uma espécie de consenso em torno dos valores simbólicos dominantes. Entretanto, como veremos nesse trabalho, existem possibilidades alternativas a esse processo. Incentivar práticas coletivas de gestão da informação e defender valores humanistas (que fujam da lógica de mercado) nos conteúdos parece ser uma estratégia válida na luta contra-hegemônica.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

2.2 MST: Origem, princípios e organização interna

Em clara oposição ao processo de globalização neoliberal e destacando-se como uma das maiores forças sociais da América Latina, o MST possui um projeto popular que contrasta com a hegemonia dos mercados instáveis.

O MST surge da aglutinação de trabalhadores rurais sem-terra presentes no I Encontro Nacional dos Sem-Terra, em janeiro de 1984. Nesse evento, realizado em Cascavel no Paraná, participaram 80 representantes de 13 estados brasileiros, que decidiram fundar um movimento de massas autônomo que lutaria pela bandeira da reforma agrária. Um ano depois, nos dias 29, 30 e 31 de janeiro de 1985 é fundada a organização no 1º Congresso Nacional dos Sem-Terra.. O MST nasce como agrupamento das lutas que já ocorriam, simultaneamente, nos estados do Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A discussão pela autonomia do movimento que estava surgindo era resultado da forte presença da Igreja Católica que, por meio das Comunidades Eclesiais de Base e da Comissão Pastoral da Terra, investia na formação dos militantes sem-terra. O trabalho desses setores progressistas da Igreja foi a mola propulsora das ocupações de terra, visto que elas proporcionavam espaços de socialização política entre os camponeses expropriados. Contudo, o movimento decidiu desenvolver suas lutas sem estar organicamente vinculado às pastorais sociais.

Além do aspecto ideológico, ligado à Teologia da Libertação[6], podemos citar, segundo Fernandes e Stédile (2001) a questão socioeconômica e a situação política como fatores que impulsionaram a origem do MST. Economicamente, havia a opção por um modelo agrário voltado à exportação, opção esta que gerava concentração fundiária, êxodo rural (graças ao processo de industrialização) e altos índices de exclusão no campo. A mecanização da lavoura empreende a chegada do capitalismo no meio rural. Politicamente, havia o ressurgimento das greves operárias em 1978 e 1979 e a luta pela democratização do país, pauta principal da recém-articulada sociedade civil.

Segundo Silva (2004), a modernização do setor agrário assentou-se no tripé: militarização da questão agrária, expropriação dos camponeses e aumento da exploração dos trabalhadores, sendo "muitos dos quais (...) reduzidos à condição de escravos" (p. 22).

---

[6] Corrente de pensamento da Igreja Católica que buscava uma síntese entre o marxismo e o cristianismo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> (...) o projeto modernizador traz em seu bojo a violência, entendida não somente como violência física – assassinatos, destruição material e cultural – mas também como negação de direitos aos trabalhadores, portanto, de cidadania. O resultado desta dupla violência foram milhares de pessoas desenraizadas social e culturalmente, perambulando de um lugar para o outro em busca de sobrevivência, sem eira nem beira, já que foram obrigados a deixar para trás tudo o que possuíam (SILVA, 2004, p. 40).

Foram essas pessoas, esses "errantes" na opinião de Silva (2004), que começaram a se reunir pela reivindicação da reforma agrária. Podemos caracterizar três principais momentos políticos vividos pelo movimento e que são retratados pelas suas próprias palavras de ordem:

> De 79 a 85/86: a forte participação da Igreja Católica e a emergência de novos atores sociais. A luta pela conquista social do direito e a consciência das lutas históricas. De 85/86 a 88/89: o fortalecimento da forma de organização, o avanço das lutas pela terra, pela reforma agrária e pela conquista da democracia, a realização do Primeiro Congresso do MST, o fracasso do PNRA, o surgimento da UDR e a derrota da reforma agrária na constituinte. De 88/89 até hoje (96), as palavras de ordem registram o processo de territorialização do MST e os novos desafios: produção, educação, formação, etc., que nasceram com o desenvolvimento político e social do próprio Movimento, e que começou a elaborar uma matriz discursiva característica da sua identidade em formação (FERNANDES, 1996, p.230).

Existe uma espécie de padrão cruel, um ciclo de etapas que vitima os trabalhadores rurais sem-terra em sua caminhada. A luta do movimento pode ser caracterizada da seguinte maneira: primeiramente uma pesquisa dos dirigentes localiza a propriedade a ser ocupada; ela é ocupada; começa o processo de desapropriação; o proprietário contrata advogados influentes e pede a reintegração de posse; os trabalhadores são expulsos; o movimento insiste na ocupação e na produção de alguns bens na propriedade; o processo se desenlaça. Nesse ínterim, muitas vezes o processo torna-se sangrento, conforme o exemplo de Eldorado Carajás[7].

Apoiados na Constituição Federal, cujo artigo 186 obriga a desapropriação de terras por interesse social[8], o MST avança na reivindicação pela Reforma Agrária e no combate aos

[7] Em 17 de abril de 1996 a polícia militar do Pará executou 19 sem terra e deixou outros 36 feridos. Os acampados do MST realizavam uma das suas tradicionais marchas quando dois batalhões da PM foram enviados para desobstruir a rodovia PA-150. A matança ocorreu, segundo laudos oficiais, quando os sem terra já esvaziavam a pista.

[8] De acordo com o artigo, devem ser desapropriados os imóveis que não estejam cumprindo: o aproveitamento racional e adequado da terra; a utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e a preservação do meio

latifundiários e ao Estado que, conforme afirma Stédile (2001), não democratiza as relações sociais no campo e não leva o desenvolvimento para o meio rural. Assim, o movimento dá continuidade a um histórico de lutas populares e sustenta sua organização na ligação com a realidade do camponês e na avaliação política constante e prática, de acordo com seus princípios organizativos, como a direção coletiva, o estudo e o vinculo com a base. Dentre as formas de luta, destaca-se a ocupação, o acampamento permanente, as marchas pelas rodovias, os jejuns e as greves de fome, a ocupação de prédios públicos, o acampamento nas capitais, o acampamento diante de bancos, as vigílias e as manifestações nas grandes cidades (MORISAWA, 2001).

Os números divulgados pelo MST surpreendem: são cerca de 350 mil famílias assentadas e aproximadamente 160 mil nos acampamentos. Considerando a média de quatro pessoas por família, chegamos a um total de quase dois milhões de militantes. Além disso, o movimento possui: 500 associações de produção, comercialização e serviço; 49 cooperativas de produção agropecuária com 2299 famílias associadas; 32 cooperativas de prestação de serviço; 96 pequenas e médias indústrias; 30 mil jovens e adultos inscritos no Programa de Alfabetização; 160 mil crianças estudando no Ensino Fundamental nas 1800 escolas espalhadas pelos acampamentos e assentamentos; 750 jovens inscritos em cursos universitários; e 58 jovens estudando medicina em Cuba.

Para manter coesão interna e organização política, o movimento é composto por instâncias de representação:

- Congresso Nacional: realizado a cada cinco anos, define os princípios e as estratégias do movimento;
- Encontro Nacional: realizado a cada dois anos, avalia e formula linhas políticas e planos de atividades nos setores;
- Coordenação Nacional: composta por dois membros de cada estado que são eleitos no Encontro Nacional. É responsável por cumprir as linhas políticas deliberadas no Congresso e no Encontro Nacional;
- Direção Nacional: Composta por membros indicados pela Coordenação Nacional. Possui a função de acompanhar e representar os estados e trabalhar nos setores de atividades;

---

ambiente; as leis que regulamentam as relações trabalhistas; e uma exploração da terra que favoreça o bem estar dos proprietários e dos trabalhadores.

unesp

- Encontros Estaduais: avaliam as linhas políticas e elegem as coordenações estaduais e nacional;
- Coordenações Estaduais: membros eleitos nos Encontros Estaduais;
- Direções Estaduais: membros indicados pelas coordenações estaduais, são responsáveis pela execução das linhas definidas nos encontros e pelo desenvolvimento dos setores;
- Coordenações Regionais: membros eleitos nos encontros dos assentados, contribuem com a organização das atividades referentes aos setores;
- Coordenações de Assentamentos e Acampamentos: Membros eleitos pelos assentados e acampados do Movimento;
- Grupos de Base: compõem a coordenação do assentamento, participando dos setores de atividade.

A organização mantém os setores de Educação, Saúde, Frente de Massas, Produção, Formação, Finanças, Projetos, Comunicação, Relações Internacionais, Gênero e Direitos Humanos. Esses setores existem para dinamizar os encaminhamentos das questões que envolvem a vida cotidiana dos camponeses, bem como a perpetuação do movimento.

Não é objetivo deste trabalho avaliar a organização interna do MST. Por ora, basta conhecermos sua estrutura e compreendermos o formato piramidal de seu funcionamento, que tem como algumas características a rapidez na mobilização, a hierarquia, a politização (somada a uma possível dependência) e a fragilidade na conscientização como demérito. O MST, contudo, parece estar consciente desses desafios e tenta criar possíveis curas para algumas mazelas geradas pela estrutura vertical de funcionamento escolhida.

Segundo Fernandes e Stédile (2001) o MST é um movimento de massas com três características fundamentais: é um movimento popular, que possui um componente sindical forte e uma dimensão política nacional. A partir do momento em que qualquer um pode entrar e tomar decisões, ele se amplia, tornando-se popular. A família como um todo decide os rumos que o acampamento deve tomar. Em uma assembléia, órgão decisório máximo do acampamento, o filho, o pai e a mãe votam, fazendo com que todos tenham voz e sintam-se valorizados. O movimento possui uma característica sindical porque é a possibilidade de conquistar um pedaço de terra para plantar que leva as famílias a acampar. A reivindicação econômica imediata desses acampados é interesse da categoria dos trabalhadores rurais. O movimento avança nesse sentido, transformando a luta pela terra em luta pela reforma agrária. Politicamente, o movimento só

unesp

conseguiu sobreviver nesses mais de 20 anos por casar os interesses particulares, corporativos, com os interesses de classe. Para a organização, a luta pela terra só seria levada adiante se fizesse parte da luta de classes.

O MST descobriu que não basta democratizar a terra, é necessário realizar um resgate cultural e educativo do camponês. Para os sem-terra, é preciso democratizar o capital, organizando as agroindústrias de forma cooperativa nas mãos dos camponeses; é preciso democratizar a educação como uma forma de levar a cidadania para os trabalhadores rurais. O objetivo do MST é construir uma nova sociedade: igualitária e socialista. A estratégia para alcançar esse fim compõe-se de um amplo processo de mudanças na sociedade e pela alteração da atual estrutura capitalista de produção no meio rural. As questões de raça e gênero aparecem como acessórias à discussão de classe, motivando debates e parcerias com outros grupos da sociedade civil.

unesp

CAPÍTULO 3

Contribuições para um estudo da produção de sentido na esfera política e cultural

> *"A flor da palavra não morre, ainda que em silêncio caminhem nossos passos. Em silêncio se semeia a palavra. Para que floresça a gritos, se cala. A palavra se faz soldado, para não morrer no esquecimento".*
>
> Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional - Quarta Declaração da Selva Lacandona (1º de janeiro de 1996)

3.1 Signos e comunicação

Para entendemos como se consolida a produção de sentido dentro das mídias internas do MST é necessário tecermos algumas considerações sobre o processo geral de significação. J. Antonio Paoli, ao elaborar a definição do marxismo para a comunicação e trabalhando com o conceito de consciência possível de Lucien Goldmann, mostra-nos a importância do estudo das estruturas significativas e sua aproximação com a totalidade social. "O estudo das estruturas significativas das diversas classes pode ser confrontada com suas relações com o 'todo' socioeconômico e, assim, comprovar o quão as estruturas significativas de uma classe são adequadas aos seus interesses" (1987, p.60, tradução nossa).

O autor conclui em sua análise que a semiologia pode ser uma útil ferramenta para descrever e compreender as categorias fundamentais de uma estrutura significativa e depois explicá-la vinculada ao seu contexto social.

> Uma vez estudados os diversos objetivos dos diversos conjuntos humanos, dentro de uma formação social historicamente determinada, podemos especificar, mediante análises semiológicas, quais estruturas significativas são mais adequadas à consciência possível, ou à consciência atribuída a uma classe social (PAOLI, 1987, p. 61, tradução nossa).

Para a realização de um empreendimento analítico semelhante ao proposto por Paoli, necessitamos de uma semiologia que aproxime a produção de sentido ao contexto sócio-histórico

unesp

em que a comunicação se efetiva. O teórico da mídia alemão, Harry Pross, fornece-nos tais subsídios.

Para Pross (1980) o signo é uma relação entre três membros: o meio, o objeto designado e a consciência interpretante. A unidade de significação possui assim um papel de destaque na constituição do processo social.

> A relação do signo (sujeito, meio, objeto) vincula a experiência dos organismos individuais à experiência daquilo que se dá, todavia, fora do indivíduo. Os meios (o signo em sentido estrito) estão ligados entre si e esta rede de signos é o meio através do qual experimentamos a realidade (PROSS, 1980, p. 20, tradução nossa).

Se definirmos o signo como uma relação, nos remetemos a outras relações, que se ligam por sua vez aos três correlatos: meio, objeto e interpretação.

> Esta definição tem a vantagem de deixar claro que existe uma relação entre o meio e a interpretação. Ambos os fatores apresentam uma dependência recíproca: o entender guarda relação com os sistemas de signos disponíveis do qual obtém a designação e a significação (PROSS, 1980, p. 15, tradução nossa).

A faculdade designadora do homem se encontra entre as experiências da sua própria corporalidade. Para Pross, a realidade dos signos é a realidade das relações sociais. Assim, o estudo da comunicação de tipo política concebe que a realidade social não consiste somente de coisas, pessoas e suas correlações, mas, em grande parte, de representações e idéias (PROSS, 1980, p. 48).

Na perspectiva apresentada, podemos considerar como signo algo que anteriormente não possuía propriedades estritamente significativas como, por exemplo, um objeto de uso como uma enxada. Em um contexto de significação, como em algumas místicas do MST, a ferramenta de uso cotidiano pode adquirir efeitos simbólicos. A relação triádica do signo necessita, neste caso, de uma análise que perpasse outras relações sociais, que guardam profunda ligação com o processo de entendimento.

> A dependência do homem com respeito às relações entre objeto, signo mediador e consciência interpretante é algo insuperável. Os signos de objetos podem mudar, os objetos desaparecer e ser substituídos por outros. A consciência interpretante pode passar de um sistema de signos a outro; por exemplo, aprender novas línguas, esquecer velhos nomes, deixar-se impressionar por

> figuras e gestos aonde antes prevalecia a letra (PROSS, 1980, p.22, tradução nossa).

Para Pross, a transformação nos processos de apropriação não faz nada além de demonstrar a dependência fundamental entre a faculdade designadora (e cognitiva) e seu peso social. Assim, as mudanças sociais carregam consigo uma reconfiguração da tríade (meio, objeto, consciência interpretante). As relações de signos estão sujeitas a constante mutação. A transformação pode surgir tanto do objeto como do meio ou do sujeito cognitivo. Pross afirma que "nenhum dos três correlatos resiste ao passo do tempo. As coisas mudam, assim como os homens, e o mesmo ocorre com os signos que vinculam entre si objeto e sujeito" (1980, p. 42, tradução nossa). É exatamente o caráter dialético dessa conceitualização que nos atrai, ou seja, a estrita relação do signo com a realidade social e sua constante mutabilidade.

A capacidade de conhecer e reconhecer signos, para Pross (1980), está ligada a questão da *densidade de comunicação* e do *material de signos familiar*. A densidade de comunicação pode ser entendida como o grau de domínio de signos e símbolos de um grupo em particular, que permite a sensibilidade conjunta em torno de uma teia significativa em comum. Já o material familiar seria a confiança e estabilidade sob os signos relativamente constante. Dessa forma, um grupo pode ser avaliado quanto à sua carga de domínio de símbolos e acerca do conjunto estável de signos facilmente identificáveis, que por sua vez aparecem sob um invólucro "seguro" frente à consciência interpretante.

3.2 A linguagem como força material

Raymond Williams aproxima a questão da cultura dos estudos da comunicação. Ele sugere a criação de uma Sociologia da Cultura, que em suas linhas gerais seria o estudo dos "diferentes tipos de instituição e formação na produção e distribuição cultural, e na sua ligação dentro de todos os processos sociais materiais" (1979, p. 140). O autor enxerga a produção cultural como uma construção social e material e propõe um novo método de análise da atividade cultural:

> Se tivermos aprendido a ver a relação de qualquer trabalho cultural com o que aprendemos a chamar de "sistema de signos" (e essa foi a contribuição importante da semiótica cultural), também chegaremos a ver que um sistema de

> signos é em si uma estrutura específica de relações sociais: "internamente", porque os signos dependem de, foram formados em, relações; "externamente", porque o sistema depende de, é formado de , instituições que o ativam (e que são ao mesmo tempo culturais, sociais e econômicas); integralmente, porque um "sistema de signos", devidamente compreendido, é ao mesmo tempo uma tecnologia cultural específica e uma forma específica de consciência prática. Esses elementos aparentemente diversos estão, na verdade, unificados no processo social material (WILLIAMS, 1979, p. 142).

Podemos incluir a comunicação dentro das categorias que configuram o real. A linguagem, as representações e as idéias relacionam-se ao contexto social e à materialidade concreta da totalidade. Williams nos ajuda a entender essa questão:

> A linguagem, portanto, não é apenas um meio: é um elemento constitutivo da prática social material. Mas, assim sendo, é também um caso especial, evidentemente. Pois é ao mesmo tempo prática material e um processo no qual muitas atividades complexas, de tipo menos manifestamente material – da informação à interação, da representação à imaginação e do pensamento abstrato à emoção imediata – são realizados especificamente. A linguagem é, de fato, um tipo especial da prática material, a da sociabilidade humana (1979, p. 165).

O autor coloca a linguagem no patamar de categoria "constituída por" e "constituidora da" realidade social. Ela seria, não obstante, uma atividade material prática, caracterizada como consciência prática interrelacionada às outras atividades sociais. Os processos comunicativos, dessa forma, estão vinculados ao contexto social historicamente determinado, sendo configurados por ele ao mesmo tempo em que também o constituem. Essa visão permite uma sondagem mais completa do processo de comunicação, permitindo uma análise mais coerente dos fenômenos comunicacionais.

Mikhail Bakhtin em sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* afirma que a consciência só pode se materializar por meio de signos. Para ele, os significantes seriam não apenas "reflexos" da realidade, mas uma parte integral dela. O objeto físico que se torna um signo não "deixa de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade" (1979, p.31).

Eagleton (1997) ao tratar da relação entre discurso e ideologia nos apresenta a fecunda contribuição do pensamento de Bakhtin (Voloshinov) na questão do signo como "uma arena na luta de classes":

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> Um signo social particular é puxado de um lado para outro por interesses sociais em competição, inscrito interiormente por uma multiplicidade de "sotaques" ideológicos, e é dessa maneira que sustenta seu dinamismo e vitalidade. A obra de Voloshinov, assim, fornece-nos uma nova definição de ideologia, como a luta de interesses sociais antagônicos no nível do signo (1997, p. 173).

Sendo o signo uma atividade material prática, um "meio de produção" conforme aponta Williams (1979), as relações de produção e os conflitos de interesses antagônicos se manifestam no campo da comunicação. Isso significa também que, já que realidade e representação da realidade possuem uma unidade material singular, os produtos simbólicos passam a constituir o real, não sendo um mero reflexo das relações econômicas (infra-estrutura). Os conflitos manifestados na "arena" da linguagem são resultados de disputas presentes nas relações sociais e, como constituidores da realidade, podem determinar os rumos históricos da luta entre as classes.

3.3 Ideologia

O tema ideologia pode ser considerado um dos mais controversos das ciências humanas, possuindo uma gama enorme de significados. O conceito sofreu certo desgaste graças ao seu uso indiscriminado. Entretanto, como veremos a seguir, acreditamos que o estudo da ideologia possa nos auxiliar numa compreensão mais aprofundada do processo de representação.

Muitas vezes interpretada como um sistema de crenças, a ideologia ganha relevância quando relacionada à questão do poder. Um dos autores que aproximam ideologia e comunicação é John B. Thompson. Ele caracteriza os fenômenos ideológicos como

> (...) formas simbólicas significativas na medida em que elas servem, em circunstâncias sócio-históricas particulares, para estabelecer e sustentar relações de dominação; e tais fenômenos podem ser discernidos de uma variedade de contextos, desde conversas cotidianas entre amigos até discursos presidenciais ou de ministros (mediados ou não), desde brincadeiras e piadas até declarações sérias sobre política e ética (THOMPSON, 2000, p. 343).

Para Thompson, estudar a ideologia significa entender como ocorre o ocultamento das relações de poder, abrangendo os contextos em que as formas simbólicas circulam. Para ele, a análise da ideologia nos meios de comunicação de massa deve ser acompanhada de um estudo do papel das outras instituições sociais, bem como da interação cotidiana. Afinal, a manifestação da ideologia não é exclusiva dos meios de comunicação.



Segundo Terry Eagleton, o conceito de Thompson é um dos mais aceitos, mesmo assim ele considera que "nem todo corpo de crenças normalmente denominado ideológico está associado a um poder político dominante" (1997, p. 19). Eagleton afirma que há uma tendência na esquerda política em considerar "quase instintivamente" o tópico da ideologia um modo dominante. Ele questiona: "Será que o socialismo e o feminismo são ideologias, e se não, por quê? Serão não-ideológicos enquanto oposição política mas ideológicos quando chegam ao poder?". O autor fefende que não é verdade que todas as ideologias são opressivas e legitimadoras de uma ordem social "espúria".

Em Marx e Engels (1998) a ideologia pode ser vista como uma distorção no pensamento, visto que os trabalhadores acabam incorporando valores de uma classe historicamente rival à sua. "Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante" (MARX e ENGELS, 1998, p. 48). Os intelectuais da classe dominante apresentam as idéias de forma universal, como se fossem o único pensamento válido.

Para Marx, a ideologia era vista como uma espécie de ilusão, consciência deformada pela classe opressora. Graças a esse processo, a realidade apareceria ao trabalhador de forma invertida. Mais tarde, o pensador socialista iria avançar na sua caracterização do que seria ideologia. Para ele, a ideologia precisaria ser vista como a expressão da incapacidade de comparar as idéias com o uso histórico delas, com sua inserção prática no movimento da sociedade. Ou seja, a ideologia separaria o conteúdo da forma. Na segunda tese sobre Feuerbach, Marx afirma que "é na práxis que o homem precisa provar a verdade, isto é, a realidade e a força, a terrenalidade do seu pensamento" (1998, p. 100). Isso não significa que as articulações teóricas de orientação conservadora não trouxessem conhecimentos fecundos.

> Para Marx, então, a distorção ideológica não se reduzia a uma racionalização cínica, grosseira, tosca, bisonha ou canhestra dos interesses de uma determinada classe ou de um determinado grupo. Muitas vezes ela falseia as proporções na visão do conjunto ou deforma o sentido global do movimento de uma totalidade, no entanto respeita a riqueza dos fenômenos que aparecem nos pormenores (KONDER, 2002, p. 43).

unesp

Löwy (2006) prefere, para demarcar o tema da ideologia, o *18 Brumário de Luis Bonaparte* de Marx, em que o autor socialista faz uma análise das visões de mundo da pequena burguesia.

> Ele (Marx) observa que quem cria as ideologias são as classes sociais: o processo de produção da ideologia não se faz ao nível dos indivíduos, mas das classes sociais. Os criadores das visões de mundo, das superestruturas, são as classes sociais, mas quem as sistematiza, desenvolve, dá-lhes forma de teoria, de doutrina, de pensamento elaborado, são os representantes políticos ou literários da classe: os escritores, os líderes políticos, etc.; são eles que formulam sistematicamente essa visão de mundo, ou ideologia, em função dos interesses da classe (LÖWY, 2006, p. 104).

A ideologia seria então uma maneira de pensar condicionada pelo horizonte social das classes sociais. Os pensamentos de uma classe social relacionam-se aos condicionamentos realizados ao seu grupo. Logo, ideologia é um ponto de vista de classe.

A perspectiva de Romano (1998) resgata o significado de ideologia dominante como falsa consciência. Para ele, os grupos no poder tornam gerais seus valores, gerando uma mentalidade submissa nas classes subalternas.

> Rechaçar a possibilidade de que exista falsa consciência equivale a aceitar que não tem ocorrido socialização dos valores conservadores, nem controle da informação e do comentário, nem limitação dos temas que devem incluir-se no debate nacional, nem que toda uma série de poderes institucionais tem contribuído para estruturar e definir de antemão nossa visão do mundo e de nossos interesses (ROMANO, 1998, p.27, tradução nossa).

Para Romano (1998), a formação dos sentidos depende das representações predominantes, configuradas pelas diversas experiências dos indivíduos. Dessa forma, é preponderante o papel dos meios de comunicação na formação das chamadas visões sociais de mundo. O fato de que o indivíduo só pode experimentar a realidade mediante signos torna-se um meio de direção dos homens por outros homens (PROSS, 1980).

As primeiras acepções de Marx sobre o tema foram amplamente difundidas, trazendo consigo inúmeras críticas. Eagleton nos ajuda a entender os argumentos dos que descredenciaram a visão da ideologia como falsa consciência:

unesp

> Parte da oposição ao argumento da "falsa consciência" tem origem na alegação, aliás correta, de que as ideologias, para serem verdadeiramente eficazes, devem dar algum sentido, por menor que seja, à experiência das pessoas; devem ajustar-se, em alguma medida, ao que elas conhecem da realidade social com base em sua interação prática com esta (1997, p. 26).

As ideologias, para conseguirem atingir seu objetivo de criar uma visão social de mundo, devem ser muito mais do que ilusões impostas. Mesmo com distorções, as ideologias devem ser verificáveis na realidade, ser reconhecidas por grande parte da população. Essa é a garantia de que elas não correrão os riscos de serem rejeitadas facilmente. As ideologias podem ser "muito verdadeiras no que declaram, mas falsas naquilo que negam" (EAGLETON, 1997, p. 27).

> Qualquer ideologia dominante que falhasse por completo em harmonizar-se com a experiência vivenciada por seus sujeitos seria extremamente vulnerável, e seus representantes fariam bem em trocá-la por outra. Mas nada disso contradiz o fato de que as ideologias, com muita freqüência, contêm proposições importantes que são absolutamente falsas: que os judeus são seres inferiores, que as mulheres são menos racionais que os homens, que os fornicadores serão condenadas ao suplício eterno. Se essas opiniões não são exemplos de falsa consciência, então será difícil saber o que o é; e aqueles que repudiam toda noção de falsa consciência devem ter cuidado para não parecer desdenhosos quanto ao caráter ofensivo dessas opiniões (1997, p. 27).

De certa forma, a ideologia como um sistema de idéias não pode ser considerada falaciosa, entretanto, elas podem servir sim para legitimar uma relação opressiva, sendo que aqueles que as defendem acabem por ignorar esse fato. Essas idéias, verdadeiras ou falsas, podem ser aproveitadas por um grupo dominante egoísta, que tenha como objetivo legitimar seus interesses. "Ainda que a ideologia seja, em grande parte, uma questão de relações vivenciadas, essas relações pelo menos em certas condições sociais, muitas vezes incluiriam, ao que parece, afirmações e crenças inverídicas" (EAGLETON, 1997, p.36).

No campo do marxismo uma contribuição extremamente valiosa é a do pensador húngaro István Mészáros. Em sua obra *O poder da ideologia*, ele discute a forte influência da ideologia dominante em alguns dos mais proeminentes pensadores do século XX. Uma longa citação é necessária para compreendermos o uso que ele faz do conceito:

> Na verdade, a ideologia não é ilusão nem superstição religiosa de indivíduos mal-orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada. Como tal, não pode ser superada nas *sociedades de*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> *classe*. Sua persistência se deve ao fato de ela ser constituída objetivamente (e constantemente reconstituída) como *consciência inevitável das sociedades de classe*, relacionada com a articulação de conjuntos de valores e estratégias rivais que tentam controlar o metabolismo social em todos os seus principais aspectos. Os interesses sociais que se desenvolvem ao longo da história e se *entrelaçam conflituosamente* manifestam-se, no plano da consciência social, na grande diversidade de discursos ideológicos relativamente *autônomos* (mas, é claro, de modo algum independentes), que exercem forte influência sobre os processos materiais mais tangíveis do metabolismo social (2004, p. 65).

As diversas ideologias tentam apresentar suas formas simbólicas como resposta ao todo da sociedade e, sendo assim, são antagônicas umas com as outras. A ideologia dominante apresenta a realidade de uma forma que busca eliminar a chamada "ideologia emancipatória" dos grupos alternativos. Nesse sentido, a ideologia seria a forma como as diversas classes da sociedade se confrontam em qualquer período histórico, sendo a consciência prática necessária à esse embate. O filósofo húngaro afirma que a ideologia tem sempre implicações práticas nos conflitos sociais, ocorrendo independente do posicionamento político de determinado grupo, seja na arte, na comunicação, na filosofia, seja entre conservadores e progressistas.

O conceito de ideologia aplicado por Mészáros possui uma forma geral, aplicada tanto às formulações das classes dominantes como das classes subalternas. Contudo, para ele, a conexão da ideologia dominante com o sistema sóciometabólico de reprodução do capital potencializa sua capacidade de ação, fazendo com que ela defenda os interesses materiais e políticos das classes hegemônicas que possuem o privilégio do poder econômico.

> É claro que as ideologias dominantes da ordem social estabelecida desfrutam de uma importante *posição privilegiada* em relação a todas as variedades de "contraconsciência". Assumindo uma atitude positiva para com as relações de produção dominantes, assim como para com os mecanismos auto-reprodutivos fundamentais da sociedade, podem contar, em suas confrontações ideológicas, com o apoio das principais instituições econômicas, culturais e políticas do sistema todo (MÉSZÁROS, 2004, p. 233).

Mesmo assim, a força da ideologia emancipatória não pode ser minimizada. Mészáros acredita que, quando ativada, essa ideologia pode trazer mudanças substanciais ao convívio social. Na verdade, essa é a estratégia que o pensador imagina como uma possível saída contra o ditame do capital. Ao tornarem-se conscientes de seus interesses, as classes subalternas podem, enfim, lutar pela sua real emancipação. O autor nos lança um desafio, que fornece subsídios para uma necessária reflexão:



> Sendo a ideologia a consciência prática inevitável da sociedades de classes, articulada de modo tal que os membros das forças sociais opostas possam se tornar conscientes de seus conflitos materialmente fundados e lutar por eles, a questão verdadeiramente importante é a seguinte: os indivíduos, equipados com a ideologia da classe a que pertencem, ficarão ao lado da causa da emancipação, que se desdobra na história, ou se alinharão contra ela? A ideologia pode (e de fato faz) servir a ambos os lados com seus meios e métodos de mobilização dos indivíduos que, ainda que não percebam com clareza o que ocorre, inevitavelmente participam da luta em andamento (MÉSZÁROS, 2004, p. 327).

O trabalho do filósofo húngaro aproxima-se em certo sentido da visão de Antônio Gramsci a respeito do tema da ideologia. Entretanto, o militante italiano, aproximando-se de Lukács na definição geral da questão, categoriza o fenômeno em campos de atuação:

> Ambos (Gramsci e Lukács) analisam a ideologia como força real, como fato ontológico, que altera e modifica a vida humana, mesmo quando seus conteúdos cognitivos não correspondem adequadamente à reprodução da realidade (basta pensar aqui nas brilhantes análises de Gramsci sobre a religião, as ideologias populares, etc.). E é precisamente em função desse peso ontológico, e não de sua eventual verdade no sentido epistemológico, que Gramsci distingue as ideologias entre si: há por um lado, o que ele chama de 'ideologias arbitrárias', individuais ou de pequenos grupos, 'inventadas', que são de breve duração e têm pouca incidência sobre a ação humana; e, por outro, temos as 'ideologias orgânicas', que dão expressão às aspirações de grandes correntes históricas, de classes ou grupos com vocação hegemônica e com capacidade de se tornarem classes nacionais, as quais atravessam épocas históricas inteiras e movem as ações das grandes massas. (COUTINHO, 1999, p. 113-114)

As ideologias, para Gramsci, são visões de mundo articuladas à sua ética correspondente. Ela é algo que ultrapassa o conhecimento e conecta-se à ação voltada a influir no comportamento. A ideologia seria, não obstante, o medium da hegemonia. Gramsci enquadra a ideologia dentro de uma graduação dialética, ou seja, passando pelo singular, pelo particular e pelo universal, não os desvinculando. Sua atenção maior, contudo, focaliza-se nas chamadas "ideologias históricamente orgânicas", visto que são elas que possibilitam e potencializam a práxis coletiva pela transformação social.

Acreditamos que para nosso estudo o conceito de ideologia utilizado por Mészáros e Gramsci nos traz uma nítida contribuição. Esse panorama nos ajuda a constituir um olhar crítico sobre os processos de representação. Afinal, são as formas simbólicas os veículos materiais da ideologia.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Bakhtin defende que "tudo que é ideológico é um signo" e que "sem signos não existe ideologia" (1979, p. 31). Para ele, o domínio dos signos coincide com o domínio ideológico. Eles seriam mutuamente correspondentes, afinal, "tudo que é ideológico possui um valor semiótico" (1979, p. 32). Os signos, que podem manifestar-se em diferentes situações (representação, cultos religiosos, legislação, argumentação lógica, etc), têm em comum o fato de se constituírem somente onde há alguma forma de organização social. Leandro Konder, ao avaliar a contribuição de Bakhtin para o tema ideologia afirma que

> Os signos ideológicos são vivos, dinâmicos, existem se modificando. Por um lado, eles podem ser usados, em princípio, por toda a sociedade (a linguagem, por exemplo); por outro lado, eles ficam marcados pelo uso que deles fazem diversos grupos, diversas classes sociais, que têm interesses básicos distintos. Daí a ambigüidade dos signos ideológicos, que tanto podem *refletir* como *refratar* a realidade (2002, p.116).

Ao considerarmos o signo e a ideologia dependentes, podemos afirmar que a ideologia só se manifesta por meio da comunicação. É na linguagem que a ideologia torna-se viva, que ela ancora-se, sendo materialmente produzida. A realidade da ideologia é a realidade dos signos sociais. O processo de consciência relaciona-se ao fenômeno dos signos e da ideologia, afinal, "a lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social" (BAKHTIN, 1979, p. 36).

3.4 Cenário de Representação da Política Alternativo

3.4.1 Hegemonia e contra-hegemonia

Nos estudos da comunicação, as representações políticas podem ser verificadas na análise de conteúdo de seus produtos. Partindo de uma tradição de estudos do imaginário (o qual a ideologia seria um exemplo), um conceito que nos auxilia nessa empreitada é o de Cenário de Representação da Política (LIMA, 2004), que está organicamente relacionado ao tema hegemonia. A hegemonia, conceito renovado por Gramsci, mostra como um "bloco histórico" (conjunto de classes dirigentes) instaura seu poder por meio do consenso. Williams nos ajuda a entender a hegemonia em Gramsci:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> A hegemonia é então não apenas o nível articulado superior de 'ideologia', nem são as suas formas de controle apenas as vistas habitualmente como 'manipulação' ou 'dominação'. É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como prática, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas da sua vida (1979, p. 113).

O espaço da hegemonia é a sociedade civil, em que os chamados "aparelhos privados de hegemonia" são os responsáveis pela disseminação do pensamento predominante (COUTINHO, 1999). A mídia e seu respectivo controle enquadram-se nessa categoria. Para Lima (2004) falar do exercício de uma hegemonia implica, entre outras coisas,

> uma sociedade "ocidentalizada", com alto grau de socialização da política, cujo exercício não pode mais ser reduzido apenas a um estado coercitivo; ao contrário, o próprio Estado amplia-se, constituindo-se de uma sociedade política (aparelho coercitivo) e de uma sociedade civil, formada pelo conjunto das organizações que elaboram/difundem as ideologias (escolas, igrejas, partidos políticos, sindicatos, mídia, etc.) (p. 193).

Para Gramsci, a hegemonia seria a direção moral e intelectual de uma sociedade, onde a dominação "física" e corpórea é auxiliada pela instauração do consenso. O poder de coesão, conectado ao consenso, constituiria o predomínio de uma visão social de mundo e de convívio social.

> A existência da hegemonia pressupõe, indubitavelmente, que os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais ela será exercida sejam levados em consideração, que se forme um certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa. Mas é também evidente que esses compromissos e sacrifícios não concernem o essencial, pois, se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser econômica também e ter seus fundamentos na importante função que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica (GRAMSCI, p. 24, 2005).

A liderança moral e intelectual de uma sociedade não se realiza apenas por meio da força ou de ilusões de consciência, ela mantém-se no domínio por meio de concessões que, dentro de certo limite, engloba interesses corporativos de outros grupos. A hegemonia é constituída por um



bloco de alianças que representa uma base de consentimento para a ordem social definida. Ou seja, é criada uma rede de instituições, relações e idéias, na qual uma classe dominante torna-se dirigente (BOTTOMORE, 1988, p.177).

> A hegemonia é isso: capacidade de unificar através da ideologia e de conservar unido um bloco social que não é homogêneo, mas sim marcado por profundas contradições de classe. Uma classe é hegemônica, dirigente e dominante até o momento em que – através de sua ação política, ideológica, cultural – consegue impedir que o contraste existente entre tais forças exploda, provocando assim uma crise na ideologia dominante, que leve à recusa de tal ideologia, fato que irá coincidir com a crise política das forças no poder (GRUPPI, 1978, p. 70).

A classe dirigente e suas alianças, ou melhor, o bloco histórico que rege uma hegemonia, identifica os problemas de uma sociedade e responde, de acordo com seus interesses, a gama dos conflitos do conjunto social. Entretanto, quando os setores da sociedade não se identificam com os apontamentos da hegemonia estabelecida, eles manifestam sua contrariedade e reivindicam novas atitudes e posicionamentos tanto do poder público, quanto da sociedade civil (PERUZZO, 1998, p. 52). Williams (1979) afirma que a hegemonia

> também sofre uma resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões. Temos então de acrescentar ao conceito de hegemonia o conceito de contra-hegemonia e hegemonia alternativa, que são elementos reais e persistentes na prática (p. 115-116).

Vemos na prática que os movimentos populares, como o MST, utilizam-se do aparelho privado de hegemonia mídia (visto aqui como secundária e terciária) para contestar a visão de mundo predominante, afinal, como esclarece Williams (1979, p. 116):

> A realidade de qualquer hegemonia, no sentido político e cultural ampliado, é de que, embora por definição seja sempre dominante, jamais será total ou exclusiva. A qualquer momento, formas de política e cultura alternativas, ou diretamente opostas, existem como elementos significativos na sociedade.(...) A ênfase política e cultural alternativa, e as muitas formas de oposição e luta, são importantes não só em si mesmas, mas como características indicativas daquilo que o processo hegemônico procurou controlar, na prática.

Segundo Coutinho (1999), estudioso de Gramsci, a critica ideológica e a batalha cultural a ela ligada são decisivas na orientação prática dos homens, sendo um momento decisivo da luta

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

pela construção de uma nova hegemonia. Para o autor, a "luta pela hegemonia implica uma ação que, voltada para a efetivação de um resultado *objetivo* no plano social, pressupõe a construção de um universo *intersubjetivo* de crenças e valores" (p. 115-116). Eagleton nos mostra a atualidade do pensamento de Gramsci:

> Na sociedade moderna, então, não é suficiente ocupar fábricas ou entrar em confronto com o Estado. O que também deve ser contestado é toda a área da "cultura", definida em seu sentido mais amplo, mais corriqueiro. O poder da classe dominante é espiritual assim como material, e qualquer "contra-hegemonia" deve levar sua campanha política até esse domínio, até agora negligenciado, de valores e costumes, hábitos discursivos e práticas rituais (p.106).

Nas ditas sociedades "ocidentais" a melhor estratégia para a construção do socialismo seria a chamada guerra de posição, em que as classes subalternas disputam a direção moral e intelectual da sociedade. Distanciando-se de uma perspectiva revolucionária frontal, Gramsci acredita que um nova sociedade deve ser construída pela conquista do consenso, disputando-se os corações e as mentes, ou melhor, ganhando posições nos "aparelhos privados de hegemonia" presentes na sociedade civil. Eagleton (1997), tratando da consciência dos grupos subalternos em Gramsci, afirma que a prática revolucionária deve "elaborar e explicitar os princípios potencialmente criativos implícitos na compreensão prática dos oprimidos – elevar esses elementos incipientes, ambíguos de sua experiência à condição de filosofia coerente ou 'visão de mundo'". (p.110)

A aplicação do conceito de hegemonia em nosso campo do saber parece ter abandonado a temática da ideologia, que em Gramsci aparece vinculada. A leitura de Williams sobre a questão, que inspirou os estudos a respeito da hegemonia, parece esquivar-se da questão e substitui a discussão da ideologia pelo conceito gramsciniano de hegemonia. Konder (2002), contudo, acredita que "a ideologia, por definição, se atém ao que acontece na esfera da consciência, do pensamento, das representações, sem poder dar conta da materialidade das ações humanas" (p.194). Dessa forma, como poderia a hegemonia, que é um conjunto de ações que afirmam a direção moral e intelectual de um grupo, ser possível sem a ideologia? Para Konder, "o encaminhamento efetivo da hegemonia (e da contra-hegemonia) depende de convicções e motivações ideológicas" (p.195).



Konder afirma que a ideologia e a hegemonia estão inseridas na esfera de um conceito chave no pensamento marxista: a *praxis*.

> Na sua atividade, o sujeito humano responde a situações concretas que o limitam, que o condicionam, mas faz suas escolhas, toma decisões, assume os riscos de suas iniciativas. Para isso, precisa de motivações e de reflexões: sua consciência exige a teoria. A ideologia é o fenômeno que, nas sociedades dilaceradas pela divisão do trabalho, interfere decisivamente no momento *teórico* da práxis (p. 146).

O conjunto de ações necessárias à construção de uma hegemonia depende da ligação entre a prática e a teoria. Assim, a hegemonia depende do encaminhamento dado à questão ideológica que, limitada à esfera da consciência, determina as mudanças sociais.

Em nosso trabalho, investigaremos como a estratégia midíatica do MST aproxima-se da discussão a respeito da contra-hegemonia que, como veremos a seguir, apresenta suas representações no CR-P alternativo[9] presente nos veículos de comunicação do movimento.

3.4.2 O CR-P

O conceito de Cenário de Representação da Política apresentado por Lima (2004) parte de uma tradição de estudos ligados ao imaginário social e a cultura política, tendo no conceito de hegemonia de Antonio Gramsci uma referência básica.

> Se entendermos a palavra "cenário" como significando o espaço onde ocorre algum fato, a ação ou parte da ação de uma prática qualquer, é possível afirmar que a hegemonia – para efeito de análise – pode ser decomposta em vários "cenários" específicos que incorporam todas as suas características. Necessariamente integradas à articulação hegemônica, as diferentes dimensões do "conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida" constituem-se em cenários/espaços próprios, com significados e valores específicos, que também se interpenetram e se superpõem. (2001, p.181-182)

Lima (2004) define o CR-P como

[9] Preferimos utilizar o termo CR-P alternativo ao invés de CR-P contra-hegemônico por acharmos mais coerente com o termo mídia radical alternativa, que conceitua os veículos que analisamos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> o espaço específico de representação da política nas "democracias representativas" contemporâneas, constituído e constituidor, lugar e objeto da articulação hegemônica total, construído em processos de longo prazo, na mídia e pela mídia, sobretudo na e pela televisão. Como a hegemonia, o CR-P não pode nunca ser singular. Temos, portanto, de acrescentar ao conceito de CR-P o conceito de contra CR-P ou de CR-P alternativo (2001, p. 182-183).

É o conceito de CR-P alternativo que nos interessa neste trabalho. Ele nos possibilita a investigação dos sentidos produzidos em oposição aos discursos hegemônicos. Ao analisarmos a comunicação nas classes subalternas, podemos verificar como se apresentam as representações contra-hegemônicas e como, conforme o próprio conceito de hegemonia esclarece, ela dialoga com as representações predominantes.

Para Lima, a centralidade da mídia na sociedade contemporânea implica o seu oposto, o periférico, marginal. O autor considera o papel da comunicação na socialização dos indivíduos como um processo pelo qual as pessoas internalizam a cultura de seu grupo e assimilam as normas sociais. Essa centralidade da mídia também é importante na esfera da cultura, que acaba por se confundir com a esfera social, visto que o conteúdo das comunicações constróem a realidade por meio das representações que faz da vida humana. Lima esclarece que

> O advento dos meios de comunicação eletrônicos, sobretudo da televisão, transforma a mídia no "aparelho privado de hegemonia" mais eficaz na articulação hegêmonica (e contra-hegemônica), vale dizer, na capacidade de construir/definir os limites do hegemônico (da realidade) dentro dos quais ocorre a disputa política (2001, p. 190-191).

A mídia substitui algumas das tradicionais funções do partido, tais como: definir a agenda dos temas relevantes para a discussão na esfera pública, gerar e transmitir informações políticas, fiscalizar a ação das administrações públicas e canalizar as demandas da população junto ao governo.

Nas mídias contra-hegemônicas as representações tendem a se contrapor aos CR-Ps dominantes. Dessa forma, a representação da democracia, por exemplo, se manifestará de forma diferente nos dois cenários. Enquanto na mídia hegemônica ela é demonstrada como um processo meramente eleitoral, na mídia alternativa a democracia aparece como sinônimo de participação política. Entretanto as duas acabam por se relacionar, já que o central e o periférico tratam de temas semelhantes e configuram o exercício vívido e contraditório de uma hegemonia. Assim,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

para uma melhor compreensão do CR-P alternativo é necessário compreendermos de que forma se configura a hegemonia e seus cenários de representação.

3.4.3 Elementos constitutivos

Podemos identificar um cenário de representação da política por meio de seus elementos contitutivos, que, para Lima (2004, p. 203), são "as representações expressas no conteúdo (nas mensagens) de longo prazo da programação ou das matérias impressas". Essa idéia pode ser ampliada, considerando como elementos constitutivos os temas que aparecem com mais ênfase nas mídias do MST. Na identificação de um cenário de representação da política alternativo, como é o nosso caso, ela deve ser feita no nível de sua produção, ou seja, das mensagens veiculadas pelas mídias.

Dessa forma, poderemos elencar os temas constantes que fazem parte do conjunto contra-hegemônico do MST, compondo um cenário onde aparecem as "representações cognitivas, afetivas e valorativas, com relação à política, numa determinada circunstância histórica" (LIMA, 2004, p. 206).

Em seguida, nos debruçaremos sobre a análise das mídias do movimento e da construção do CR-P alternativo expressos nelas. Norteado pelas concepções expostas neste capítulo, vamos elucidar a relação entre a produção de sentido do movimento, sua prática política e como se consolida a ideologia emancipatória no MST, o maior movimento camponês da América Latina.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

CAPÍTULO 4

As Mídias do MST: análise dos elementos constitutivos da representação política e cultural

Norteados pelas elucidações contidas nos capítulos iniciais, aqui veremos a análise das representações contidas nas mídias do MST, bem como dos significados políticos presentes nelas. Assim, as peculiaridades que compõem o cenário de representação política alternativo, bem como as estratégias culturais de criação do imaginário no movimento são desvendadas.

A pesquisa de campo proporcionou subsídios para a contextualização de nossas considerações. O breve vínculo com os trabalhadores rurais foi enriquecedor e auxiliou um melhor entendimento do papel desses sujeitos na produção de sentido. Podemos conceituar como observação participante o formato de pesquisa de campo que desenvolvemos. Dessa forma, buscamos nesta fase de nosso estudo, por meio de coleta de dados, mapear os meandros que circundam a produção de sentido no MST, bem como as mediações que se relacionam à criação dos produtos midiáticos do movimento. Na observação participante ainda há uma relação sujeito-objeto de pesquisa, o pesquisador não se camufla, nem devolve de forma efetiva as conclusões alcançadas, e o grupo investigado não participa ativamente da estruturação da pesquisa, como é o caso da pesquisa-ação (PERUZZO, 2004). Mesmo assim, acreditamos que a observação participante foi um avanço interessante, no sentido de descobrirmos as peculiaridades de nossa situação investigada *in loco*. A coleta de dados foi feita em Brasília/DF, onde foi possível acompanhar o MST-SP na *Assembléia Popular: Mutirão por um Novo Brasil;* em Itaberá/SP na Oficina de Rádio; no contato com os acampados de Iaras/SP e com o setor de comunicação do MST em São Paulo.

No final de outubro de 2005, nos dias 25, 26, 27 e 28, fomos até Brasília - DF para participar da Assembléia Nacional Popular. A 4ª Semana Social Brasileira e a Rede Jubileu Sul/Brasil decidiram unir o momento nacional da 4ª Semana Social Brasileira e a Assembléia Nacional Popular em um único acontecimento denominado *Assembléia Popular: Mutirão por um Novo Brasil.* No evento, foi possível participar das atividades propostas, bem como coletar material referente à mística. Também estivemos presentes na passeata da Assembléia, onde foi possível verificar a forma como o MST organiza suas marchas, incluindo os símbolos expressos na manifestação.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

No geral, acompanhamos os membros do MST-SP nas mini-plenárias e plenárias, bem como as atividades culturais, como no caso das místicas, organizadas por membros do MST e das Pastorais Sociais da Igreja Católica. Participamos ativamente do grupo de trabalho sobre Comunicação e da discussão do Bioma Mata Atlântica, que contempla uma região do estado de São Paulo.

Realizamos, durante a assembléia, entrevistas de compreensão, ou seja, perguntamos a alguns militantes questões relacionadas à nossa pesquisa, como a situação política de seus acampamentos e suas opiniões sobre os temas encontrados nas mídias do MST, sempre com o objetivo de compreender a eficácia das representações políticas. Os entrevistados forneceram informações importantes a respeito de suas visões políticas, bem como o cotidiano da luta pela terra em suas respectivas regiões.

Desde 2003 mantemos contato com os acampados da regional de Iaras - SP do MST. As visitas, embora informais, auxiliaram na leitura da problemática que circunda o fenômeno que investigamos.

De 14 a 19 de março de 2005 acompanhamos as atividades da Oficina de Rádio, realizada na Escola de Agroecologia Laudenor de Souza em Itaberá – SP. A pesquisa de campo nos forneceu dados pertinentes ao nosso estudo, complementando os subsídios para nossas análise e conclusões. Além disso, na oficina pudemos conferir o funcionamento dos cursos de formação do MST, o que enriqueceu nossa compreensão sobre as políticas de comunicação do movimento. Assim, o diário de campo foi um instrumento fundamental de análise, sendo um forte aliado de nossa pesquisa.

Nossas análises, que buscam compreender as representações que compõem um cenário político específico, foram estimuladas pelo conceito de mídia fornecido por Pross (1987) que será exposto no início deste capítulo. Como veremos, a compatibilidade entre os estudos de representação e a discussão da mídia radical somada as articulações de Pross sobre a mídia comprovam-se no estudo dos produtos midiáticos do MST.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

4.1 Categorizando a Mídia

As variadas formas pelas quais a mídia radical se expressa demonstra as inúmeras potencialidades de expressão do homem. Downing (2002) aborda em seu estudo diversas dessas facetas. Beth e Pross (1987) contribuem com o debate sobre os aparatos midiáticos por meio da definição de mídia primária, secundária e terciária. Antes de nos debruçarmos sobre esses conceitos, é digna de nota a relação entre esses tópicos e a problemática que envolve a posse dos meios de comunicação em nossa sociedade. Acreditamos que pensar os meios a partir do corpo, como faz Beth e Pross (1987) faz parte de uma perspectiva ontológica que não pode ignorar as diversas dimensões da produção do homem por ele mesmo.

Esse tópico merece um pouco mais de nossa atenção. Em primeiro lugar devemos ressaltar que pensar o homem dentro de uma perspectiva histórico-social significa compreendê-lo inserido dentro de um complexo de múltiplas determinações que o compõe. Isso significa que o sujeito deve ser visto de forma concreta e não empiricamente, como imediatamente poderiamos concebê-lo. O homem aparece como ruptura em relação à natureza e não como continuidade dela; é ele que adapta a natureza às suas necessidades e não o contrário.

> É exatamente na atuação sobre o mundo objetivo que o homem se manifesta como verdadeiro ser genérico. Esta produção é a sua vida genérica ativa. Por meio dela, a natureza nasce como a sua obra e a sua realidade. Em conseqüência, o elemento do trabalho é a objetivação da vida genérica do homem: ao não se reproduzir somente intelectualmente, como na consciência, mas ativamente, ele se duplica de modo real e percebe a sua própria imagem num mundo por ele criado (MARX, 2001, p. 117).

Dessa forma, o trabalho aparece como categoria mediadora da relação entre o sujeito e o mundo que o cerca, afinal, é por meio dele que o indivíduo se constrói. Na comunicação, vemos que o homem transcende a natureza de seus aparatos fisiológicos ao criar formas de ampliar suas expressões, modificando a forma de comunicação e, por conseguinte, transformando-se frente a esses instrumentos (que no caso das ferramentas da mídia massiva, como veremos, acaba por tornar-se estranha ao conjunto dos trabalhadores, graças à apropriação privada nas mãos de um poder hegemômico).

Para Beth e Pross (1987) as mídias primárias são os meios de contato inicial dos homens, ou seja, é a comunicação sem aparatos externos. Esses são os principais meios de entendimento.

unesp

A mídia primária aparece quando dois indivíduos que se comunicam ocupam o mesmo espaço físico e seus aparatos fisiológicos são suficientes para se fazerem entender. Para produzir um sentido, nessa mídia, é possível operar de diversas maneiras, desde a expressividade dos gestos, do rosto, passando pela fala e entonações variadas. O corpo pode propiciar uma complexidade de ferramentas para construir simbolicamente inúmeras situações. A mídia primária é a base das mídias e se aproxima do nível interpessoal das relações humanas.

Quando para nos comunicar necessitamos de algum tipo de aparato para emitir nossas mensagens e nossos interlocutores não necessitam de nenhum, estamos utilizando a chamada mídia secundária. O uso do megafone em manifestações, por exemplo, serve para amplificar a voz, fazê-la atingir níveis que sem o objeto não conseguiríamos alcançar. Para os receptores, não é necessário nenhum instrumento externo para compreender as mensagens emitidas pelo aparato megafone. As imagens artificiais e a escrita incluem-se nesse modelo de mídia, assim como as performances que utilizam o vestuário, os rituais com enfeites, o grafite, os murais, etc. O jornal impresso e demais textos também podem ser agrupados nessa mídia.

As transmissões de rádio por ondas e as músicas gravadas em CDs fazem parte da mídia terciária. Beth e Pross entendem como mídia terciária

> os meios de tráfego de símbolos que pressupõem aparatos do lado do produtor e do consumidor. O quadro pintado e a fotografia pertencem, de acordo com esta divisão, aos meios secundários. São perceptíveis sem aparatos. O filme necessita de um projetor, a televisão requer, ademais, aparatos receptores que permitam a percepção do filme (...) (1987, p. 170, tradução nossa).

A vantagem de se pensar a mídia tendo como referência os aparatos está na questão da disponibilidade de acesso a essas ferramentas. Sem uma rotativa é impossível fazer jornal, sem um transmissor, não conseguiremos trabalhar com o rádio. Enzensberger (2003), além de discutir a questão da posse das mídias, que para ele são indústrias de consciência que devem ser democratizadas, afirma que mais do que o fato das massas serem alijadas dos modernos meios de comunicação, elas são excluídas dos domínios técnicos necessários para o despertar das potencialidades do uso emancipatório dos meios.

> A construção de recursos técnicos para superar as restrições da percepção elementar pode ser interpretada como o motor da sociologia cultural, uma vez que os donos desses recursos podem colonizar o tempo de vida dos outros. A

> começar pelo tambor da selva e os sinais de fumaça até a radiodifusão e a Internet, os donos dos meios de comunicação conseguem alcançar simultaneamente mais pessoas num espaço maior e em menos tempo do que lhe seria possível de outra maneira em toda a sua vida. O trabalho fisiológico de percepção de muitos acumula-se em forma de lucro de poucos operadores da mídia. Esse processo, com sua repetição periódica, produz efeitos econômicos (reciclagem...) tanto no ritual elementar quanto na programação eletrônica (PROSS, 2005, p.2)

O estranhamento em relação aos aparatos midiáticos (que se aproximam da relação alienada do trabalhador com o produto de seu trabalho) exclui as classes subalternas do uso das mídias. Os instrumentos de comunicação só serão revolucionados de fato quando apropriados pelas classes populares. Eles são avanços da humanidade e, segundo Genro Filho, devem estar a serviço de todos.

> Os meios de comunicação podem produzir, em termos quantitativos e qualitativos, um universo cultural e informativo superior àquele elaborado de forma natural, espontânea e artesanal. Não obstante, esse processo precisa ser qualificado de modo conscientemente, como ação das instâncias políticas e técnicas, sob hegemonia da ideologia revolucionária e articulada dialeticamente com os interesses e consciência das massas. Através dos modernos meios de comunicação radicaliza-se a possibilidade das transformações na consciência e na cultura. Portanto, aumenta a possibilidade do sujeito coletivo agir diretamente sobre si mesmo, a partir de suas diferenças internas, contradições e potencialidades daí decorrentes (1987, p.34).

Assim, pensar a mídia radical alternativa de forma estratégica requer o desenvolvimento técnico das massas, além da discussão política que envolve a democratização dos meios massivos de difusão de informação. Dessa forma, a contra-hegemonia pode de fato consolidar-se, ganhando espaço nas mídias primárias, secundárias e terciárias radicais alternativas e propiciando a práxis comunicacional dos movimentos sociais. As mídias no MST parecem dirigir-se a tal fim.

O movimento possui em suas fileiras exemplos das três mídias, ainda que no caso da mídia terciária ocorra um desenvolvimento recente. As representações políticas podem ser verificadas nesses veículos, que como demonstraremos aqui, criam um cenário de representação política alternativo. O debate em torno da comunicação dentro do MST já possui algumas sistematizações, que norteiam a implementação dos projetos do movimento ligados ao setor de comunicação.

unesp

4.2 O setor de comunicação do MST

Embora o jornal do MST seja mais antigo do que o próprio movimento, ele surgiu como experiência no Rio Grande do Sul em 1981, as discussões sistematizadas do setor de comunicação ocorrem há aproximadamente cinco anos. Camila Bonassa, coordenadora do setor de comunicação do estado de São Paulo, afirma[10] que as experiências de comunicação que ocorreram nesses 22 anos de história do movimento não eram desenvolvidas por um núcleo específico da organização. Hoje nem todos os estados possuem coletivos organizados, mas já existem direções representativas desse setor na maioria dos estados em que o MST atua. A maior dificuldade é desenvolver ações mais duradouras, que não sejam somente pontuais. Dentre os principais focos do setor estão a assessoria de imprensa, a página na internet, os veículos impressos (jornal e revista) e as rádios populares, que fazem parte de uma nova frente que começa a se desenvolver recentemente.

Os princípios que regem a atuação do MST na comunicação pautam-se pela tentativa de resgatar a cultura camponesa e o histórico das experiências dos antepassados, que possam servir de lição para a luta do movimento.

> O ser social não é produto apenas do momento presente, é a soma das relações e conhecimentos. Sendo assim, temos que resgatar e assimilar a história dos grupos sociais diversos da sociedade: índios, brancos e negros, a história do país e a história de outros povos, para compreender e situar nossa luta no tempo e no espaço (MST, 2006).

A comunicação no MST possui o objetivo de conscientizar o trabalhador rural. Ou seja, é tarefa da comunicação melhorar a compreensão dos acampados e assentados sobre a realidade local e mundial. Os meios de comunicação hegemônicos são vistos pelo movimento unilateralmente como esferas ligadas a burguesia, que fornecem ao público conteúdos empobrecidos e manipulados.

> Na esfera do entretenimento, explora-se cada vez mais a vulgaridade e o mundo-cão, pois exibir as mazelas do sistema, em situações controladas, é uma estratégia de dominação muito mais eficaz do que tentar escondê-las. A manipulação da ansiedade e a exibição de uma espantosa insegurança geral

[10] Em entrevista realizada no dia 09/03/2006.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> baixam o nível de expectativas, inclusive das pessoas e grupos sociais mais vulnerabilizados, e criam a disponibilidade subjetiva para suportar os grandes encargos de uma vida sem perspectiva (MST, 2006).

Dessa forma, o combate à cultura dos valores consumistas e mercadológicos defendidos pelos meios de comunicação ligados ao neoliberalismo é essencial. A criação de uma nova cultura, centrada na valorização dos aspectos que compõem a vida humana aparece como modelo a ser aplicado no lugar da cultura mercantil.

As lutas desenvolvidas por outros povos devem ser abordadas, para colocar o militante sem terra em contato com outras experiências de protagonismo social. A comunicação também deve "despertar nos camponeses e espirito de indignação e de solidariedade" (MST, 2006), que o direcione rumo à construção de uma nova sociedade.

Para o setor de comunicação, os veículos informativos possuem o poder de criar identidade e unidade em torno dos programas, planos, idéias e propostas do MST. Alem disso, a comunicação deve estar a serviço do desenvolvimento de um projeto popular para o Brasil.

Uma das maiores dificuldade do setor, enumerada por Camila Bonassa, é o envolvimento dos trabalhadores nos processos de produção. Faltam pessoas para assumir as atividades e a discussão da importância e de que qualquer um pode fazer comunicação popular, desde que tenha responsabilidade. A capacitação técnica não é o grande problema, mas a discussão política do papel dos meios de comunicação para a organização do movimento e o combate à apatia política.

4.3 Análise dos elementos constitutivos dos cenários de representação

A análise subsequente tem a finalidade de descobrir as peças que montam o cenário de representação da política alternativo composto pelas mídias do MST. Lima (2004) afirma que o CR-P "é uma construção simbólica vinculada à ação política da 'audiência' que expressa sua 'leitura' da política, seja elegendo ou derrotando candidatos pelo voto nas eleições, seja mediante filiação e/ou militância partidárias, seja por meio de *participação em movimentos sociais* (...)" (p. 206, grifo nosso). Assim, poderemos verificar nas práticas sociais dos sujeitos concretos envolvidos no processo de comunicação, a confirmação da identificação do CR-P alternativo.

Como o CR-P não se reduz a um significado particular, mas "articula o conjunto – hegemônico ou contra-hegemônico – das representações cognitivas, afetivas e valorativas, com

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

relação à política, numa determinada circunstância histórica" (LIMA, 2004, p. 206), nos deteremos aos significados políticos dos veículos analisados. Dessa forma não nos debruçaremos sobre a estrutura dos textos, buscando somente neles as respostas para nossas aflições. Nossa proposta busca desvendar as amarrações da teia que compõe o cenário de representação. A questão da ideologia, problemática evitada por Lima (2004), não será descartada da análise que realizamos. O conceito será visto como um elemento que, na esfera da consciência, interfere nas ações comunicativas, sendo uma das teorias ligadas ao imaginário que podem ser aproximadas da questão da hegemonia e dos cenários de representação que ora a cimentam, ora a alteram. Assim, em nossa proposta não faremos uma análise detalhada de cada mídia, nossa intenção não é descrever cada instrumento, mas, em diálogo com os conceitos desenvolvidos anteriormente, demonstrar como o CR-P alternativo é constituído no MST. Os exemplos que poderiam ser usados nessa busca são inúmeros, contudo, nos concentraremos naqueles que possuem relação estrita com as temáticas que temos o intuito de evidenciar.

Após as análises das constelações simbólicas presentes nas mídias do MST, elencaremos quais os principais temas que compõem o CR-P alternativo na esfera do movimento.

4.3.1 Mídia Primária

A mídia primária é aquela que se desenvolve em um mesmo espaço físico, não exigindo dos participantes nenhum aparato, além do corpo, para consolidar a comunicação. Do imenso universo de possibilidades primárias de comunicação disponíveis, selecionamos algumas situações que consideramos possuir um peso maior na construção simbólica do conjunto de posicionamentos defendidos no MST.

Do ponto de vista simbólico, e pela importância na reafirmação dos princípios do movimento, o momento de cantar o hino do MST é uma situação de destaque. Os valores defendidos na canção resgatam a mística das lutas sociais e sua entoação é realizada com disciplina. Cantado em momentos chave da luta que o MST desenvolve, o hino é entoado em místicas, vigílias, encontros, ocupações, oficinas e na presença de visitantes que não fazem parte dos quadros da organização, mas apoiam as ações do movimento. O hino é considerado um símbolo, como a bandeira, e sua composição é resultado de um concurso realizado entre os diversos estados em que o movimento possui quadros. No Encontro Nacional de 1989, em Nova

unesp

Veneza (SP) foi escolhida a música vencedora, trazida pelo MST da Bahia e composta por Ademar Bogo. A música em forma de marcha foi elaborada por Willy de Oliveira, da Orquestra da USP.

Na ausência de recursos, algo muito comum nos acampamentos, o hino é apenas cantado, não recebendo nenhum acompanhamento musical. É nessa situação que acompanhamos seu uso. Possuindo o papel de uma espécie de ritual em que se celebra a organização, há um padrão corporal uniforme para acompanhar sua execução. Todos em pé, olhar a frente, postura corporal ereta, eles cantam a letra. Na hora do refrão, o braço esquerdo se levanta e o punho na altura da cabeça golpeia o ar no ritmo da letra cantada. Os movimentos corporais são uma regra que deve ser respeitada, há uma disciplina quanto a postura exigida nesse rito. Mesmo a letra possuindo um conteúdo progressista, a uniformização dos atos lembra os tradicionais hinos nacionais, mantendo a postura quase militar que eles exigem. Esse é um exemplo de como os veículos do MST estão ao mesmo tempo dentro e fora da hegemonia, mantendo a estrutura tradicional dos hinos, o movimento insere nele os valores contra-hegemônicos que defende. A letra, em alguns centros de formação, como o de Iaras/SP, fica estampada na parede (nesse caso, faz parte da mídia secundária), para que todos possam acompanhá-la. Por imitação e repetição, as famílias acabam assimilando as normas de desempenho corporal exigido no rito.

Hino do MST

Vem, teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldamos a nossa rebeldia
e plantemos nessa terra como irmãos!

Vem, lutemos punho erguido
nossa força nos leva a edificar
nossa pátria livre e forte
construída pelo poder popular

Braço erguido, ditemos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Nossa força resgatada pela chama

da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!

O hino é um libelo à luta popular. "Vem, teçamos a nossa liberdade/ braços fortes que rasgam o chão/ sob a sombra de nossa valentia, desfraldamos a nossa rebeldia/ e plantemos nessa terra como irmãos!". O convite à luta é feito, a liberdade dos trabalhadores será resultado de suas ações, que construirão com seus braços fortes, conquistados com o árduo trabalho no campo, uma terra onde possamos plantar como irmãos. O elemento cristão é muito forte no movimento e a carga simbólica dessa presença, que se atrela a gênese do próprio MST, pode ser sentida em diversas esferas do movimento. A rebeldia, antes adormecida, dos trabalhadores resulta em uma terra quase sagrada, onde os "irmãos" poderão, enfim, unir-se.

"Vem, lutemos punho erguido/ nossa força nos leva a edificar/ nossa pátria livre e forte/ construída pelo poder popular". O refrão chama os trabalhadores a levantar seus punhos, algo que todos fazem no momento da execução do hino. Golpeando o ar com força, os militantes demonstram a potencialidade de suas ações. Só o poder popular criará as bases de uma nova sociedade.

"Braço erguido, ditemos nossa história/ sufocando com força os opressores/ hasteemos a bandeira colorida/ despertemos esta pátria adormecida/ o amanhã pertence a nós trabalhadores!". por meio da luta (braço erguido) e da subversão que a verdadeira pátria poderá acordar. Os trabalhadores poderão ditar sua própria história, que antes era contada pelos opressores. A luta de classes também é representada na letra, cabe aos militantes do MST sufocar com convicção os adversários, tirando-lhes o oxigênio - combustível da hegemonia dos grupos dominantes. Ao abafar a vitalidade dos seus desafetos, o MST poderá levantar sua bandeira colorida, que remete ao vermelho clássico das esquerdas e ao colorido de todas as raças.

"Nossa força resgatada pela chama/ da esperança no triunfo que virá/ forjaremos desta luta com certeza/ pátria livre operária camponesa/ nossa estrela enfim triunfará!". Ao crer na utopia de uma nova sociedade e planejar os passos para alcançá-la, os trabalhadores irão fabricar a sociedade da aliança operário/camponês, representada pelo clássico símbolo do socialismo, ou seja, a foice e o martelo cruzados. Finalmente a estrela, outro símbolo da esquerda clássica, irá despontar.

unesp

Na letra do hino podemos verificar elementos das duas grandes matrizes que compõem o MST, o cristianismo e o marxismo, resultado do trabalho da CPT e das Comunidades Eclesiais de Base na aglutinação dos trabalhadores que fundaram a organização. Os princípios da teologia da libertação ainda são muito presentes, embora o MST tenha decidido afastar-se organicamente das pastorais sociais.

A letra do hino e sua execução nos remetem ao papel das canções nos movimentos operários. Lidtke citado por Downing (2002), ao tratar do movimento operário alemão de 1870 à 1914, considerava-o um "movimento cantante" e sugere que

> (...) na canção, e especialmente ao cantar em grupo, o indivíduo ao mesmo tempo desfrutava a companhia de outras pessoas, expressava tendências ideológicas (muitas vezes vagas, com certeza) e encontrava gratificação por participar de *performances* artísticas simples. As canções propiciam que as idéias sejam repetidas indefinidamente; por essa razão, a consciência pode ser mais influenciada por versos de canções do que por discursos ouvidos de uma só vez. (...) Palavras e frases que parecem triviais quando julgadas pelos critérios da nobre teoria, podem no entanto assumir um significado considerável quando entendidas como parte de uma matriz informal de sentimentos e aspirações (LIDTKE apud DOWNING, 2002, p. 170).

O caráter ritualístico do hino e a fácil performance de sua execução podem ilustrar a tentativa do movimento em criar uma identidade do ser sem terra. A padronização e a exaltação da luta social são fatores utilizados com a finalidade de manter a unidade em torno dos princípios do MST.

As palavras de ordem possuem um efeito semelhante ao hino, visam alegrar a militância e exaltar a emoção em participar da organização. Em marchas e manifestações elas também servem como alerta, para dirigir a atenção dos militantes para uma determinada orientação. As mais usadas são: "Reforma Agrária: Por um Brasil sem latifúndio", "MST: A luta é pra valer!" e "Pátria livre: Venceremos!". Quase como gritos de guerra em gincanas, essas frases são usadas para, de uma forma sintetizada, expressar os motivos que guiam o MST em suas ações. Grande parte delas é criada em setores específicos do movimento, mas as frases criadas pelos militantes em geral evidenciam a coerência dos motivos trabalhados. Na Oficina de Rádio realizada na Escola de Agroecologia Laudenor de Souza em março de 2006, muitas dessas palavras de ordem puderam ser verificadas. Todas elas abarcam o tema da comunicação nos movimentos populares.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

"Lutar, comunicar, para a sociedade poder transformar", defende o papel da comunicação na construção de uma nova sociedade. "Para a comunicação avançar, as sementes temos de cultivar", apresenta a mística da semente e da terra, resgatando o tempo da colheita e a importância do planejamento para poder colher os frutos. "Paulo Freire em ação, unindo forças na comunicação. Educar, comunicar, para a luta avançar" relembra o famoso educador que criou uma das metodologias educativas aplicadas pelo MST. "Patativa do Assaré, poeta popular, organizando o povo para a cultura transformar", realça a importância da cultura popular e o papel do povo na construção de novos valores. "Irmã Dorothy na organização, formando militantes para a comunicação", utiliza a figura da missionária Dorothy Stang, assassinada em fevereiro de 2005. O histórico de Stang ilumina as práticas sociais e forma os militantes. "Che vive, por uma comunicação livre", traz a emblemática figura do guerrilheiro da revolução cubana, figura mística que aparece em diversas mídias do movimento.

O resgate da memória das lutas sociais e o cultivo aos chamados "lutadores do povo" é presente em diversas mídias do movimento, sendo utilizados em cartazes, canções e místicas. Os acampamentos e assentamentos da organização recebem nomes de figuras representativas da esquerda e dos militantes do MST que perderam a vida na luta pela Reforma Agrária. Nomes como Rosa Luxemburgo, Che Guevara, Antonio Conselheiro, Padre Josimo Tavares, Paulo Freire, Oziel Alves, Florestam Fernandes nomeiam escolas, centros de formação e conjuntos habitacionais. Enquanto nas cidades convivemos com ruas e avenidas com nomes de presidentes, marechais e generais, no MST vemos homenagens àqueles que dedicaram sua vida pela causa popular. A disputa política no campo dos valores e da memória lembra as afirmações de Benjamim (1987) de que é tarefa dos movimentos de transformação salvar os antepassados escravizados, ao invés de imaginar o futuro livre dos descendentes. "O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer" (p. 3).

Esse resgate da memória e construção simbólica do espectro da esquerda é uma estratégia que visa reforçar os valores do protagonismo político e da mobilização popular para conquistar a terra almejada, em primeira instância, e a nova sociedade, no futuro.

Ao entrar em contato com o MST, os trabalhadores rurais são bombardeados por um conjunto simbólico extremamente coordenado. Desde o setor de educação, passando pelo de formação e de comunicação, até nas discussões nos núcleos dos acampamentos e assentamentos,

unesp

existe um conjunto de representações que definem o imaginário do movimento. Não é de se estranhar que as produções culturais dos militantes, como as palavras de ordem citadas, aproximem-se desse espectro ordenado de significados. Pross (1980) chama de material familiar a confiança e estabilidade sobre signos facilmente reconhecíveis. Esse conjunto de representações é aceito como provado e livre de questionamento. Contudo, Pross nos alerta sobre o risco dessa confiança estabilizar o sujeito. Ao não ter que se deparar com novos signos, é possível que o sujeito também não se renove, ficando suscetível a repetibilidade de valores estáticos. Por não questionar os signos usuais, não colocá-los em prova, há o risco de se perder a própria confiança sobre esse material familiar, fragilizando os próprios significados pretendidos.

Na Oficina de Rádio, um militante recitou o poema "Operário em construção" de autoria de Vinícius de Morais. A poesia trata da descoberta da realidade de opressão por um operário. O militante sem terra, em pé, caminhando pela sala, com uma expressão serena, inicia a poesia. "Era ele que erguia casas/ onde antes só havia chão". Com o desenvolvimento do poema, o militante, um homem na faixa dos quarenta anos, começa a representar sua indignação, aumentando o tom da voz e, com os punhos fechados golpeia o ar na altura da cabeça. Quase como uma espécie de profeta, ele conta a boa nova aos companheiros: "Naquela casa vazia/ Que ele mesmo levantara/Um mundo novo nascia/ De que sequer suspeitava". Com a letra decorada e encenando a indignação o militante ressalta: "E o operário disse: Não!/ E o operário fez-se forte/ na sua resolução". No confronto com o patrão, passagem ilustrada por Lucas, cap. V, vs. 5-8, o operário nega as oferendas de seu opressor, afinal, tudo o que ele lhe oferecia, já lhe pertencia. No final, o operário em construção é construído, e reaviva a esperança dos que se foram. "E o operário ouviu a voz/ de todos os seus irmãos/ Os seus irmãos que morreram / por outros que viverão/ Uma esperança sincera / Cresceu no seu coração/ E dentro da tarde mansa/ Agigantou-se a razão/ De um homem pobre e esquecido/ Razão, porém que fizera/ Em operário construído/ O operário em construção". Todos os presentes na sala aplaudem efusivamente, a mensagem, símbolo e representação da luta das esquerdas e uma metáfora elucidativa da caracterização do proletário pela esquerda marxista, alcança sua finalidade de formação política.

Essa apresentação ilustra a capacidade expressiva da mídia primária, característica que todos possuímos. Baitello ressalta a importância da mídia primária:

unesp

> Pross segue descrevendo as infinitas e ricas possibilidades comunicativas da mídia primária, lembrando a expressividade dos olhos, testa, boca, nariz, postura da cabeça e movimentos dos ombros, andar, postura corporal, tórax e abdômen, mãos e pés, sons articulados e inarticulados, odores, cerimoniais, ritmos e repetições, rituais e, por fim, as línguas naturais (naturalmente inclui-se aí a linguagem verbal falada) (BAITELLO, 2001).

A voz do camponês, sua performance e sua postura corporal complementam a mensagem que ele transmitiu de forma oral. A poesia pareceu feita por ele, algo que muitos dos presentes imaginaram, já que o trabalhador rural, talvez por descuido, não mencionou a autoria do texto recitado.

Nos eventos do MST, em suas oficinas, encontros e assembléias são trabalhados temas políticos que visam estimular as ações coletivas, além de ser um espaço de formação intensiva. Amanda Matheus, do setor de formação e que integra a coordenação estadual do movimento, em uma das apresentações da Oficina de Rádio, abordou o tema da organicidade e estratégia. De forma didática e com bastante diálogo com os trabalhadores, a militante buscou debater a questão da estrutura de funcionamento e sua importância para a territorialização do movimento. A visão da organização como uma ferramenta que busca a construção do poder popular foi ressaltado inúmeras vezes. A mobilização popular é vista como o elemento propulsor das transformações na sociedade e a organização do MST deve estar a serviço dela. A estrutura de funcionamento, embora hierárquica, deve permitir, em tese, a participação de todos. Os núcleos presentes nos acampamentos e assentamentos devem ser a base das decisões e a organização não pode perdê-los de vista. A estratégia principal do movimento, divulgada por Amanda, é fortalecer e conscientizar sua base social da necessidade da construção de um projeto popular para o Brasil. Dessa forma, a importância da organização está em fomentar quadros para ampliar as esferas do próprio MST. Os dirigentes e os coordenadores possuem a obrigação de seguir as diretrizes apontadas nos núcleos e o distanciamento entre lideranças e bases deve ser combatido por todos.

Em assembléias a formação política se intensifica, ela é o espaço de compartilhamento de informações e experiências e também de decisões. José Rainha Júnior, quando ainda era um coordenador ativo do MST, costumava em suas falas comparar a jornada do MST ao Êxodo do povo hebreu pelo deserto rumo à terra prometida. As penúrias e os constantes obstáculos trazidos pelas ações dos sem terra seriam recompensadas pela conquista da terra. A ligação entre a religiosidade e a luta social é um resquício da gênese do MST, que se aproxima de certa forma a

unesp

teologia da libertação, corrente da Igreja Católica que buscava uma síntese entre marxismo e cristianismo.

Esse contato ainda permanece muito forte no MST. Anualmente é realizada a Romaria da Terra, que surgiu em 1979 no Rio Grande do Sul e hoje é realizada em praticamente todos os estados. O sentido da romaria, organizada pelas pastorais sociais, visa celebrar a luta pela justiça no campo e por uma sociedade mais igualitária. O elemento místico no movimento é um resquício da presença da Igreja na sua formação.

Em uma reintegração de posse realizada em Itapuí (SP), na fazenda Olho D'Água em 2002, 40 famílias camponesas decidiram seu destino. A escolha foi pautada pela esperança na conquista da terra, no sonho da estabilidade e da casa própria. A mística da terra como provedora aparecerá em diversas esferas da comunicação no MST, sempre buscando motivar a militância na conquista desse bem.

Outro espaço de socialização política são os grupos de discussão em eventos como a "Assembléia Popular: mutirão por um novo Brasil", que ocorreu em Brasília em outubro de 2005. A finalidade da assembléia foi incentivar os movimentos sociais e as forças organizadas da sociedade civil a realizar uma reflexão crítica sobre a prática do poder político, corroído pela corrupção, e definir as ações necessárias para a construção de um projeto popular para o Brasil. Dentre os principais objetivos da Assembléia podem ser enumerados a articulação das forças sociais, a formação de militantes e a defesa da reforma agrária, que demonstra a importância da luta no campo para a democratização do país. Um grupo de discussão específico da comunicação foi criado. Nele, militantes do MST/SP defenderam uma ampla movimentação na sociedade para combater a repressão às rádios comunitárias. Discutindo a questão do poder dos meios de comunicação, o grupo avaliou propostas e direciou-se a criar espaços de comunicação alternativa, buscando elementos como a capacitação técnica e a leitura crítica dos meios de comunicação.

Na Assembléia Popular, as discussões políticas de âmbito mais geral foram realizadas em grupos divididos por biomas. Seguindo uma nova proposta de divisão do Brasil em regiões nucleadas por similaridades entre a natureza e o homem, os grupos tinham a tarefa de discutir as propostas trazidas pela assembléia. Ponto por ponto foi debatido e na linha do documento proposto foi pensada formas de resolver os dilemas contemporâneos. Os trabalhadores do MST centraram fogo na educação como possível solução às mazelas sociais. As falas evidenciam que apenas por meio da conscientização dos trabalhadores as lutas poderão ser desenvolvidas. A

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Reforma Agrária aparece como resposta aos problemas políticos e ambientais, quando ela for realizada, as outras reivindicações serão alcançadas facilmente. A participação das mulheres é muito forte nos grupos de discussão, mas a questão de gênero não foi abordada no grupo do Bioma Mata Atlântica. Nas mídias do movimento, a mulher é retratada como um sujeito político ativo, contudo, a questão da opressão nas microesferas, como a doméstica não é aprofundada. Ao deixar essa discussão como acessória a luta de classes, o movimento perde uma boa oportunidade de conscientizar os trabalhadores da importância da emancipação feminina e da divisão das tarefas no lar.

4.3.2 Mídia secundária

A mídia secundária depende do uso de algum tipo de aparato para a emissão de mensagens. Dessa forma, qualquer informação que dependa de algum complemento externo para se fazer entender encaixa-se na comunicação secundária. Essa mídia representa a ampliação ou extensão do corpo no tempo, no espaço e também no alcance de um número grande de receptores. É o caso dos bonés e camisetas do MST, que caracterizam o sem terra para a sociedade, quase como um uniforme de luta, e a bandeira, símbolo máximo da entidade.

Os discursos públicos, quando dependem de microfones para ampliar a voz do emissor, também são exemplos da mídia secundária. Em espaços muito amplos, em que a potência própria da voz não consegue dar conta de transmitir as mensagens, o uso de ferramentas para expandir e ampliar os sons vocais é uma obrigação. Nessas situações, vemos também que o diálogo não é privilegiado. Quando um único emissor descarrega suas idéias a um conjunto de pessoas, que não tem acesso ao mesmo instrumento para respondê-las, a unilateralidade da comunicação aproxima-se de veículos como, por exemplo, o rádio (mídia terciária). Contudo, se pensarmos que determinadas informações são de posse do emissor e devem ser compartilhadas, não há nada errado em multiplicar tal ponto de vista, ampliando seu alcance a diversas pessoas simultaneamente. Downing (2002) defende que o discurso voltado para o público, ou para diversos públicos, é o modo mais acessível e fundamental de expressão radical alternativa. Esses discursos equacionam uma esfera pública alternativa em que idéias subversivas são defendidas.

Na Assembléia Popular podemos encontrar um exemplo do uso do discurso público como exemplo de mídia radical. No evento a apresentação mais procurada e aclamada foi do dirigente

unesp

nacional do MST, João Pedro Stédile, realizada na manhã do dia 26 de outubro de 2005. Por ser uma espécie de porta voz do MST na mídia massiva, além do mais conhecido das lideranças do movimento, Stédile é visto como um líder destemido e culto. Reconhecido por seus escritos, que abarcam temas ligados à luta pela Reforma Agrária, o dirigente é uma figura que acaba representando os ideais do MST para toda a sociedade. Embora seja apenas um dos 26 dirigentes nacionais do MST, esse exemplo de intelectual orgânico das famílias sem terra ganha destaque pelo seu histórico ligado ao movimento. As apresentações de Stédile também são umas espécies de prestação de conta à base dos temas discutidos nas esferas diretivas e das tarefas desenvolvidas pelo MST junto a outras organizações da sociedade civil.

No início de sua fala, Stédile afirmou que a análise de conjuntura que ele iria desenvolver era algo que qualquer militante poderia realizar. A avaliação do dirigente era resultado de sua leitura sobre as discussões no MST, na Via Campesina na Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS) e na Campanha contra a ALCA (Associação de Livre Comércio das Américas). De sua apresentação, podemos extrair representações políticas pertinentes: crítica à política econômica do governo Lula, crítica ao capitalismo financeiro e ao neoliberalismo, refluxo das iniciativas populares e conscientização e mobilização como resposta. Ao avaliar que a esquerda foi contaminada pelos métodos da burguesia, o dirigente defende como saída a mobilização popular.

Para Stédile, o papel do militante político é estimular novas lutas sociais, pois só elas ensinam o povo a serem protagonistas sociais. O acúmulo dessas lutas cria o reascenso dos movimentos e promove iniciativas de transformação. O momento de apatia, para ele, deve servir para a criação de quadros. A disputa de idéias deve ser feita com a sociedade para levar para frente o projeto popular de Brasil, um projeto que tenha vínculo com a base social. Novamente a representação dos problemas sociais como resultado da alienação política das classes subalternas aparece nas mídias do movimento. O militante acredita que elevar a consciência do povo é a tarefa principal da luta política contemporânea. A platéia atenta aplaude e grita palavras de ordem após o término da fala de um de seus principais mentores.

Lima (2004) ao tratar das contribuições de Paulo Freire para os estudos da comunicação mostra uma passagem do pedagogo que ilustra os discursos das lideranças dos movimentos emancipatórios. Paulo Freire considera como testemunho a fala de dirigentes que buscam demonstrar que a luta social é uma tarefa de todos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> Para Freire, o testemunho corajoso do dirigente e sua simultânea habilidade para se comunicar com os oprimidos não são fundamentais apenas para a ação revolucionária, mas constituem também a própria medida de sua liderança efetiva (LIMA, 2004, p.80).

Para Lima (2004), Paulo Freire tem consciência da possibilidade de uma liderança afastar-se do povo e perder contato com ele graças a uma relação manipulatória, autoritária, antidialógica. Contudo, o educador brasileiro considera esse desafio inevitável e deve ser assumido por todo movimento autentico de transformação social.

Podemos enquadrar também como mídia secundária as manifestações da mística (que pode ser primária, quando não depender de aparatos). A mística pode aparecer nos símbolos do movimento, como o hino e a bandeira, por meio da poesia, do teatro, da expressão corporal, de palavras de ordem, da música, do canto, das ferramentas de trabalho, do resgate da memória das lutas e de seus grandes personagens. No caderno de Educação do MST nº 9, é comentada a importância desse recurso simbólico:

> A mística é a alma de um povo. A mística do MST é a alma do sujeito coletivo Sem Terra que se revela como uma paixão contagiante, que nos ajuda a 'sacudir a poeira e dar a volta por cima', que nos coloca no caminho de aprender a formular métodos para transformar a realidade e a empenhar-se na tarefa de realizar os rumos traçados (MST, 2001, p. 23).

A mística é uma espécie de resíduo da presença católica na articulação do MST. Stédile (2001) afirma que, antes, ela já possuía a função de gerar unidade no movimento, mas tinha um caráter liturgico muito forte. Posteriormente foi discutido que a mística deveria fazer parte da vida do sujeito sem terra e não deveria ser reduzida aos espaços exclusivos, como os Encontros e os Congressos. Ela deve ser praticada, segundo o dirigente, em todos os eventos que reunam pessoas, visto que manifesta um sentimento de participação.

> Nas lutas sociais existem momentos de repressão que parecem o fim de tudo. Mas aos poucos, como se uma energia misteriosa tocasse cada um, lentamente as coisas vão se colocando novamente e a luta recomeça com maior força. Esta energia que nos anima para seguir em frente é que chamamos de "mistério" ou de "mística". Sempre que algo se move em direção a um ser humano para torná-lo mais humano aí está se manifestando a mística (BOGO, 1999, p.127).

unesp

Outras formas de manifestação do espírito da mística são os cenários simbólicos criados com objetos peculiares. Antes de reuniões, para resgatar o entusiasmo pela luta, são criados espaços para cultuar os símbolos ligados à luta pela terra. Acompanhamos uma dessas situações em Iaras/SP. Em uma mesa são colocados objetos como a bandeira do MST, as sementes, as cartilhas e os frutos da colheita. Mais do que decorar o ambiente, esses objetos somados possuem o efeito simbólico de resgatar os elementos ligados ao MST. A cultura camponesa é representada pelo culto à terra e à natureza, celebrada como geradora de alimentos e bem precioso da humanidade. A bandeira é colocada sob os objetos, simbolizando a base da nova sociedade que nela se apoia, uma sociedade de estudos, representada pelas cartilhas, produção, representadas pelas sementes e frutos e também beleza, com a presença das flores. Esses cenários são construídos pelas pessoas presentes nessas reuniões. Cada participante leva um objeto de sua afinidade, compondo o cenário com as particularidades de cada um, universalizadas nessa espécie de altar (fig 1).



Figura 1: Cenário simbólico em Iaras/SP.

Em encontros, cursos e congressos são mais comuns as encenações como forma de mística. Utilizando-se de vestimentas, performances dançantes, músicas e muitas vezes teatro, esses desenvolvimentos buscam demostrar valores humanistas e socialistas. Inúmeros temas podem ser trabalhados na mística, contudo, há a predominância de tópicos relacionados à opressão causada pelos grupos dominantes e a resultante emancipação dos povos oprimidos, celebradas com canções e festas.

Acompanhamos uma mística na Assembléia Popular, em Brasília, que ilustra bem a temática da emancipação dos trabalhadores. No palco, algumas pessoas vestidas de agricultores cultivam a roça, outras fantasiadas de indígenas dançam e membros de um quilombo trabalham.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Esses três grupos atuam em separado, desenvolvendo simultaneamente suas ações. A música retrata as peculiaridades da América. Logo, chega um grupo com homens vestindo ternos e outros, semelhantes a jagunços, os acompanham. Eles carregam um cartaz com os dizeres: "Bem vindos ao progresso". Com eles, surge a cerca e uma espécie de político que carrega em sua cabeça um chapéu com as cores dos Estados Unidos (referência ao personagem Tio Sam). Atrás do político, em uma caravana, aparecem homens com becas, representando o aparato das leis. Começa o confronto. Os jagunços violentam os índios. Um lápis gigante agride os camponeses que são cercados com os outros grupos. O conhecimento, representado pelo lápis, é usado contra os trabalhadores. Os três grupos, ao serem colocados juntos na escravidão passam a entrar em contato e ocorre a partilha entre eles. Nesse momento, dados sobre a exclusão dos índios e negros e sobre a desigualdade social são enumerados. Os grupos, unidos, libertam-se, os opressores fogem. Todos dançam, espalhados pelo palco. Bonecos gigantes representando o camponês, o índio, o negro e a mulher chegam ao palco. Após as apresentações dos convidados das palestras, a mística retorna. Os participantes dançam e surgem cuspidores de fogo, que, com roupas nas cores verde e amarelo, fomentam a chama da luta. Os oprimidos colocam suas mãos na direção do fogo, para receber a energia revolucionária. Cria-se uma roda e todos os presentes na Assembléia são convidados a participar. A vitória dos oprimidos simboliza a vitória de todos e a platéia entra no palco, celebrando a conquista da liberdade. Os bonecos participam de eventos até o final do dia, alegrando as atividades políticas (fig. 2).





Figura 2 e 3: Bonecos na "Assembléia Popular" em Brasília/DF.

Nas representações do MST a união das classes subalternas livrará o trabalhador do julgo das elites. A classe dominante é representada como detentora das leis, da educação e da força, que usa contra as minorias e os trabalhadores. A saída desse embate é a democracia efetiva, em que as decisões dos grupos oprimidos prevalecem sobre as decisões das elites. As questões raciais e de gênero aparecem representadas nos caricaturais bonecos, que festejam a liberdade encontrada com a vitória na luta de classes (fig. 3). No mesmo evento, outra mística performática ilustrava a questão da união entre os oprimidos. Desta vez, contudo, a união ocorre entre todos os povos. A mística, denominada "Terra", começa com uma instalação feita com pessoas deitadas dentro de limites desenhados no chão, feitos com faixas, que reproduzem o mapa do mundo. Elas levantam-se e dançam (fig. 4). Surge o Tio Sam destruindo a instalação e entrando em conflito com os "povos" que estavam dentro dos continentes delimitados pelas faixas coloridas. Os povos juntam as faixas coloridas e, em roda, expulsam o grupo do Tio Sam. No final, as faixas coloridas são dispostas no chão e formam o mapa do Brasil. A mensagem transmitida é de que a transformação do mundo depende da aglutinação de forças plurais e populares. Transformação essa que criará um país livre.



Figura 4: Mística na "Assembléia Popular" em Brasília/DF

O imperialismo estadounidense pode ser visto nas encenações como o grande inimigo das classes populares, visto que ele representa o poder do capital. Símbolos ligados aos EUA são

associados ao grupo opressor na maior parte das místicas. O poder econômico e bélico dos Estados Unidos e sua posição de liderança mundial são fatores que se opõem às idéias de socialização produtiva defendida pelo MST. O movimento aproxima os valores consumistas a essa nação e reforça nas místicas a possibilidade de combatê-los. Os latifundiários, quando aparecem em conjunto com figuras que representam os EUA, são vistos como porta-vozes das idéias hegemônicas do império.

Já a mística "Mutirão" não apresentou nenhum inimigo ou adversário político dos movimentos populares. Baseada no papel da mulher como uma grande aglutinadora das forças sociais, a mística buscou demonstrar a importância de todos na construção do projeto popular para o Brasil. No centro do palco um mapa do Brasil está circundado por faixas coloridas, que com a ajuda das mulheres, alcançarão à plenária. Cestas de alimento, que antes estavam no centro do palco, são divididas com todos. A partilha é feita com os espectadores, que são convidados a dançar. São distribuídos anéis de coco entre os militantes na platéia, simbolizando a aliança com os índios e as camadas populares. Uma grande festa, celebrando a união de todos pela construção de um novo Brasil é realizada (fig. 5).



Figura 5: Grande festa: o povo ocupa a plenária.

Mesmo em grande parte sendo norteada por temáticas políticas, a finalidade da mística é lúdica e busca a alegria, o lazer acompanhado da emoção do pertencimento. O tradicional fechamento em ritmo de festa, auxilia nessa busca pelo enraizamento e pela confraternização coletiva. A dança possui esse efeito comunicativo, Downing inspirado em Clemência Rodriguez afirma que

> a comunicação radical pode destinar-se a fortalecer aqueles a quem ela se dirige, a validar sua dignidade e renovar sua identidade cultural. Não precisa necessariamente ser um esforço programático ou de propaganda, nem um empenho concebido com o claro propósito de protestar contra os que estão no poder (2002, p. 166).

No quinto Fórum Social Mundial, em Porto Alegre – RS, em janeiro de 2005, as atividades que envolviam o MST contavam sempre com místicas. Quando não eram apresentações de caráter teatral, as místicas manifestavam-se nas decorações que resgatavam o estilo de vida camponês e o forte uso do culto à terra (fig. 6). O fortalecimento da figura do camponês e o resgate de suas práticas auxiliam no enraizamento do sujeito sem terra. A auto-estima é cultivada nessa representação interna que o movimento constrói, buscando reafirmar a validade de suas lutas, bem como expor a importância em ser camponês e militante sem terra. A contra-hegemonia cultural aqui é evidente, o MST busca criar uma gama de valores que caracterizam o sujeito sem terra, reafirmando os princípios que fundamentam suas práticas e negando as alcunhas aplicadas pelos meios de comunicação hegemônicos, que os rotulam como invasores, baderneiros, bandidos e criminosos.

> Este Sem Terra, formado pela dinâmica da luta pela Reforma Agrária e do MST, pode ser entendido também como um novo *sujeito sociocultural,* ou seja, uma coletividade cujas ações cotidianas, ligadas a uma luta social concreta, estão produzindo elementos de um tipo de cultura que não corresponde aos padrões sociais e culturais hegemônicos na sociedade capitalista atual, e na brasileira em particular, inscrevendo-se no que poderíamos talvez chamar de um *movimento sociocultural* que reflete e prepara mudanças sociais mais profundas (CALDART, 2004, p. 34).

Na criação desse sentido de pertencimento, e ao mesmo tempo de formulação de um projeto, as músicas do MST também possuem um importante papel. Nas festas do movimento, os cantadores populares e os violeiros sempre tocam canções que exaltam o povo camponês e a luta pela terra. Veremos mais detalhes dessas canções na mídia terciária, na análise de algumas músicas do CD "Arte em Movimento", que possui dupla função, divulgar para a sociedade as produções culturais do MST e ao mesmo tempo, internamente, divulgar os valores prezados pela organização. Na mídia secundária encaixaremos aquelas canções que, espontaneamente, são pedidas nas festas e atividades culturais do movimento, possuindo uma relação orgânica com os

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

trabalhadores. Um cantador popular, que se identificou como Donizeti, cantou algumas dessas canções na Oficina de Rádio em Itaberá/SP. O público composto por militantes do MST cantou junto com o violeiro a canção "Floriô", que parece ser uma das mais populares, já pertencendo ao imaginário do movimento. Em Iaras/SP, a musica era cantada constantemente com as crianças, graças à temática e o ritmo alegre da canção.

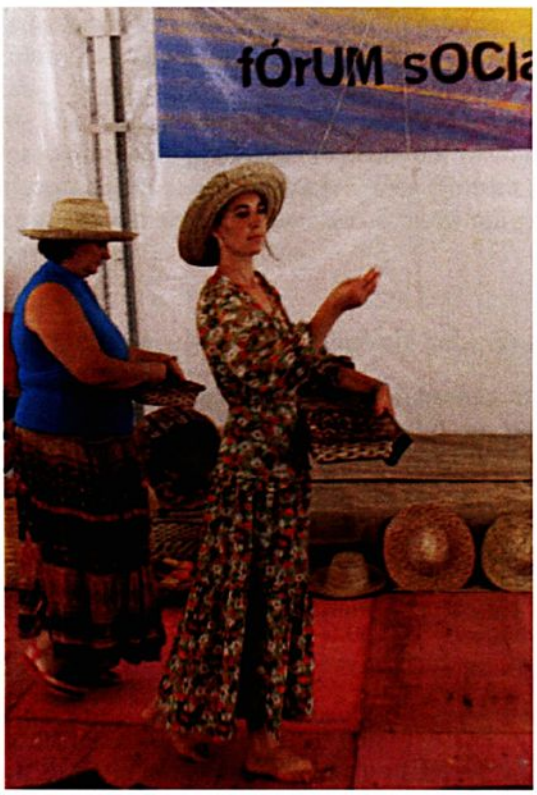


Figura 6: Camponesas semeiam a "terra" no 5º FSM

A música celebra a produção agrária. O coração enche de amor com o feijão e o arroz produzido. A luta do "povo sem terra" é por justiça e esse movimento é formado pelos trabalhadores que geram o alimento para o país se alimentar. O sacrifício na lona preta é compensado pela "filosofia de ter paz e harmonia para quem planta o amor". Romper a cerca que restringe o amor é tarefa desse povo, que transforma a realidade para levar harmonia e paz à sociedade. A mística do ser sem terra caracteriza os trabalhadores como um coletivo que luta para alimentar o Brasil e acabar com a fome e a miséria. A música ainda expressa a continuidade da luta, que não acaba quando se conquista o chão. A cooperativa é representada como a saída para

unesp

alavancar a produção. O camponês lutador é representado como um sujeito que possui vínculo com a terra e transforma o Brasil sem medo do inimigo, que é ridicularizado na canção como um adversário que faz careta. O bom humor e a relação homem/natureza dão a tônica da música.

Silva (2004) defende que para entendermos as visões de mundo dos camponeses oprimidos, devemos conhecer as particularidades históricas que a integram.

> Estas particularidades referem-se à relação estreita com a natureza, advindo daí várias culturas – cabocla, caipira, caiçara, gaúcha – segundo a localização geográfica. A itinerância, que caracteriza suas trajetórias, não demoliu totalmente os traços culturais do modo de vida de antes. A simbiose homem/natureza não é produzida somente por meio do conhecimento, do saber que o homem detém sobre a natureza, mas também pelo respeito e até mesmo pela divinização – manifesta por meio de festas religiosas, rezas e promessas na época das colheitas (p. 67).

Como vimos anteriormente, esse apelo sobrenatural em relação à terra é constantemente simbolizado nas místicas do MST. Esses fatores místicos, tradicionais na cultura camponesa, são ressignificados e politizados. A relação homem/natureza, para o MST, só será possível com a conquista do território e a emancipação dos trabalhadores rurais. A nova sociedade é ressaltada na canção "Não somos covardes", composta por Zé Pinto, que faz parte do CD "Arte em Movimento", mas que foi cantada por Donizeti na Oficina de Rádio em Itaberá – SP (dessa forma, por ser acompanhada pela viola, torna-se mídia secundária).

A canção resume as principais reivindicações do MST e mostra a oposição que existe entre dois projetos: o da burguesia, das "direita", dos latifundiários; e o da companheirada, dos sem terra, que é o socialismo. O projeto do latifúndio é injustiça, morte e especulação; enquanto a reforma agrária é liberdade, vida e produção. A música descreve a ocupação como uma atitude de valentia contra o latifúndio. O agente da transformação social é a família, inclusive "a criançada", e a desconfiança contra os adversários deve ser intensificadas na luta. Mesmo com a repressão, o grito dos sem terra não pode se calar. A terra é vista como mãe e, quando repartida, poderá levar o pão para a mesa do trabalhador. A luta de agora é escola para o futuro, que vai ser "jogo duro", já que o socialismo só chegará quando as mãos calejadas organizadas dos trabalhadores o fizerem. Mesmo na marra, a liberdade será conquistada. Um dos principais obstáculos da luta retratado é a cooptação pelos inimigos. O sem terra não pode confiar nos latifundiários. Não há diálogo possível entre eles, já que a burguesia, além de não fazer nada pelo camponês, ainda

defende o latifúndio, que só produz maldade. Na canção, os dois projetos antagônicos, do latifundiário e do sem terra, não podem se reconciliar jamais.

Downing (2002) afirma que as mídias podem manter a esperança sobre um projeto político em longo prazo, deixando acesa a chama da transformação radical da sociedade.

> (...) se o conteúdo da mídia radical alternativa sugere que a estrutura econômica ou política necessita urgentemente de certas mudanças, embora seja bem claro que, no presente, tais mudanças são inimagináveis, então o papel dessa mídia é manter viva a visão de como as coisas poderiam ser, até um momento na história em que sejam de fato exeqüíveis (p. 41).

Essa visão de uma sociedade diferente e as questões relativas às posições políticas do movimento aparecem constantemente no veículo mais tradicional do movimento, o "Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra" (JST), que é o grande porta-voz das idéias da organização. O periódico surgiu em 1981 como boletim mimeografado. Com uma tiragem de 700 exemplares, o "Boletim Informativo da Campanha de Solidariedade aos Agricultores Sem Terra", tinha como objetivo denunciar a repressão ao acampamento da Encruzilhada Natalino. Em 1984, no I Encontro Nacional do MST, o boletim tornou-se o Jornal Sem Terra, que passou a ser publicado mensalmente e distribuído em todo o país. O jornal é visto pelo movimento como um veículo de formação e informação para toda a militância e é publicado ininterruptamente há 25 anos. Para o MST, a comunicação é vista como ação política, sendo uma "ferramenta para avançar na conquista da Reforma Agrária e na construção de uma sociedade livre e igualitária" (JST, 03/2006).

Cristiane Gomes, a editora do JST, afirmou em entrevista que mensalmente é realizada uma reunião onde participam além dela, os dois jornalistas que produzem o jornal e integrantes da direção nacional do MST. A pauta é discutida entre essas pessoas, que decidem o que naquele momento é importante que a militância do MST veja no JST. A editora disse que o jornal possui uma característica mais interna do que de divulgação:

> O JST é a voz e a memória do MST. Retrata o que pensa e as linhas políticas do movimento, além de registrar sua história. Quando o produzimos, estamos pensando em fornecer elementos de reflexão e debate para os militantes. Entretanto isso não significa que pessoas "de fora" do MST não o leiem e/ou

unesp

> assinem. Mas deixo claro que pensamos na militância quando fazemos o Jornal.[11]

A participação dos acampados e assentados é possível por cartas e correio eletrônico. Cada estado possui uma pessoa do setor de comunicação responsável por abastecer as duas páginas do jornal destinadas às notícias dos estados. Segundo Cristiane Gomes, nos momentos de encontros e reuniões também são recebidas sugestões dos militantes que estão nos estados. O jornal, de periodicidade mensal, possui uma tiragem de 20 mil exemplares. Cada estado possui uma cota de jornais para distribuir entre os acampados e assentados.

A publicação possui seções fixas: editorial, cartas, estudo, entrevista, estados, especial, projeto popular, direitos humanos, movimentos populares, internacional, lutadores do povo e balaio. A contracapa do jornal é usada para a divulgação de eventos, campanhas e jornadas ou poemas de artistas conhecidos e populares, ligados ou não ao MST, sendo um espaço lúdico dentro do jornal. O uso da última página para divulgar eventos pode ser usada em forma de cartaz, se colada à parede funciona como um pôster, proporcionando maior visibilidade e acesso as informações disseminadas.

Na capa, podemos verificar o apelo do jornal frente aos militantes. De 12 edições consultadas (abril de 2005 a abril de 2006), oito tratavam do tema mobilização popular e estratégias de luta. As manchetes da primeira página são acompanhadas por fotos grandes, que normalmente representam pessoas em manifestações (em todas as capas pelo menos uma foto retrata movimentação). A bandeira do MST aparece em dez fotos de capa no período analisado, sendo a representação simbólica máxima da entidade. A exaltação das ações coletivas e da mobilização popular é constante e aparece tanto nos editoriais, que são feitos pela Direção Nacional do MST, definindo de forma oficial o pensamento político da entidade sobre determinados assuntos, quanto na fala dos entrevistados e matérias.

Os *Editoriais* tratam de alguns temas norteadores da prática política do movimento: crítica ao agronegócio, crítica as elites e à prática da burguesia, crítica ao neoliberalismo, crítica a política econômica do governo Lula, defesa dos compromissos do MST, defesa da semente como patrimônio da humanidade e crítica aos alimentos e sementes transgênicas, crítica à corrupção, vista como armadilha do modelo neoliberal, e defesa da luta política como única ferramenta de transformação da realidade social. Esses temas aparecem tanto isoladamente quanto em conjunto

[11] Entrevista realizada via internet no dia 01/12/2005.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

e a solução apresentada nas conclusões dos textos também apontam para a mobilização dos trabalhadores, funcionando quase como uma injeção de ânimo aos militantes da organização.

A seção *Estudo*, destinada a trazer discussões políticas de conteúdo mais reflexivo, conta com as contribuições de intelectuais do campo da esquerda. Nessa seção, vemos algumas contradições, já que as opiniões retratadas nos textos dos articulistas muitas vezes entram em choque umas com as outras, flexibilizando a linha editorial, algo que consideramos enriquecedor. Conforme afirma Löwy, as divergências entre pensadores que fazem parte de uma mesma classe social

> (...) podem ser parte mesmo do processo de desenvolvimento do conhecimento e da prática social. Na medida em que se desenvolve um processo de conhecimento, ou um processo de transformação, ou um processo de prática social, inevitavelmente aparecem divergências, contradições, concepções distintas, no seio mesmo de uma classe social, ou daqueles que compartilham de uma mesma visão do mundo (2006, p. 35-36).

O autor afirma que essas contradições fazem parte do processo de conhecimento e é fundamental para a transformação da realidade. Essas divergências teóricas podem ser vistas na seção *Estudo* do JST. É o caso do texto de Emir Sader (professor da UERJ) "Ciclo eleitoral de 2006 vai definir os rumos da América Latina" (JST 258) e Leonardo Boff (teólogo) "Salvar o capital da esperança" (JST 253), que defendem o governo Lula, contra textos como "Fim da linha ou marco zero?" de Paulo Eduardo Arantes (filósofo) e "O concerto sem conserto" de Artur Araújo (militante de movimentos sociais) que criticam a gestão petista. A esfera da esquerda democrática, a qual o MST se vincula, acaba sendo representada por diversas correntes, o que derruba a homogeneidade do discurso. Nos temas em que o MST não possui definições concretas, como o caso do governo Lula e a sua possível reeleição, as diversas opiniões parecem circular mais livremente. A política econômica de Lula, contudo, recebe críticas de todos os lados, desde o texto de Reinaldo Gonçalves (professor da UERJ) "A macroeconomia de Lula" (JST 250) até em um dos dois únicos artigos realizados pela própria equipe do JST no ano, "Notícias revelam verdades sobre a economia brasileira" (JST 260). O outro estudo feito pelo próprio JST defende o "sim" no referendo sobre a proibição do comércio de armas de fogo e munição no Brasil.

Se pensarmos que muitos dos leitores do JST são pessoas semi-alfabetizadas, veremos que a compreensão dos textos da seção estudo será feita com dificuldades. Alguns textos são

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

muito acadêmicos, com o uso de termos de difícil entendimento. Contudo, a assimilação das idéias ocorre mesmo com essa dificuldade. Embora não consigam lembrar os argumentos, nem compreendê-los em sua totalidade, a credibilidade atribuída ao artigo e ao jornal faz com que os sujeitos confiem nas suas conclusões, expressas no texto de forma significativa. "Não recorda os argumentos concretamente, não poderia repeti-los, mas sabe que existem, porque já lhes ouviu a convincente exposição" (GRAMSCI apud KONDER, 2002, p. 109).

Em um debate de idéias, em que as posições podem ser questionadas, o militante, mesmo com dificuldades, sabe em que lado ficar. Konder afirma que o sujeito não adere ao ponto de vista do adversário, "porque se identifica solidariamente com o grupo a que pertence e se recorda de ter ouvido alguém desse grupo formular razões convincentes que iam numa direção diferente da que está sendo seguida pelo contraditor" (2002, p. 109-110).

As dificuldades com a palavra escrita são reconhecidas pelos produtores do JST. Graças a isso, há um considerável investimento em fotos, gráficos e ilustrações. As fotos, segundo o estudo de Oliveira Filha (2002), tendem a retratar mobilizações e trazem as representações clássicas do MST como a bandeira e os bonés. Os princípios da organização são constantemente ilustrados por fotografias e as charges buscam ridicularizar os adversários do movimento. As imagens também retratam as lutas de outros movimentos, para demonstrar que o MST não está sozinho na tarefa de mudança social.

> Resta acrescentar a rede de solidariedade que o Movimento conseguiu construir a seu redor, somando artistas, políticos e intelectuais, além de outras entidades de trabalhadores que empunham bandeiras semelhantes de transformação social e cujas imagens também aparecem no jornal. Organizações de pequenos agricultores, de atingidos por barragens, de mulheres trabalhadoras rurais, de sem-teto ou de sindicatos urbanos de várias categorias ocupam espaço para colocar suas propostas e suas visões de mundo (OLIVEIRA FILHA, 2002, p.17).

A seção *Movimentos Populares* possui a função de retratar as lutas das outras organizações aliadas ao MST. Essa editoria contribui para cimentar a importância das diversas formas de luta social e demonstrar a pluralidade de movimentos e reivindicações do campo da oposição. Lembrando que o veículo JST caracteriza-se como um material de estudo para os sem terra, demarcar a diversidade de organizações e suas lutas ajuda a ampliar o olhar do trabalhador, combater o seu isolamento e demonstrar que a terra é só a primeira conquista numa gama de

unesp

transformações necessárias. Essas movimentações de outras organizações também ganham espaço na seção *Especial*, em que são articuladas como uma espécie de panorama das lutas populares no Brasil em diversas situações, desde "O grito do excluídos" em setembro de 2005, passando pelo Fórum Social Mundial em janeiro de 2006 até os apoios recebidos na Marcha Nacional pela Reforma Agrária de 2005.

A seção *Estado* também é norteada por uma preocupação semelhante: manter a vitalidade e a esperança na conquista das reivindicações. Algumas pautas são constantes nessa editoria: denúncia da violência ao trabalhador rural; fases da luta - como ocupação despejo e conquista; produção agrícola; e formação - ressaltando atividades culturais, inovações agrícolas, autogestão e comunicação popular. A escolha das pautas busca alimentar o imaginário do militante sobre o cotidiano de luta, mostrando que as fases das ações políticas (que obedecem a um ciclo cruel e cheio de obstáculos) são necessárias à conquista da terra. A "produção" apresentada nas matérias demonstra o quão viável é a agricultura familiar, defendendo o projeto popular do MST para o campo.

A violência contra os movimentos sociais e os oprimidos em geral ganha destaque na seção fixa *Direitos Humanos*. As injustiças cometidas contra as classes subalternas e o acompanhamento de julgamentos que se relacionam a elas são pauta constantes. A impunidade e os atos dos adversários que buscam criminalizar o MST também são explorados, enquanto a denúncia às perseguições contra militantes do movimento é criticada.

A seção *Balaio* é composta de notas breves sobre diversos temas, que não ganharam destaque nas outras seções. Nesse espaço, sempre são divulgados livros da Editora Expressão Popular, que são em sua totalidade obras destinadas a formação política dos militantes de movimentos sociais.

Em *Internacional* é explorada a conjuntura política mundial. Desde a guerra contra o Iraque, passando por encontros políticos realizados em outros países até denúncias de caráter ambiental, a seção traz representações ligadas à necessidade de compreender a luta popular do MST como uma face da luta global contra o capitalismo. As ações de organizações camponesas são demonstradas em várias matérias (citando situações em Portugal, Guatemala e Paraguai), e o inimigo dos camponeses é comum a todos: o imperialismo, o neoliberalismo e o capitalismo no campo. O governo estadunidense, representado pela figura de Bush, é criticado por omissão às vítimas do furacão Katrina e por oprimir os civis iraquianos. Revoltas populares no Equador, em

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Hong Kong e na Argentina (na 3º Cúpula dos Povos) são retratadas como indispensáveis. A eleição de Evo Morales para a presidência da Bolívia é vista como um avanço e o indígena é considerado opositor dos EUA e das elites do país. Na seção *Especial*, o presidente da Venezuela, Hugo Chavez, foi celebrado como um grande líder popular e seu encontro com os movimentos sociais no Fórum Social Mundial de 2006 em Caracas foi caracterizado como fundamental para a transformação política.

A questão eleitoral é apresentada como importante, mas não substitui o desempenho dos movimentos sociais. Na seção *Entrevista* e *Projeto Popular* há uma continuidade do reforçamento da discussão teórico-política. As entrevistas apresentam os pensamentos de intelectuais e de dirigentes do MST. Na seção *Projeto Popular* prevalece a abordagem da composição de forças para a transformação social e as mudanças necessárias à configuração do projeto de Brasil defendido pelos movimentos populares. Temas como as migrações, economia solidária e defesa da Amazônia somam-se as críticas de concentração de crédito agrícola nas mãos da agroindústria e panoramas de eventos, como a Assembléia Popular que tinha como objetivo discutir o projeto popular de Brasil. A questão da identidade cultural foi abordada em um texto de Evelaine Martines, membro da Frente de Preservação da Identidade Cultural e integrante do coletivo nacional de cultura. A visão de identidade cultural é reforçada como fundamental na transformação social, ou seja, as raízes camponesas somadas ao sentimento de pertencimento à organização MST. Tendo como base a memória cultural camponesa, uma nova cultura deve ser pensada e criada: "Como linha geral, devemos priorizar os elementos da cultura local e dos saberes tradicionais já presentes nas regiões. Assim, o ponto de partida deve se dar através da recuperação da memória em nossas áreas" (JST 255, setembro de 2005). A cultura popular é vista em oposição à indústria cultural[12], contudo, essa cultura do povo é pasteurizada, modificada em função das articulações da luta política. As práticas culturais do MST são construídas sobre a plataforma camponesa e pensadas em articulação com elas. As raízes dos camponeses ligados à organização são apoiadas em ideais baseados na história de luta pela terra e pelo socialismo. O texto da militante da organização é praticamente um documento oficial da política cultural do MST, uma cultura de resistência, luta e memória. Lembrando Williams (1979), há na cultura do MST elementos residuais da cultura camponesa tradicional, que criam

[12] Discordamos dessa relação binária. Como demonstra Williams (1979) a contra-hegemonia relaciona-se com a hegemonia ora contrapondo-se a ela ora reafirmando-a. A cultura popular e a cultura de massa relacionam-se dentro de um processo fluído, fazem parte da mesma teia de significados culturais contraditórios.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

um "jeito de ser" das famílias em sua relação com o cotidiano e suas práticas, somadas a componentes emergentes, que se relacionam a política cultural pensada pela organização MST, que também possui um sentido voltado ao desenvolvimento de sujeitos históricos.

> O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente. Assim, certas experiências, significados e valores que não se podem expressar, ou verificar substancialmente em termos da cultura dominante, ainda são vividos e praticados à base do resíduo – cultural bem como social – de uma instituição ou formação social e cultural anterior (WILLIAMS, 1979, p. 125).

Os aspectos residuais podem tanto ser uma forma alternativa à cultura dominante como também ser incorporada por ela. Ao tratar das comunidades rurais, Williams (1979) afirma que, do ponto de vista residual, elas se opõem ao capitalismo urbano industrial, embora em sua maior parte seja incorporada com uma função mágica, fantástica e de lazer exótico pela própria cultura dominante. O residual aparece quando há uma omissão da cultura dominante a aspectos relacionados aos valores criados no passado, mas que ainda possuem significado para as aspirações dos sujeitos sociais. O emergente, que traz contribuições inovadoras das práticas culturais, liga-se ao residual, num processo dialético que resgata o passado e o interage ao presente. No MST, a construção de uma tradição camponesa e das lutas sociais interage com novas práticas, necessárias ao enfrentamento político desenvolvido pela organização e aos significados necessários à compreensão desse embate.

Na composição dessa memória de luta, a editoria *Lutadores do Povo* busca resgatar os mártires da luta social, reforçando a mística da revolução. Os ícones da esquerda são celebrados, ao lado de militantes do próprio MST que perderam a vida em confrontos, como os "companheiros que tombaram na luta por um mundo melhor" de Carajás, em abril de 1996. O texto de Ademar Bogo, do Setor de Formação do MST, busca superar a tristeza com um chamado à continuidade da luta:

> Os passos dos mártires da terra não foram ali interrompidos. Milhares surgiram para dar seqüência àquela caminhada. Enquanto houver vida, a historia segue em frente. Carajás sempre, porque os que foram e os que ficaram, sempre se identificaram e se identificarão nos passos de cada geração (JST 261, abril de 2006).

unesp

Essa editoria tem o objetivo de cultivar a memória de luta dos camponeses, mostrando fatos importantes da historia das esquerdas e apresentando seus ícones. Esses heróis são envoltos com uma presença mística, já que suas práticas e seu exemplo servem para iluminar os passos dos sem terra. Essa apreensão subjetiva dos personagens soma-se à compreensão de que estratégias dos antepassados podem ser aplicadas aos dias de hoje. Antonio Conselheiro e Canudos são citados como percussores da luta camponesa e muitos acampamentos e assentamentos recebem o seu nome. As representações de gênero também são somadas, na editoria *Lutadores do Povo*, às representações de classe. Metade das edições que acompanhamos possui como pauta a vida de mulheres revolucionárias. Entre elas, duas, Haidee e Gladys Marin reforçam a paixão do MST pela Revolução Cubana. Adjetivos delicados caracterizam as mulheres, Haidee é chamada de "girassol" da revolução cubana e a colombiana Maria Cano é denominada a "flor" do trabalho. Essas mulheres, longe de feministas, estavam envolvidas em questões de classe. Nas representações do MST a luta doméstica da mulher parece ficar em segundo plano, como se fosse apenas assessória à luta de classes.

Nas matérias que enfocam a participação da mulher o combate à "cultura machista" é incentivado. Contudo, a violência doméstica e as relações de trabalho no ambiente familiar são apenas citadas e não aprofundadas como no caso anterior. Há uma caracterização da mulher como responsável pela educação e pelos valores transmitidos aos filhos, dessa forma, a contribuição da mulher na luta é dupla: atuar na formação e na produção. Essa visão da mulher como responsável pelo lar e pelos filhos está longe da defesa feminista da divisão das funções domésticas. Combater a cultura machista, como defende o movimento, não deveria passar por um questionamento que passa pelo lar e pela família?

Na cartilha "Acampamento Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais Margarida Alves" que norteava o evento das mulheres camponesas, as representações de gênero centram-se no papel da mulher nos movimentos de luta pela terra. Essa cartilha foi nos fornecida por uma acampada em Iaras/SP, o que demonstra seu papel enquanto fonte de informação distribuída aos acampamentos. A questão de gênero é vista como um resgate da "auto-estima" da mulher. A libertação feminina é retratada como a libertação da sociedade capitalista, como se essa transformação, de forma mecânica, livrasse a mulher da opressão masculina. Um exemplo desse descaso é que as mulheres que participaram do evento tiveram que levar seus filhos ao encontro, forçando um esquema de divisão entre elas para cuidarem dos filhos uma das outras. Os maridos

unesp

não poderiam ficar com eles, enquanto as mulheres participam de um evento tão importante? No texto há uma defesa da mudança de relações entre homens e mulheres, mas que fica apenas como bandeira de luta:

> Este novo modelo requer a mudança nas relações entre homens e mulheres, sem opressão, dominação e discriminação, mas pautadas pelo respeito, valorização humana, divisão das tarefas domésticas, educação dos filhos e filhas e pleno reconhecimento e valorização da mulher trabalhadora rural. Lutamos pelo fim da violência (p. 26, 2002).

Enquanto a discussão política de crítica ao modelo agrícola e o incentivo a construção de um projeto popular e os objetivos da luta foram temas predominantes, a atenção dada à relação homem/mulher no lar ficou relegada a um tópico não aprofundado. A seção "Vamos conversar?" que sugere temas para debate entre as camponesas ignorou esse aspecto. A capa da cartilha (fig. 7) fornece pistas sobre a representação que o MST, entre outros movimentos que se ligam a ele, faz da mulher camponesa. No desenho ilustrativo da cartilha, mulheres semeam a terra. A mulher em primeiro plano, grávida, segura em seu ventre cabecinhas de crianças que circulam um livro. As diversas raças e cores unem-se na luta pela produção, já que no desenho aparecem uma negra e uma japonesa, além de duas mulheres brancas. O tema do encontro, "Trabalhadoras: gerando vida, semeando a terra, construindo a nova sociedade", aproxima a mística da terra à mística do papel da mulher como geradora de vida. Quase como um resgate do papel de Maria, mãe de Jesus, as mulheres são retratadas como mães responsáveis pela educação das crianças e por manter a esperança na transformação da sociedade. As flores, carregadas por uma das mulheres, simboliza a ternura da mulher, sua subjetividade e beleza. A transformação necessária à esfera do lar e a real libertação do julgo do machista que pode existir nos companheiros dessas mulheres são, infelizmente, esquecidas.

Contudo, a representação da mulher como lutadora social nunca é ignorada. Há o incentivo para que mulheres participem das atividades do MST e assumam funções especificas nos setores. No JST 260, uma integrante do setor de gênero do MST, Itelvina Masioli, fez a defesa de uma ação realizada por mulheres do MST junto a Via Campesina contra a empresa Aracruz celulose, em oito de março de 2006, dia Internacional da Mulher. Essa ação coletiva foi condenada pelo Estado e pelos meios de comunicação hegemônicos. O texto "Por que a ação da Via Campesina na Aracruz incomodou tanta gente?" busca realizar a contra-informação dos

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

motivos que levaram a essa ação e defender o papel da mulher na luta política ao mesmo tempo em que crítica a concepção "de que as mulheres são seres dóceis, mais movidas pela emoção que pela razão e que são feitas para cuidar e arrumar a casa, a comida, a família" (p. 10).

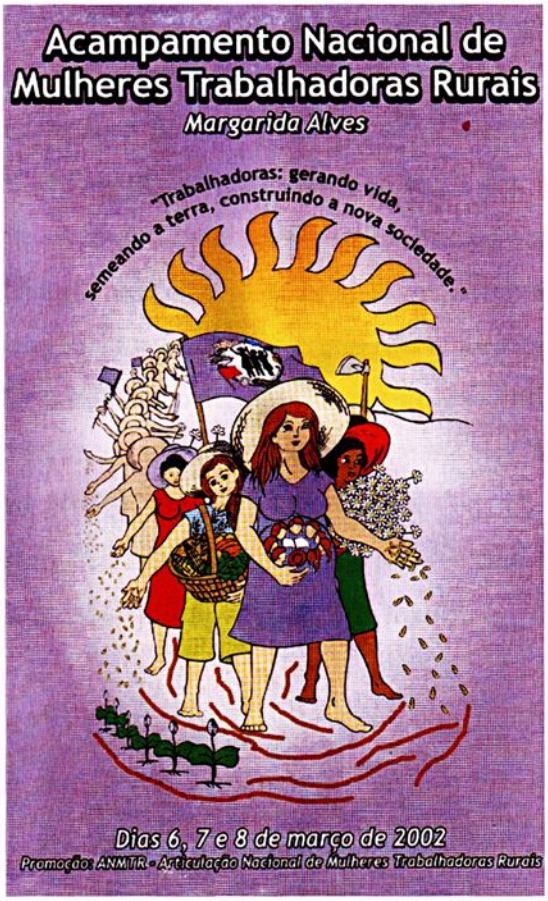


Figura 7

Esse papel da mídia radical na realização da contra-informação é visto por Downing (2002) como fundamental nos movimentos sociais, que precisam muitas vezes quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer a verdade.

> (...) a mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também de pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas (p. 50).

unesp

Nesse sentido de combater informações hegemônicas e esclarecer fatos mascarados ou omitidos, a cartilha "Basta de presos políticos!" é um bom exemplo. A cartilha defende seis militantes do MST presos em Boituva/SP. O texto pede a liberdade dos trabalhadores e denuncia a perseguição política e policial ao movimento. O termo "refém", que é usado para representar as pessoas que são impedidas de exercer o direito à liberdade, é aplicado aos trabalhadores. A cartilha denuncia, esclarece e acusa os verdadeiros responsáveis (o governo privatista) pela violência com os seis militantes. A juíza do processo cometeu várias irregularidades rastreadas pelo MST e um dos presos foi violentado sexualmente por culpa das medidas repressoras do governo. A mídia é criticada por calar-se e novamente é representada como um instrumento das classes dominantes. Os trabalhadores presos têm suas histórias contadas e são caracterizados como homens que lutam por uma sociedade melhor e que são inocentes e injustiçados. Vemos nessa cartilha um paradoxo não calculado pelos produtores do caderno. A capa representa os trabalhadores trancafiados e, embora o texto peça liberdade para eles, a tipografia adotada no texto remete aos cartazes de "Procurados" dos filmes de western. O cartaz, que é uma projeção da capa, por concentrar a informação e não explorá-la no texto, como a cartilha, pode gerar confusão no entendimento de que os militantes são vítimas do fato (fig. 8).

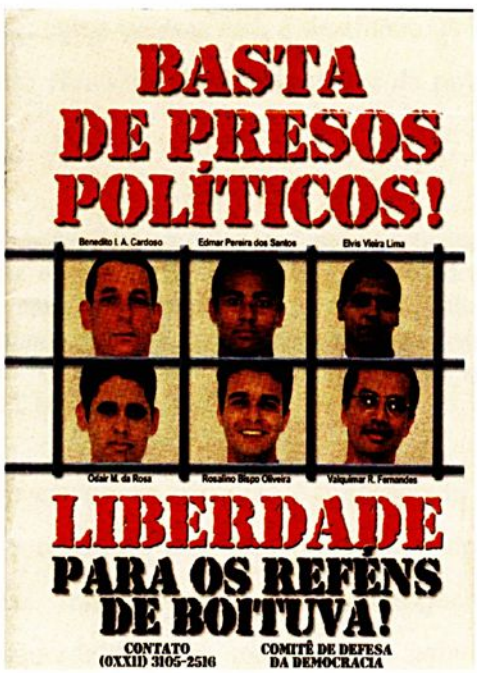


Figura 8

As informações das cartilhas são sempre apresentadas de forma didática. É o caso do caderno "DST – conhecer para evitar" do Coletivo Nacional de Saúde do MST. Com um texto coloquial e muitos desenhos, a cartilha visa um público grande, heterogêneo. A representação dos gêneros é feita com equilíbrio e a mulher é sempre caracterizada como independente, enquanto o homem ajuda no lar. Há um desenho que mostra um homem cuidando de um bebê de colo, defendendo a postura de divisão das tarefas domésticas. A responsabilidade da prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis é do homem e da mulher. O caderno termina com um convite á luta pela democratização do Sistema Único de Saúde e pela reivindicação por serviços públicos de qualidade. A cartilha defende que a luta do MST também deve passar pela luta pela democratização da saúde.

As cartilhas do MST buscam aprofundar temas específicos de forma educativa. Já a Revista Sem Terra funciona como um material de apoio para discussões mais aprofundadas, sendo também um veículo de divulgação das idéias e ações do movimento para colaboradores, assinantes e personalidades da sociedade civil. A publicação tem sete anos de existência e periodicidade bimestral. Com uma tiragem que varia de 7 a 10 mil exemplares, a revista é distribuída da seguinte maneira: dois mil exemplares para assinantes, cerca de 500 exemplares para venda em bancas; dois mil e 500 enviados para personalidades, lideranças sociais e formadores de opinião e o restante, cerca de dois mil, é destinado às secretarias estaduais e aos colaboradores do exterior. Segundo Hamilton de Souza, editor da publicação, a revista é quase toda feita com colaborações.

> A comissão editorial e os colaboradores se reúnem a cada dois meses, elabora muma pauta e o material é produzido e editado; a revista aborda assuntos nacionais e internacionais, políticas, economia, cultura, educação etc, com visão crítica, tentando sempre marcar a posição da esquerda social e popular - e posições de vários setores da esquerda (desde setores de esquerda do PT, PMDB, PDT até PSTU e PSOL)[13].

A pluralidade de idéias do campo da oposição é apresentada na revista. Composta por reportagens, artigos, entrevistas e resenhas, a revista promove o debate de idéias frente aos problemas das classes subalternas, trazendo os desafios da esquerda popular no Brasil. O significado do que seria essa esquerda popular, todavia, fica nebuloso. Vemos em diversas

[13] Entrevista realizada dia 31/03/2005.



representações que o movimento tem uma postura de valorizar a cultura do povo e ser contra o dirigismo e as vanguardas. Para a organização, a base do movimento (seus acampamentos e assentamentos) deve estar organizada na luta. A democracia no MST é entendida como a participação ativa nos processos decisórios. Uma postura de esquerda que valorize as experiências do povo e que tenha uma característica de movimento de massa é vista com simpatia pelo MST. O dirigente estadual do MST/SP, Gilmar Mauro, costuma dizer que "mais vale errar com a maioria do que acertar sozinho", o poder popular, para ele, é criado nas experiências de luta e é ela que deve ser incentivada pela organização do movimento.

Dentre as publicações, há ainda a agenda do MST, que retrata o histórico e as bandeiras do movimento e os calendários, ilustrados com fotos do cotidiano e das lutas do MST. As representações nesses materiais buscam cimentar a idéia de luta do MST, apresentando em imagens e textos a vitalidade da organização.

Os cartazes e pôsteres também possuem um importante papel na criação dos cenários de representação da política alternativo presente no MST. Desde as fotos de Sebastião Salgado, vendidas como pôsteres pelo MST, passando pelas chamadas de congressos, encontros e campanhas, os cartazes buscam de forma rápida informar e representar a força do MST e suas idéias. Esses cartazes representam muitas vezes os chamados lutadores do povo, é o caso do cartaz da "Semana Paulo Freire" e da "Jornada de Solidariedade e de Trabalho Voluntário", que traz a imagem de Che Guevara. Na foto de Paulo Freire, alguns recursos técnicos auxiliam na representação do pedagogo como uma espécie de "santo" da esquerda popular. O nome do educador aparece sob sua cabeça, quase como um auréola, seu rosto está inclinado para cima, já que a foto foi tirada de baixo para cima, o que engrandece o educador militante. O fundo recheado de livros sugere a intelectualidade e a sabedoria do pedagogo. Sua camisa vermelha e o símbolo do MST colocado em seu peito aproxima-o dos trabalhadores rurais sem terra. O olhar de Paulo freire é brilhante, cheio de esperança e afeto.

O cartaz de Che Guevara (fig. 9) retrata-o de forma diversa do comum. Acostumados à tradicional foto produzida por Alberto Korda, que estampa camisas mundo afora, o cartaz mostra um Che diferente, descontraído. A foto mostra-o alegre, fumando um charuto e sorrindo. A imagem ressalta certo glamour revolucionário que ronda a presença desse mártir da esquerda. O texto "O legado de Che Guevara" abaixo da foto faz a ligação entre a história do militante e o papel dos trabalhadores rurais com o trabalho voluntário. Vale lembrar que Che sempre era visto

unesp

desenvolvendo atividades de trabalho voluntário na Cuba pós-revolução. Esse exemplo deve ser seguido pelo trabalhador sem terra. A cartilha dessa campanha relata a história do revolucionário, buscando disseminar informações sobre sua importância e seus feitos, algo que foge da aproximação comum que as pessoas têm com Che, que parece ser motivada mais pela emoção e carisma por um tempo rebelde passado do que pela identificação reflexiva com sua postura política.

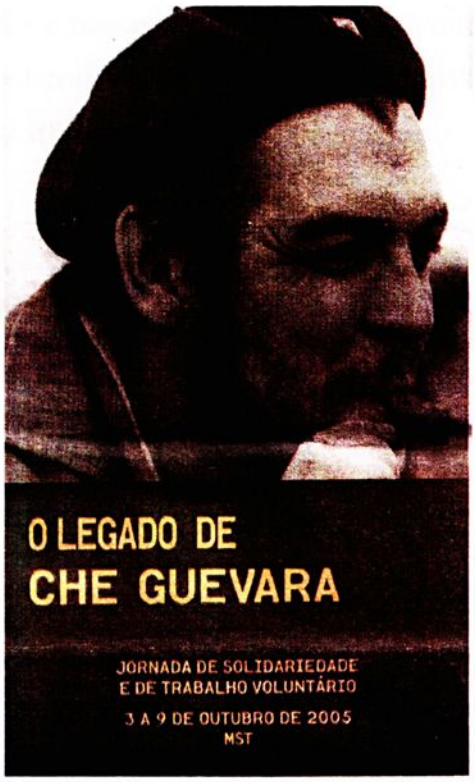


Figura 9

Dos cartazes que retratam de forma artística o MST e a luta pela terra, um deles vale ser resgatado. É o cartaz do "4º Congresso Nacional do MST" cujo lema foi "Reforma Agrária: Por um Brasil sem latifúndio" (fig 10), que simboliza o processo de transformação social defendido pelo movimento. A ordem de leitura, da esquerda para direita, norteia a visualização do cartaz pelo espectador. Do lado esquerdo, está simbolizada a sociedade capitalista: FMI, violência, miséria, televisão, lonas pretas, sangue, dor, EUA (Tio Sam), cercas, estes tópicos são retratados como uma espécie de resumo simbólico de tudo o que deve ser combatido pelo MST. As mãos que seguram (para cima) os instrumentos de trabalho, atitude típica de protestos, passam a colher

sementes, escrever e estudar. Elas, ao chegarem à extremidade direita do texto, são responsáveis pelo alimento. Onde antes havia seca e sangue, agora há sementes, flores, frutas, os setores do MST, a vida unida em comunidade. A representação da bandeira hasteada opõe-se linearmente ao FMI, à FIESP, ao dinheiro e aos EUA. No centro da pintura, a bandeira do MST deitada no horizonte, recebe o sol nascente. Uma criança sem terrinha aparece sobre uma mão negra e outra branca, as formas são desproporcionais, o garoto assemelha-se a uma semente, quase como o menino Jesus, a criança simboliza a esperança mística na vitória das raças unidas. A ação política do MST é simbolizada na pintura em passagens seqüenciais. A árvore seca do capitalismo, que simboliza sua improdutividade, é derrubada (arrancada pela raiz) pelas mãos dos trabalhadores rurais. São essas mesmas mãos que irão construir o novo amanhecer.



Figura 10

As representações do meio ambiente nas mídias do MST buscam sempre incentivar o trabalhador sem terra a combater os agrotóxicos e cuidar da mata. O cartaz "Nossos compromissos com a terra e com a vida" (fig. 11) é um convite à preservação do meio-ambiente e da vida. Os dez mandamentos da relação do sem terra com a natureza dialogam com os dez mandamentos recebidos por Moisés. O cartaz traz lições de como ser um sem terra: amar a

natureza, produzir alimentos, ser solidário, revoltar-se contra as injustiças, lutar contra o latifúndio e preservar a vida acima de tudo. As fotos e o desenho (aparentemente fotografado de um mural, fig. 12) representam o cotidiano e a utopia do MST: a união dos trabalhadores gerando um novo amanhecer, que trará a fartura do alimento para o Brasil; um acampamento simbolizando a fase difícil da luta que será superada; a muda significando a produção dos assentamentos; uma sala de aula representando o estudo que traz conhecimentos ao trabalhador rural; a mesa cheia e a bandeira, aproximando a fartura ao MST; e a casinha, com flores e a bandeira, simbolizando a conquista da terra, vitória que traz beleza e felicidade. As fotos são unidas por uma borda de filme, o que ressalta a continuidade e a seqüência lógica das imagens: que vão da união e luta dos acampamentos até a fartura do assentamento.

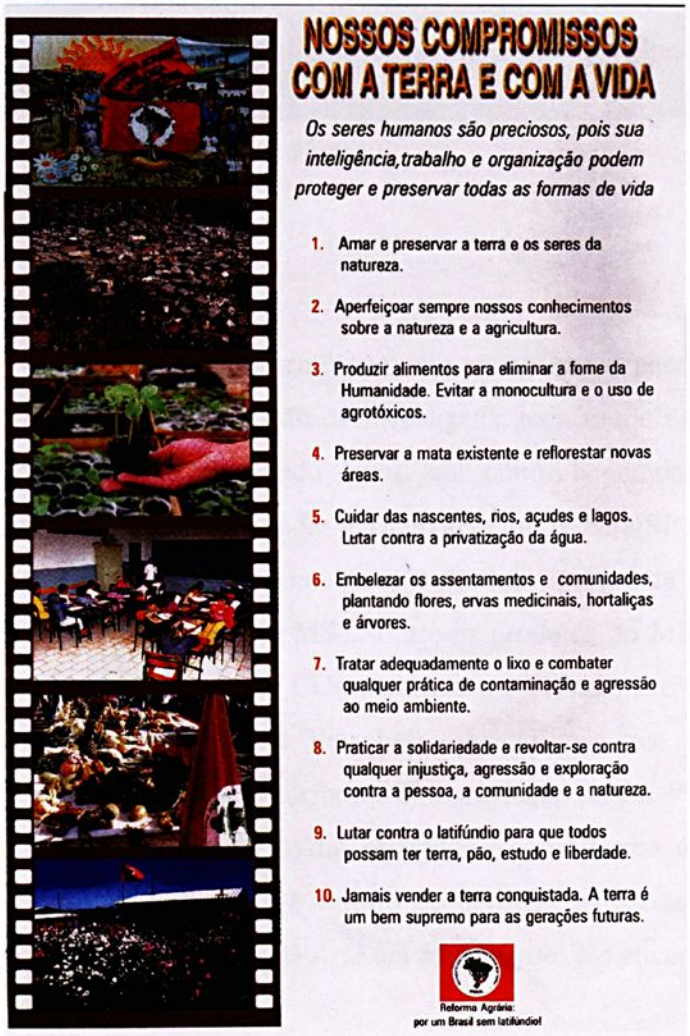


Figura 11



Figura 12

4.3.3 Mídia Terciária

Beth e Pross (1987), ao definir a mídia terciária como aquela que depende de aparatos não só para a emissão, mas também para a recepção de mensagens, toca fundo na problemática da posse da indústria das consciências. Buscando levar sua contra-hegemonia ao espaço da comunicação terciária, o MST dispõe de uma rádio participativa em Itaberá/SP e uma rádio poste em Ribeirão Preto/SP. Além disso, o setor de comunicação produz o programa radiofônico *Vozes da Terra*, disponível para download no site do MST. Entre os produtos do MST que podem ser caracterizados como mídias terciárias estão os CDs musicais e o próprio site do movimento. O projeto *Cinema na Terra*, patrocinado pela Petrobrás, leva filmes aos acampamentos e assentamentos. Vejamos como essas esferas contribuem com a criação do CR-P alternativo.

Nas analises de alguns exemplos da mídia secundária constatamos a importância das músicas na formação política do MST. Com o intuito de divulgar as idéias e a arte popular presente nessas canções, o MST organizou o CD *Arte em Movimento*. No encarte do CD, há uma apresentação do projeto:

> Este é o nosso primeiro CD. Com ele, pretendemos registrar as composições dos nossos artistas que mais fizeram sucesso no Movimento desde a sua criação e apresentá-las à nação. São composições sobre e para a luta e que, agora reunidas, expressam o nosso entendimento da nossa caminhada.

No CD, composto por 18 músicas, o hino do MST e um poema, é demonstrada as fases da luta pela terra, as reivindicações e o lado místico que caracteriza o movimento. A música "Pra soletrar a liberdade", por exemplo, trata da reivindicação por uma educação de qualidade para os camponeses, defendendo a "Reforma Agrária também na educação". A preservação do meio ambiente aparece nas canções "Devoção à Amazônia" e de forma mística na canção "Terra e raiz" (I Oficina Nacional dos Músicos do MST). Esta última simboliza o contato entre o trabalhador a natureza, numa relação recíproca: "A terra guarda a raiz/ da planta que gera o pão/ a madeira que dá o cabo/ da enxada e do violão". Nessa canção a liberdade dos trabalhadores é representada como trabalho, amor e cultura. O sem terra não quer que falte o pão sobre a mesa do brasileiro.

"Descobrimos lá na base" trata da organização interna do MST e busca animar o camponês para a luta. O refrão diz "E vamos entrar naquela terra e não vamos sair. Nosso lema é ocupar, resistir e produzir". A luta de classes é representada na canção, assim como a luta contra o capitalismo. A união da classe organizada trará um novo "amanhecer", que é a força popular levantando a bandeira da Reforma Agrária. A luta vai ser árdua, já que os adversários "têm dinheiro para comprar armas no estrangeiro pra poder matar a gente". A canção prepara os acampados para as fases da luta, buscando evitar as dissidências e desistências, afinal, esse ciclo, da ocupação à conquista, podem durar vários anos.

No geral, as músicas abordam o tema da identidade do militante camponês, a necessidade da ação política com celebração e divulgação da estratégia de luta do movimento. As fases da luta são apresentadas como estratégias para alcançar a terra e fazer a revolução. No CD, a questão de gênero apenas aparece em uma canção. Em "Causa nobre", a mulher "tem outras lutas além do fogão" e deve participar ativamente do MST. Nas canções, a Reforma Agrária não divide apenas a terra entre os oprimidos, ela acaba com a fome e o desemprego, elimina a tristeza e preserva a natureza. O inimigo é o capitalista, o burguês e o latifundiário. A ação de luta pela Reforma Agrária é vista como uma ação pelo país. Em "Ordem e progresso" vemos que a causa nobre dos sem terra ocorre "por amor a esta Pátria-Brasil". Os militantes trarão a felicidade e o alimento à nação. Brincando com as cores da bandeira do Brasil, a canção caracteriza como ordem ninguém

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

passar fome e como progresso o povo feliz. Ressignificando a bandeira do Brasil, o sem terra entrega-se ao prazer e orgulho de ser brasileiro.

Em "Candelária" o tema é à crítica a política do uso de armas contra os oprimidos. Sem falar da questão agrária, a música é uma denúncia à violência policial contra os meninos de rua que fogem da solidão. O massacre é visto como estampa e vergonha do país.

Os 500 anos do Brasil são comemorados como meio século de resistência índia, negra e popular, a história do país é vista como a luta dos oprimidos contra os opressores. A canção relembra Zumbi, que assim como o MST, marcha contra a escravidão. Outros lutadores do povo, como Martí e Che Guevara, também são citados nas músicas.

Che Guevara, na canção "Companheiros de Guevara" é uma presença quase "santa" que ilumina a luta, despertando a rebeldia dos militantes. Ao brindar o ontem, será resgatado o "bom comandante". Na canção "Luz da América" é exaltada Cuba, a pequena ilha que é "elegante" e forte "como um gigante". Construída pela força da guerrilha, representada como braços do povo, a ilha é vista como um exemplo a ser seguido, sendo "massa" e fermento do caminhar do MST. O refrão diz "somos desta terra, somos companheiros" e a história de Cuba não pára enquanto nascer um menino. Celebrando a revolução cubana, a música afirma que os militantes, mesmo que não queiram, são os "coveiros" do imperialismo.

A revolução cubana, talvez devido à mística que a envolve, não passa por uma avaliação crítica em nenhuma esfera do movimento. Não cabe neste trabalho uma avaliação dos avanços e retrocessos do socialismo em Cuba, contudo, a polêmica apaixonada dos caminhos e descaminhos da pequena ilha é abafada nas esferas midiáticas do MST. Mesmo no livro "A história da luta pela terra e o MST" o tópico que trata da revolução cubana termina na explicitação da relação entre a ilha e a União Soviética, não trazendo as análises para os dias de hoje. A paixão pela rebeldia acaba por ocultar uma reflexão mais séria sobre o modelo cubano. Contudo, o aspecto que parece ser ressaltado com mais intensidade é a oposição de Cuba ao imperialismo estadounidense, motivo suficientemente forte para o MST apoiar a ilha.

O MST também passou recentemente a apropriar-se da tecnologia do rádio. O *Vozes da Terra* é o programa de rádio do MST e surgiu em 2000, por meio de uma parceria com a Universidade Católica de Santos (Unisantos). Os programas são enviados para cerca de 500 rádios (comunitárias e comerciais) espalhadas por 16 estados brasileiros e também podem ser ouvidos e baixados pela internet. A produção é feita por jornalistas do setor de comunicação e

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

estudantes universitários. Segundo o site do MST, ao todo já foram produzidos mais de 16 CDs temáticos. Os slogans do programa direcionam sua abordagem: "Uma revolução no campo das idéias" e "O programa da cidadania e da democracia no campo".

Temas como guerra, agronegócio, educação, cultura, projeto popular, violência no campo, soberania e transgênicos, são abordados pelos programas que analisamos. Permeado com músicas populares e entrevistas, os programas possuem uma característica educativa muito forte. O tema imperialismo é constante e os abusos dos EUA são condenados por intelectuais como José Arbex Jr. As empresas multinacionais são identificadas como inimigas do trabalhador rural. No caso dos transgênicos, a defesa do patrimônio da semente como um bem de todos é contraposto aos interesses da empresa *Monsanto*, que pressiona a liberação do plantio de sementes geneticamente modificadas no Brasil. O projeto popular é visto como a possibilidade de modificar a situação dos trabalhadores, sendo uma inversão do projeto elitista aplicado no país. A reforma agrária aparece como o primeiro passo desse processo. A mudança da mentalidade do trabalhador somado à intensificação de ações políticas é visto pelo entrevistado Plínio de Arruda Sampaio Jr, como a principal estratégia para a construção da nova realidade. César Benjamim, outro entrevistado, aponta cinco grandes compromissos do projeto popular: a soberania do país, a solidariedade com todos os brasileiros, o desenvolvimento dos recursos brasileiros a serviço dos trabalhadores, a sustentabilidade do modelo (socialmente justo e ecologicamente sustentável) e a democracia ampliada, ou seja, o controle efetivo do povo sobre os centros de poder em todos os níveis. Quatro grandes reformas são necessárias a esses compromissos: democratização da terra, da riqueza, da informação e da cultura. Esse eixo forma o núcleo central da reflexão sobre o projeto popular para o Brasil.

O programa "Vozes da Terra" passou a ser mais informativo e menos temático. Atualmente, ele dissemina as notícias dos fatos que ocorrem na esfera do movimento. Produzido pelo setor nacional de comunicação, o programa faz parte da estratégia interna e ao mesmo tempo externa de divulgação do pensamento do MST. O programa, assim como o jornal, faz parte da "voz oficial" da organização. Dentre os últimos temas apresentados nos programas, estão a crítica ao agronegócio dos eucaliptos, que geram o deserto verde; a defesa do projeto popular para a agricultura; as mobilizações nos estados; a Reforma Agrária como uma luta de todos, campo e cidade, com o objetivo de acabar com a fome; o massacre de Carajás e a impunidade; a violência no campo; a eliminação do trabalho escravo como uma defesa do MST e as lutas do dia

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

internacional da mulher com exemplos de mobilizações pelo país. Os programas, de cerca de três minutos também trazem algumas entrevistas, como as realizadas com João Pedro Stédile, Dom Tomás Balduino e Maria Gorete Sousa, personalidades ligadas ao próprio movimento.

Já o projeto "Cinema na Terra" faz parte da estratégia do MST de democratização do acesso à cultura. A escolha dos filmes baseia-se na adequação às idéias e princípios do movimento. Dois casos podem ser enumerados como exemplo: o filme "Uma onda no ar", de Helvécio Ratton (2002) e "Diários de Motocicleta", de Walter Salles (2004).

O filme "Uma onda no ar" foi escolhido por incentivar o protagonismo popular na gestão do rádio. Na Oficina de Rádio em Itaberá/SP, o filme fez parte da programação do evento. Os desafios e obstáculos à consolidação de uma rádio comunitária é bem ilustrado no filme, em que moradores de uma favela criam uma rádio popular. A questão legal e a repressão ao veículo também são apresentadas pelo vídeo, que acaba possuindo um papel didático na elucidação das questões referentes à democratização das comunicações, bandeira levantada pelo MST.

Já o *roadmovie* de Walter Salles foi escolhido pelo movimento por apresentar a juventude do ícone Che Guevara. No filme, a viagem do jovem Ernesto e seu amigo Alberto Granado pela América Latina representa o amadurecimento de Che e a descoberta da opressão sofrida pelos povos latinos. A passagem final do filme, que mostra a travessia de Guevara pelo rio Amazonas representa a conversão do personagem em favor dos oprimidos. Ao abandonar o conforto e se dirigir com grande esforço até a colônia dos leprosos, Ernesto realiza a escolha que norteará as suas ações futuras na guerrilha. A construção do personagem Che é realizada com muita maestria e de forma não panfletária, o que oculta o conteúdo político da obra e facilita a absorção dos valores contidos no filme. A viagem, diz o próprio Che no final da película, mudou sua vida para sempre.

O MST utiliza a figura de Che Guevara como uma espécie de modelo de militante, um homem novo como o guerrilheiro gostava de afirmar, que com compromisso pela luta revolucionária, ousou transformar a realidade do povo latino americano. Che é o "lutador do povo" mais citado nas representações do MST. O filme faz parte desse conjunto ilustrativo, composto por canções, cartilhas, cartazes, camisetas e livros da editora Expressão Popular.

O movimento também alcançou o espaço da internet. O site do MST serve para divulgar notícias, campanhas, abaixo assinados e trazer artigos de intelectuais da esquerda popular.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> A Internet representa uma nova era para a mídia alternativa. Sendo uma infra-estrutura interconectada para múltiplas formas de comunicação, ela promove um período de convergência das tecnologias de mídia. Ao proporcionar a transmissão fácil de textos simples bem como os meios de combinar e recombinar uma série de formatos de mídia e atores sociais, permite a distribuição de conhecimentos e recursos a quase todos os lugares do globo, de maneira até então inédita (DOWNING, 2002, p. 270).

Nesse novo espaço, o MST apresenta suas informações, suas publicações, divulga seu calendário de lutas e apresenta suas músicas e programas de rádio para o internauta baixar. O site volta-se tanto para os membros internos, quanto para o público externo, buscando divulgar as idéias do MST. Informações sobre as movimentações de outros sujeitos políticos, que fazem parte da esquerda popular, ganham espaço nas notícias divulgadas. Moraes (2005) afirma que nos tempos de hoje, a rede aparece como um espaço que pode democratizar a informação e propiciar a ligação entre os movimentos sociais, ONGs e ativistas do mundo inteiro.

> Neste ambiente tendencialmente interativo, a cibermilitância traduz-se em campanhas, manifestos, informações em tempo real, oficinas de cidadania, cursos à distância para formação de ativistas e centrais de denúncias de violações de direitos humanos. As entidades valem-se de recursos como correio eletrônico, grupos de discussão, bases de dados compartilhados e fóruns para a discussão de políticas públicas e parcerias em eventos. As experiências buscam compatibilizar programas e objetivam o fortalecimento dos laços comunitários - na contramão, portanto, do ideário neoliberal, que menospreza a organização social e desqualifica a política como ação pública transformadora.

O MST consegue articular atividades conjuntas com outros movimentos por meio desse suporte, como é o caso da Assembléia Nacional Popular e o Fórum Social Mundial. O conteúdo do site é desenvolvido pelo setor nacional de comunicação, que articula as informações recebidas em nível nacional pelo MST e pelos outros movimentos populares que o apóiam. O contato entre as secretarias regionais, estaduais e federais também utiliza desta ferramenta, por meio de e-mails e conversas em tempo real.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

4.4 O CR-P alternativo no MST

O conjunto das representações manifestadas nas mídias do MST compõe um CR-P alternativo às visões e valores hegemônicos por defender posturas e idéias que buscam uma emancipação real dos trabalhadores rurais, enquanto a hegemonia legitima o sistema produtivo capitalista. Essa libertação passa necessariamente pela transformação do Brasil. Para o MST, não basta apenas a divisão de terras em lotes, é todo o sistema produtivo que deve ser refundado, tendo por base a participação dos camponeses e operários.

Ao realizar a diputa no campo dos valores e idéias, buscando a adesão e a conquista de corações e mentes para a causa da transformação social, o movimento atua de forma contra-hegemonica. Nas mídias do MST, que, concordando com Pross e Downing, conceitualizamos de forma ampla, os significados políticos se manifestam e, de acordo com Williams, eles passam a constituir materialmente a realidade, sendo um fator determinante na criação das visões de mundo do militante sem terra e dos simpatizantes que entram em contato com as mídias da organização. Essas representações colaboram com a criação de valores que atuam como uma direção moral e intelectual a ser seguida pela ação política. O cenário criado pauta os temas das reflexões e cria a constelação simbólica que envolve as pessoas que participam da organização.

A hegemonia é um processo vívido, se articula e se refaz de forma dinâmica, sempre buscando afirmar uma forma de convívio social. Ao aparecer como um elemento questionador dos valores predominantes na sociedade, o MST aparece como um sujeito coletivo que propõe um novo equilíbrio de forças e a recomposição social tendo como eixo central o homem, e não o mercado, como defende o modelo vigente. O movimento torna-se um espaço de formação contínua e em suas atividades a cultura e a política mesclam-se e a identidade do camponês militante é construída. As visões do MST, contudo, entram em choque tanto com a tradição camponesa quanto com os valores hegemônicos arraigados, gerando uma síntese que cimenta modos de vida antes esquecidos ao mesmo tempo em que modifica as motivações ideológicas dos sujeitos.

Podemos agrupar as principais representações políticas do MST nos seguintes temas, que são cenários políticos e culturais que se agrupam no CR-P alternativo:

unesp

a) Crítica ao modelo vigente

O movimento realiza uma contundente crítica ao capitalismo no campo. A globalização é vista como um processo de mercantilização que se aproxima do neoliberalismo, sua forma política. O modelo neoliberal e os partidos que se aproximam desse receituário são rotulados como inimigos da classe trabalhadora. Dessa forma, as idéias que se baseiam no livre mercado, na diminuição do Estado e na privatização dos bens públicos são rechaçadas pela organização. As posturas políticas que afirmam que o agronegócio é o melhor modelo para o desenvolvimento do país também são alvo de críticas pelo MST. Por ser excludente e beneficiar apenas os grandes fazendeiros, o agronegócio é apresentado como adversário das cooperativas e da agricultura familiar presentes nos assentamentos do movimento. O latifúndio e o agronegócio são os modelos a serem combatidos pelo MST, a reforma agrária é vista como uma viável divisão de riquezas e solução contra a miséria. O modelo agroexportador baseia-se na produção em larga escala de uma única cultura, dependendo de agrotóxicos e maquinaria pesada para intensificar o cultivo. A base marxista das análises é visível e o papel dos intelectuais críticos na propagação da idéias e da reflexão sobre os males do capitalismo é determinante para a consolidação da esfera emancipatória, que Mészáros define como "contraconsciência".

> Compreensivelmente, portanto, a ideologia socialista de início não poderia ser outra senão a "contraconsciência", para ser capaz de negar as práticas materiais e ideológicas dominantes da ordem estabelecida. Nas circunstâncias de hegemonia ideológica do capital, as premissas fundamentais da alternativa socialista não podem deixar de ser articuladas como uma contraconsciência que desafia a coercitividade internalizada e como uma rejeição clara – ainda que necessariamente limitada – do poder das restrições, sócio-historicamente contingentes, que são elevadas a um status absoluto para negar toda a alternativa; e esta rejeição deve se dar não importa quão reais tais restrições possam ser dentro de seus próprios termos de referência (MÉSZÁROS, 2004, p. 532).

Com a eleição de Lula para a presidência em 2002, o movimento começou a assumir um posicionamento na linha de uma espécie de apoio crítico, ou seja, não pede a remoção do presidente, mas crítica-o e pressiona-o para a realização da reforma agrária. Não mudando suas estratégias políticas com a chegada do PT ao poder, o movimento pautou no último ano a discussão em torno da mudança da política econômica do governo. Essa política é vista como

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

prejudicial ao desenvolvimento social, gerando desemprego e miséria ao mesmo tempo em que privilegia o capitalismo financeiro.

b) Mística dos valores utópicos

A futura sociedade, livre do julgo e da exploração do capital, é representada de forma mística, antecipando na vida presente os valores humanistas e socialistas. O novo "amanhecer" aparece como sinônimo de paz, tranqüilidade, harmonia, amizade e fartura. O trabalhador rural e a terra irão se reencontrar e desse contato, na sociedade construída pelas mãos calejadas dos camponeses, nascerá uma nova era. Ao celebrar o futuro no presente, as mediações necessárias à transformação social são encontradas. A utopia de uma nova organização social norteia de forma teleológica as ações do MST e serve de bálsamo nos momentos de sofrimento. Os sacrifícios da luta pela terra são apontados como desafios que serão superados com o porvir.

c) Memória da esquerda

O passado é revisitado de forma mística. Assim como o futuro torna-se vivo nas representações culturais, o passado também ganha vivacidade nos textos culturais. Os mártires das lutas sociais são objetos de adoração e suas histórias iluminam os caminhos do trabalhador sem terra. Esses personagens históricos são celebrados como heróis e devem ser honrados e vingados na luta que virá. Como a mobilização é vista como única forma de mudar a realidade, o passado dos movimentos reivindicatórios é resgatado como exemplo a ser seguido. Essas experiências são avaliadas a luz da conjuntura política atual, proporcionando tanto a reafirmação como a negação de estratégias das antigas forças de oposição.

d) Combate e inimigos

Na luta de classes, há sempre um inimigo à espreita. Os jagunços, as classes opressoras, o latifundiário, o empresário, a direita... Eles às vezes são vistos de forma genérica, às vezes recebem nomes e rostos, mas sempre há a identificação do adversário político e da inevitável batalha com eles. No período Fernando Henrique Cardoso, a figura do presidente concentrava

unesp

tudo que deveria ser repelido pela organização. Quase como uma espécie de ditador, que tinha em suas mãos o controle da mídia, do Estado e da polícia, FHC deveria ser combatido com todas as forças. Com Lula, que até pôs o boné do MST, a crítica recai a elite como um todo, que com seu poder político e financeiro conseguiu destruir os ideais construídos pela esquerda petista. Na visão da figura de Lula e seu governo, há representações que tanto o criticam, colocando-o como inimigo da reforma agrária, como as que ainda acreditam que ele pode, sobre pressão, tornar-se uma força de mudanças na política. No caso da crise política gerada pelas denuncias de corrupção no governo, o MST posiciona-se numa postura de crítica, mas que responsabiliza o modelo neoliberal por gerar os corruptores. O movimento não personaliza a questão ética, preferindo aprofundar-se nas relações promíscuas entre o setor público e os interesses privados.

Já a figura de Bush é vista como a face do imperialismo e do capitalismo. Com a guerra contra o terror, o presidente dos EUA tornou-se o grande vilão da esquerda global. Os valores consumistas dos EUA também são apresentados como nocivos à prática militante.

O confronto entre as classes é apresentado como inevitável se as camadas subalternas quiserem modificar sua realidade. Para o MST, não há futuro sem disputa e os militantes não devem temer o confronto com a direita e com a burguesia.

e) Mobilização e revolução

A ação política é vista como a única forma de conquistar os objetivos pretendidos pelo MST. No final das análises manifestadas nas esferas do movimento, o instrumento de transformação é a consciência da necessidade da luta. Com o povo nas ruas, defendendo seus direitos, a correlação de forças pode mudar em favor dos movimentos sociais. A revolução aparece como sinônimo da luta pela reforma agrária. O sentido da luta desenvolvida aponta para uma reconstrução da engrenagem social, em que o MST colabora com o planejamento de alternativas a política neoliberal. O chamado Projeto Popular para o Brasil é discutido e composto em encontros com outras organizações da sociedade civil. Esse projeto norteia grande parte das visões sobre as medidas a serem aplicadas e o objetivo maior do movimento, a consolidação do modelo popular. Com a pesada carga simbólica (pós muro de Berlim) que o termo revolução passou a ter, o MST, embora ainda o utilize em algumas músicas e cartilhas, prefere afirmar que está buscando fortalecer o poder popular e acabar com a desigualdade entre os homens. O

unesp

discurso corrente sobre a cidadania adquire o significado de protagonismo político, ou seja, ser cidadão é atuar no sentido da construção do poder popular.

A mídia radical tem o papel de realimentar a necessidade de mudanças mais profundas, mesmo quando elas pareçam inviáveis no contexto presente. A mediação necessária à efetivação do ambicioso projeto é a conscientização em torno da necessidade da luta popular e a ação política constante, que muda a correlação de forças sociais. A revolução cubana é vista como um exemplo nos avanços sociais, assim como a plataforma política do presidente venezuelano Hugo Chavez, visto como aliado dos movimentos sociais da América Latina.

f) Cultura camponesa

Quase sempre retratada como oposta à indústria cultural capitalista, a cultura popular possui o papel de promover a criatividade e a atitude do trabalhador rural. O "jeito de ser" do camponês deve ser preservado, contudo, os vícios de uma cultura machista e anticoletivista são atacados sem pudores. Longe de ser vista como natural, a cultura camponesa pode ser um desafio às estratégias do MST em criar cooperativas e agroindústrias em seus assentamentos. A forma de produção autônoma e familiar, presente na cultura camponesa, entra em choque com a coletivização defendida pelo movimento. Ciente que economicamente há inúmeras vantagens na produção compartilhada, o movimento tenta, com todas as forças, incentivar a coletivização na produção (algo que ocorre de forma bem sucedida em Itaberá/SP), mas as formas de cultivo tradicionais na cultura camponesa são defendidas pelos camponeses, que buscam uma maior autonomia sobre sua produção. A defesa do meio ambiente passa, muitas vezes, pelo reconhecimento da importância em cuidar da natureza que fornece o alimento aos lavradores.

A nova cultura criada, do militante camponês sem terra, ressignifica valores tradicionais da cultura camponesa, como as práticas agrícolas, a culinária, o misticismo e as festas. A luta pela terra é demonstrada como a luta pelo reenraizamento do trabalhador ao campo, possibilitando sua liberdade. Como o movimento baseia-se na participação efetiva de seus componentes, a política cultural do MST visa inserir o ideário da organização nas visões de mundo que compõem o imaginário cultural do camponês, o que gera constantemente temáticas relacionadas a essa cultura.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

g) Democracia

Democracia para o MST significa participação ativa nos processos decisórios. Embora o calendário eleitoral seja visto como uma conquista dos trabalhadores em escolher seus representantes, a democracia formal é vista como insuficiente para consolidar os interesses das classes subalternas. Para o movimento, a construção do poder popular e o controle efetivo dos processos decisórios pelas massas são os principais desafios.

h) Organização

A imagem do MST como instrumento das classes oprimidas no campo é construída nas representações. A organização interna do movimento, com seus setores e coordenações, é apresentada como efetiva e democrática. Os símbolos maiores do MST, a bandeira e o hino, são apresentados como síntese da luta política, como se concentrassem os valores defendidos pela organização. O culto a esses símbolos é constante e motivam a emoção pelo pertencimento ao movimento social.

O povo conquista seus direitos quando luta organizado. Estar organizado, para o MST, é o mesmo que obedecer a hierarquia interna de funcionamento do movimento e respeitar as decisões tomadas. A participação nesses setores é incentivada, mas devem passar pelas esferas coletivas de decisão, como encontros e congressos. As dissidências nunca são retratadas nas mídias. A coesão interna do movimento é apresentada como se houvesse apenas consenso entre os militantes, talvez para demonstrar a unidade nos princípios políticos. Debates internos nunca são retratados, sendo relegados aos espaços de debate em que devem ser abordados, ou seja, nos encontros estaduais e regionais.

Esses temas manifestam-se nas mídias primárias, secundárias e terciárias do MST, que são um espaço em que os valores, princípios e objetivos do movimento são apresentados ao trabalhador rural. Embora não atue separadamente dos cenários hegemônicos de representação, o CR-P alternativo presente no MST atua como um eixo de idéias relativamente ordenadas que buscam consolidar uma perspectiva de oposição ao *status quo*, motivando o agricultor sem terra para a luta política e para a participação nas esferas decisórias da organização.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O protagonismo político ocorre na medida em que o sentido de pertencimento ao movimento e concordância com seus ideais ganha relevo. A participação na produção e gestão de mídias como o rádio é incentivada, mas, tendo como foco o estado de São Paulo, é um processo lento que esbarra em questões de desconhecimento técnico e de compromisso com a atividade. Para tentar motivar militantes para a comunicação, o MST/SP organizou uma Oficina de Rádio, realizada em Itaberá em março de 2006, que juntou trabalhadores do estado interessados em atuar no setor de comunicação e desenvolver rádios nos acampamentos e assentamentos (figs. 13, 14, 15 e 16). No evento foi demonstrado o papel do rádio, sua história, suas potencialidades e limites, bem como as técnicas de transmissão e de criação de conteúdos. Os militantes também foram instrumentalizados na recepção crítica da mídia, buscando enxergar os mecanismos de distorção da informação. As sementes do protagonismo popular na comunicação foram plantadas e os frutos deverão ser colhidos em breve.



Figura 13: Rádio Camponesa FM



Figura 14: Lema da emissora





Figuras 15 e 16: Exercícios de redação para programas radiofônicos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estratégia de comunicação do MST é baseada em duas frentes com características intervencionistas. Uma delas divulga as informações pelo olhar do movimento, possuindo um papel educativo e de formação política e é criada por um setor específico que recebe o aval da direção nacional. A outra, mais recente, busca instrumentalizar os militantes na gestão de veículos de comunicação, em especial o rádio.

A comunicação e a incomunicação, como em todas as esferas, andam juntas no movimento, o desafio em democratizar de fato tanto o acesso às informações (os jornais e as outras publicações não alcançam a maioria dos acampados e assentados) quanto uma real participação na produção de conteúdos aparece em diversos casos. Os comunicadores/ativistas do movimento, no entanto, buscam diminuir o fosso existente entre o setor de comunicação e os acampados e assentados, desenvolvendo estratégias para que essas comunidades desenvolvam seus meios populares de comunicação. Esses intelectuais orgânicos fomentam práticas que buscam ressaltar a importância da comunicação no MST e a necessidade da participação ativa dos acampados e assentados na construção do setor.

As inúmeras dificuldades, contudo, não diminuem a consciência do MST sobre a necessidade da democratização da comunicação. No movimento, contrariando a lógica de saturação imagética midiática hegemônica, desenvolve-se uma espécie de ecologia da comunicação. Por situar-se no campo, muitas vezes em locais sem energia elétrica, o acesso aos meios eletrônicos é mais difícil, fazendo com que as mídias primárias e secundárias ganhem relevo. Dessa forma, coexistem variadas formas de expressão que não se restringem, como vimos, às mídias de características massivas. Esta talvez seja a grande contribuição das mídias radicais alternativas, ou seja, proporcionar formas não convencionais de emissão de mensagens, preservando mecanismos mais espontâneos e arcaicos de comunicação.

O cenário de representação que encontramos nas mídias do MST é dinâmico, mas se interrelaciona com a memória coletiva do grupo que o constrói. Ao elencarmos algumas idéias que fazem parte desse conjunto simbólico, explicitamos as principais motivações do movimento e a sistematização das idéias que confrontam o modelo hegemônico. A estruturação dessa dimensão ampla de idéias demonstra sua predominância, mas não sua supremacia. A heterogeneidade de visões procedentes das mais variadas esferas e que muitas vezes realimentam

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

uma ideologia conservadora também se manifestam no MST. Contudo, como espaço de formação constante, que não se desvincula da prática política, o MST espacializa-se na mesma medida em que ganha a contribuição de novas experiências. A disputa de idéias que vão reger os valores centrais da entidade ocorre em diversos setores, mas isso não significa que não haja uma prioridade na divulgação das idéias já comprovadas por anos de luta política, idéias que vencem qualquer embate justamente por se aproximarem da dolorosa realidade dos trabalhadores rurais sem terra. São essas idéias que formam a contra-hegemonia, que não deixa de apontar para uma direção moral e intelectual, como já apontava Gramsci em sua estratégia de luta política.

O CR-P alternativo presente no MST colabora, dessa forma, para aglutinar um conjunto de significados produzidos na base de uma ideologia emancipatória, sendo uma força material de construção de verdades sociais. A realidade política é delimitada por esses cenários e, embora se relacione com outros cenários, inclusive o hegemônico, possui o papel histórico de forçar os limites do bloco histórico dominante, ampliando-se no sentido da construção de uma nova sociedade.

Nesses tempos de fragmentação de identidades e incertezas sociais, o MST aparece como um grande exemplo da possibilidade dos sujeitos voltarem a se enraizar. A comunicação do movimento, em seu papel de projetar uma identidade em torno de novos valores, humanistas e socialistas, demonstra a viabilidade de um novo modelo de difusão de informações, controlado e sustentado pelos sujeitos sociais organizados.

Um estudo de recepção, ainda por ser feito, pode buscar compreender os efeitos da comunicação do MST de forma mais concreta. Acreditamos que nosso estudo conseguiu, por meio de pistas presentes nos textos culturais e da observação participante, dimensionar o sujeito sem terra, contudo, só um estudo que se concentre na audiência poderá afirmar até que ponto às representações encontradas aparecem na consciência do trabalhador rural sem terra.

Se partirmos da concepção de que a comunicação no MST parte do corpo até os meios terciários é fácil constatarmos, pela própria participação e comportamento social dos militantes, a mudança de pensamento que é realizada nas bases sociais da organização. Os comportamentos políticos do grupo investigado balizam a materialidade do cenário alternativo encontrado. Pesquisas de recepção somadas aos estudos de estratégias de participação popular na gestão midiática podem proporcionar um maior dimensionamento da problemática que tentamos abordar.

unesp

O estudo das mídias radicais alternativas nos movimentos sociais é um caminho que pode auxiliar a práxis comunicativa das minorias oprimidas e levar a um novo patamar a discussão da democratização da mídia e da ampliação da mobilização por uma nova sociedade futura, talvez a única que possa interromper o inexorável destino de um sistema que beira seus limites estruturais. Se as reflexões de nosso trabalho contribuírem com esse debate, nosso objetivo maior terá sido alcançado.

unesp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, Emir e GENTILI, Pablo (Org). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANMTR (Acampamento Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais). **Trabalhadoras: gerando vida, semeando a terra, construindo a nova sociedade**. Passo Fundo, RS: março de 2002.

BAITELLO, Norval. O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária. In: FAUSTO NETO, Antonio et al. (org.). **Interação e sentido no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BAKTHIN, Mikhail. (V.N. Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo, SP: Hucitec, 1979.

BENJAMIM, Walter. Teses sobre a história. In: **Obras escolhidas**. _____. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e historia da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BETH, Hanno e PROSS, Harry. **Introducción a la ciência de la comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1987.

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra.** Salvador: Memorial das Letras, 1999.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra.** São Paulo: Expressão Popular, 2004.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DOWNING, John D.H. **Mídia radical:** Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora Senac, 2002.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Unesp: Editora Boitempo, 1997.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação.** São Paulo: Conrad Editora, 2003.

ESCOSTESGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais. In: HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luis C., FRANÇA, Vera Veiga (Orgs). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas, tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST**: Formação e Territorialização em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERNANDES, Bernardo Mançano e STÉDILE, João Pedro. **Brava Gente**: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, Regina e SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil.** São Paulo: paulinas, 1986.

FRANÇA, Vera Veiga. **Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?** In: Ciberlegenda nº 5, 2001.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto alegre: Tchê, 1987. Disponível em www.adelmo.com.br .

GOHN, Maria da Glória. **Mídia, Terceiro Setor e MST**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

GUARESHI, Neuza Maria Fátima. A criança e a Representação Social de poder e autoridade: negação da infância e afirmação da vida adulta. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

JACKS, Nilda e ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e recepção.** São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JORNAL DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (JST). Números 250 a 261. São Paulo, 2005-2006. Mensal.

KELLNER, Douglas. **A cultura da Mídia**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: Edusc, 2001.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LIMA, Venício A. de. **Mídia**: teoria e política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

MCCHESNEY, Robert W. Mídia Global, neoliberalismo e imperialismo. In: MORAES, Denis (Org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MÉSZÁROS, István. **Marx, nosso contemporâneo, e seu conceito de globalização.** Comunicação apresentada ao Encontro Internacional "Civilização ou Barbárie", Serpa, 23-25/09/2004.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, Denis. **Comunicação alternativa e redes virtuais**: os movimentos sociais na Internet. In: Revista Eletrônica Semiosfera, Ano 2, número 3, dezembro de 2002. Disponível em. Acesso em junho de 2006.

MORAES, Denis (org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MORAES, Denis (org.). **Sociedade Midiatizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST.** São Paulo: Expressão Popilar, 2001.

MOSCOVIVI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

MST. **DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis – Conhecer para evitar**. Maranhão, junho de 2000.

MST. **Plantando seremos milhões.** São Paulo, julho de 1999.

MST. **Quem somos.** Disponível em www.mst.org.br. 24/06/2004

MST. Comitê de Defesa da Democracia. **Basta de Presos Políticos! Liberdade para os reféns de Boituva!** São Paulo, agosto de 2000.

NABÃO, Maria Teresa Papa. **Homens e mulheres na luta pela terra (1960 –1994)**: Memória, tradição e cultura nas terras do assentamento Fazenda Reunidas. Assis, Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Dissertação (Mestrado em História), 2002.

OLIVEIRA, Francisco de. Neoliberalismo à brasileira. In: SADER, Emir e GENTILI, Pablo (Org). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

OLIVEIRA, Juarez, (Org). **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo: Saraiva, 1990.

OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. **Elementos visuais do Jornal Sem Terra**: reforço aos símbolos e à unidade. Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 2002.

PAOLI, J. Antonio. **Comunicación e información.** Perspectivas teóricas. Bogotá: Editorial Trillas, 1987.

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia Krohling. Da observação participante à pesquisa-ação no campo comunicacional: pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: MELO, José Marques de; e GOBBI, Maria Cristina (Org). **Pensamento Comunicacional Latino-Americano**: da pesquisa-denúncia ao pragmatismo utópico. São Bernardo do Campo: Umesp: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2004.

PINASSI, Maria Orlanda. **Da miséria ideológica à crise estrutural do capital.** In: Revista Margem Esquerda – ensaios marxistas nº 4. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.

PROSS, Harry. **A Economia dos Sinais e a Economia Política.** Disponível em www.cisc.org.br/biblioteca . Acesso em fevereiro de 2005.

PROSS, Harry. **Estructura simbólica del poder.** Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1980.

ROMANO, Vicente. **La formación de la mentalidad sumisa**. Madrid: Ensayo, 1998.

SADER, Emir. **Cartas a Che Guevara**: o mundo trinta anos depois. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

SADER, Emir (Org). **Gramsci: poder, política e partido.** São Paulo: Expressão popular, 2005.

SAWAIA, Bader Burihan. Representação e ideologia – o encontro desfetichizador. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A luta pela terra**: experiência e memória. São Paulo: UNESP, 2004.

SODRÉ, Muniz. O globalismo como neo-barbárie. In: MORAES, Denis (org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SUNKEL, Osvaldo. Globalização, neoliberalismo e reforma do Estado. In: PEREIRA, Luis C. WILHEIM, Jorge e SOLA, Lourdes (Org.). **Sociedade e Estado em transformação.** São Paulo: Unesp, 1999.

THOMPSON, Jonh B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Editorial Presença, 1987.

WOOD, Ellen e FOSTER, John Bellamy (Orgs.). **Em defesa da história.** Marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

0810001791



cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18